



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PAMELLA OPSFELDER DE ALMEIDA**

**ESTUDO ENUNCIATIVO DAS DESIGNAÇÕES DA PALAVRA
VAGINA EM TEXTOS DE DIVULGAÇÃO DE
CONHECIMENTO SOBRE A ANATOMIA FEMININA**

CAMPINAS

2019

PAMELLA OPSFELDER DE ALMEIDA

**ESTUDO ENUNCIATIVO DAS DESIGNAÇÕES DA PALAVRA *VAGINA*
EM TEXTOS DE DIVULGAÇÕES DE CONHECIMENTO SOBRE A
ANATOMIA FEMININA**

**Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem,
da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciado em Letras – Português.**

Orientador: Prof^a Dr^a Mônica Graciela Zoppi-Fontana

CAMPINAS

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, principalmente à minha avó Sônia, que sempre valorizou e incentivou meu trabalho, e ao meu tio Celso, que me ensinou a pensar como uma cientista.

Às minhas amigas, que me apoiaram nos dias difíceis, em especial Poliana Penedo.

Ao Mateus, pelas noites em que estive acordado para me ouvir.

Aos professores do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, que me apresentaram conhecimentos de extrema importância, sem os quais esse trabalho não poderia ter sido realizado, e à minha orientadora Mônica Graciela Zoppi-Fontana, por acreditar no potencial deste projeto, pela paciência e pelas críticas construtivas.

Dedico este trabalho a todas as mulheres que possibilitaram que estas páginas fossem escritas; às que me ouviram, que me apoiaram, me criticaram, àquelas que lutaram e não conheci. E também a mim mesma, por não desistir.

Resumo

Na terminologia biológica, o termo *vagina* é utilizado para descrever o canal que liga o colo do útero à vulva. Contudo essa palavra é comumente empregada como sinônimo de vulva ou do conjunto vulva e canal vaginal. Tendo em vista esse deslize de sentidos, esta pesquisa analisa, sob a fundamentação teórica da Semântica do Acontecimento de Guimarães (2017, 2018) as designações da palavra *vagina* em cinco textos disponíveis na *internet* que se pretendem divulgadores de conhecimento sobre a anatomia feminina. Para isso, utilizou-se a categoria metodológico-descritiva da cena enunciativa e investigou-se o funcionamento dos processos enunciativos de reescrituração e articulação nos materiais analisados. Verifica-se que as reescriturações da palavra *vagina* caracterizam-se pela interdição dessa palavra, reescriturada por metáforas e eufemismos. Além disso, observa-se que essas reescriturações tendem a totalizar ou condensar os órgãos genitais femininos na palavra *vagina*, de modo a transferir para ela propriedades de outros órgãos, como o clitóris, de maneira a subordinar o prazer sexual da mulher ao estímulo vaginal. O estudo das relações de articulação se deu por meio da análise das articulações de argumentatividade e revelou que todos os textos iniciam-se com uma justificativa para sua redação, argumentando que as mulheres não conhecem sua própria anatomia e que esse saber poderia melhorar sua saúde e vida sexual. Sustentando-se em enunciadores-universais, os diferentes locutores sustentam para seus alocutários-leigos que existem finalidades para as estruturas que compõem a anatomia feminina, geralmente relacionadas à performance da relação sexual de penetração vaginal e ao parto. Dessa forma, observou-se que as determinações da palavra *vagina* relacionam-se a práticas sexuais específicas que dialogam com discursos cristalizados a respeito da sexualidade e do prazer femininos.

Palavras-chave: Semântica do Acontecimento; Designação; Anatomia feminina

Abstract

In biological terminology, the term *vagina* is used to describe the canal that connects the cervix to the vulva. However this word is often used synonymously with the vulva or the vulva and the vaginal canal. Given this slide of meaning, this research analyzes under the theoretical foundation of Guimarães's Event Semantics (2017, 2018) the designations of the word *vagina* in five texts available on the *Internet* intended to disseminate knowledge about the female anatomy. For that we used the methodological-descriptive category of the enunciative scene and investigated the functioning of the enunciative processes of rewriting and articulation in the analyzed materials. It is verified that the rewritings of the word *vagina* are characterized by the prohibition of this word, which is rewritten by metaphors and euphemisms. In addition, it is observed that these rewritings tend to totalize or condense the female genitals in the word *vagina* so as to transfer to it properties of other organs such as the clitoris in order to subordinate women's sexual pleasure to vaginal stimulation. The study of articulation relations took place through the analysis of the articulations of argumentativeness and revealed that all texts begin with a justification for their writing, arguing that women do not know their own anatomy and that this knowledge could improve their health and the quality of their sex lives. Based on universal enunciators the different speakers maintain for their lay allocators that there are purposes for the structures that make up the female anatomy, usually related to the performance of vaginal intercourse and childbirth. Thus, it was observed that the determinations of the word *vagina* are related to specific sexual practices that dialogue with crystallized discourses about female sexuality and pleasure.

Keywords: Event Semantics; Designation; Female anatomy

SUMÁRIO

1. Introdução: o que é vagina?	8
1.1. Justificativa	9
1.2. Objetivos	10
1.2.1. Objetivo geral	10
1.2.2. Objetivos específicos	9
1.3. Fundamentação teórica: a Semântica do Acontecimento	11
1.4. Metodologia	13
2. A normatização dos desejos na cena enunciativa	15
2.1. Análise e discussões	16
2.2. Algumas considerações	42
3. As reescrituras da palavra <i>vagina</i>	46
3.1. Análise e discussão	47
3.1.1. Reescrituração por <i>repetição</i>	47
3.1.2. Reescrituração por <i>substituição/ elipse</i>	49
3.1.3. Reescrituração por <i>expansão</i>	53
3.1.4. Reescrituração por <i>condensação</i>	54
3.1.5. O caso das metáforas e eufemismos	55
3.1.6. Análise das reescrituras em dois recortes do <i>corpus</i>	58
3.2. Algumas considerações	62
4. As relações de articulação: a orientação argumentativa	65
4.1. Análise e discussão	66
4.2. Algumas considerações	98
5. Conclusões	102

Referências bibliográficas.....	108
Textos analisados.....	110

1. Introdução: o que é vagina?

Nas ciências biológicas, o termo *vagina* é utilizado anatomicamente para descrever o canal que liga o colo do útero à vulva. Contudo, fora da literatura médica essa palavra é comumente empregada para se referir à genitália externa feminina, funcionando como sinônimo de vulva ou do conjunto vulva e canal vaginal, inclusive em textos de divulgação científica ou que se propõem informativos. Nesses textos, a palavra *vagina* possui *designações* diversas daquelas que se esperaria encontrar baseando-se na terminologia médica. Esse desliz de sentidos existe porque a designação se dá na enunciação, no ato de enunciar, e não por uma relação preexistente de sentido entre uma palavra e o real.

O emprego, em enunciações específicas, do termo *vagina* para se referir a diferentes partes da genitália feminina, por vezes toda ela, gera o apagamento dessas partes em privilégio do canal vaginal, que passa a significar também pequenos e grandes lábios, clitóris, monte de Vênus, etc. Esse apagamento ocorre porque ao se empregar uma palavra, não se está empregando outras; evidencia-se, assim, uma escolha lexical – e os sentidos que ela evoca – em detrimento de outras possíveis. Assim, a substituição de termos anatômicos diversos pela palavra *vagina* produz sentidos sobre a sexualidade feminina.

Dessa forma, esta pesquisa propõe-se a analisar as designações do termo *vagina* em textos disponíveis na *internet*, mais especificamente em páginas que se pretendem disseminadoras de conhecimento, como *sites* de dicas para mulheres, curiosidades ou de divulgação científica, de forma a compreender como essas enunciações se relacionam com discursos cristalizados a respeito da sexualidade e do prazer da mulher. Como fundamentação teórico-metodológica será utilizada a *Semântica do Acontecimento* conforme concebida por Guimarães (2007, 2017, 2018). Considerar-se-á, portanto, as operações enunciativas de reescrituração e articulação, apontadas pelo autor como os principais processos que descrevem o funcionamento e as relações das formas simbólicas na enunciação.

Nessa perspectiva teórica, a operação de reescrituração representa as retomadas de uma palavra ao longo de um enunciado ou texto, os redizeres e reformulares por meio dos

quais essa palavra é predicada. A operação de articulação, por sua vez, representa as relações de contiguidade locais entre as formas linguísticas, ou seja, “como o funcionamento de certas formas afetam outras que elas não redizem” (GUIMARÃES, 2007, p. 88).

Assim, a pergunta motivadora que coloca esta pesquisa em movimento é: quais são as designações do termo *vagina* nos textos de divulgação de conhecimento sobre a anatomia feminina selecionados e como essas designações tecem discursos sobre a sexualidade e os prazeres femininos?

1.1. Justificativa

Como defende Guimarães (2017), para a posição de semanticista dos estudos da linguagem, “o sentido das expressões linguísticas não é referencial, ou seja, não pode se apresentar a partir do conceito de verdade” (GUIMARÃES, 2017, p. 7). Em outras palavras, não há nada que una um termo a algo no mundo e nem um termo a outros. A relação da linguagem com o real não é transparente, mas política e histórica. Desse modo, o uso do termo *vagina* para substituir *vulva* ou para se referir a outras partes da genitália feminina não é ahistórico ou despropositado, e realizar um estudo nessa linha é fundamental para o questionamento de discursos prescritivos a respeito das mulheres, de seus corpos e seus prazeres que são, muitas vezes, naturalizados na literatura médica e em textos de divulgação científica.

Conforme Guimarães (2017), “enuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico” (GUIMARÃES, 2017, p. 15). Dessa forma, as construções simbólicas de gênero e sexualidade perpassam as interpretações do real, determinando o que pode ser pensado/fantasiado e o que é impensável. Nesse sentido, estudos que se proponham a investigar as enunciações que naturalizam e cristalizam discursos pedagogizantes a respeito da sexualidade feminina podem auxiliar na compreensão e na desarticulação dos construtos sociais que se fazem na e pela enunciação.

Além disso, uma pesquisa fundamentada na Semântica do Acontecimento, tal como proposta por Guimarães (2007, 2017, 2018), que se proponha a analisar os sentidos da palavra *vagina* ou outros termos relacionados ao aparelho reprodutor humano ainda não foi realizada, de forma que este estudo trará contribuições novas para os estudos de gênero e também

estudos semânticos.

Várias pesquisas na mesma fundamentação teórico-metodológica têm sido realizadas na última década, a exemplo da monografia de Santos (2013), sobre as designações da palavra *Cidadãos* nos discursos de Prudente de Moraes e Campos Sales, bem como os estudos de Leal (2013) e Rodrigues (2014). Nos estudos enunciativos da designação e na temática dos estudos de gênero e sexualidade, existem pesquisas sobre os sentidos da palavra *homoafetividade* no discurso jurídico (MASSMANN, 2012) e a designação do termo *cigênero* e suas relações com o sentido de *mulher* em discursos feministas (ZOPPI FONTANA & PAGLIARINI BAGAGLI, 2015). Entretanto, ainda não há pesquisas sobre os sentidos da palavra *vagina* ou similares nessa fundamentação teórica ou em outros estudos de semântica, demonstrando a relevância desta pesquisa para a geração de conhecimento em um campo temático ainda não explorado.

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo geral

O objetivo deste estudo é compreender como as designações da palavra *vagina*, nos textos de divulgação de conhecimento analisados, produzem sentidos e, assim, constroem e reafirmam discursos sobre a sexualidade feminina.

1.2.2. Objetivos específicos

- Traçar a cena enunciativa de cada texto que compõe o *corpus*, de forma a identificar e classificar os lugares de enunciação desses enunciados (Locutor, alocutor-x, enunciadador e seus correlatos);
- Compreender como esses lugares de enunciação relacionam-se com o discurso científico, verificando como a aproximação ou distanciamento desse tipo de discurso possibilita que os textos analisados (re)produzam sentidos sobre a sexualidade da mulher;
- Identificar quais são os passados recortados como memoráveis pelos acontecimentos de linguagem dos textos que constituem o *corpus*;
- Analisar as relações de reescrituração e articulação que determinam e predicam a

palavra *vagina* no *corpus* como um todo;

- Entender como essas reescrituras e articulações constituem a designação da palavra *vagina* e (re)constroem significados e discursos sobre a sexualidade e os prazeres femininos.

1.3. Fundamentação teórica: a Semântica do Acontecimento

A pesquisa fundamenta-se na Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2007, 2017, 2018), segundo a qual a enunciação é um acontecimento de linguagem. Nessa perspectiva teórica, “o sentido de uma expressão pode ser analisado como seu modo de integração num enunciado, enquanto elemento de um texto” (GUIMARÃES, 2017, p. 35). O sentido de uma palavra, portanto, está intrinsecamente atrelado à sua *designação*, pois “a designação é o modo pelo qual o real é significado na linguagem” (GUIMARÃES, 2007, p. 82), sendo “produzida no acontecimento pelo processo enunciativo” (Idem). Em outras palavras, para Guimarães (2007), a *designação* de uma palavra não existe a priori, mas é construída no momento da enunciação, no texto.

Desse modo, para compreender os sentidos produzidos por um termo ou expressão – no caso deste estudo, *vagina* –, é preciso analisar suas designações no enunciado ao qual pertence e, também, no texto que esse enunciado integra. Isso deve ser feito, principalmente, porque as relações de predicação, que são relações de designação de um nome, dão-se sobre a segmentalidade do texto, ou seja, ultrapassam as fronteiras dos enunciados, ainda que este seja a unidade de análise.

Assim sendo, Guimarães (2017) sustenta que, em uma análise semântica da designação

é fundamental observar como o nome está relacionado pela textualidade com outros nomes ali funcionando sob a aparência de substituíbilidade. Neste caso os conjuntos de modos de referir organizados em torno de um nome são um modo de determiná-lo, de predicá-lo (Idem, p. 36).

Nesse sentido, um processo próprio das relações de predicação, que é um dos dois processos enunciativos descritos por Guimarães (2007), é a *reescrituração* ou deriva de sentidos – o outro processo, a articulação, será tratado mais adiante. A reescrituração ou

reescritura, segundo a perspectiva de Guimarães (2017), “são os procedimentos pelos quais a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito” (GUIMARÃES, 2017, p. 38); são, em suma, as referências feitas a um termo por meio de outros termos ou expressões.

Nesse sentido, a reescrituração é uma relação de predicação porque “ao fazer interpretar algo como diferente de si, este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado” (GUIMARÃES, 2017, p. 38). Nessa nomenclatura, o termo *reescriturado* é aquele que passa pela reescrituração, e o *reescriturante* aquele que o reescreve, que o predica.

As infinitas possibilidades de reescrituração, de redizer o já dito, são tornadas finitas pelo acontecimento da enunciação, em sua temporalidade. Isso acontece porque o acontecimento não é um fato no tempo; ele *temporaliza*, ou seja, “instala sua própria temporalidade” (GUIMARÃES, 2017, p. 16). E, nessa temporalidade, o acontecimento recorta um passado como memorável, que, no caso de uma reescritura, é atribuído ao reescriturado.

O outro processo enunciativo fundamental para Guimarães (2007), a *articulação*, é um procedimento interno ao enunciado e que trata das relações semânticas produzidas pela contiguidade entre formas linguísticas; tratam-se, portanto, de relações que não passam pelo redizer de um termo, mas pelo *relacionar* desse termo com outros. Nesse sentido, as operações de articulação em um texto são “diretamente afetadas pela relação do sujeito falante com o que é por ele enunciado” (RODRIGUES, 2014, p. 10), pois

de acordo com o raciocínio de Guimarães, podemos afirmar que as formas simbólicas – tomadas em sua estrutura e ordem – são tais que, se elas funcionam, o locutor, ao dizê-las, deixa marcado, de sua posição enunciativa, as relações que imagina haver entre (*atribui imaginariamente a*) elas. É nessa medida, esclarece Guimarães, que as formas simbólicas carregam a marca da relação do sujeito falante com o que ele diz (Idem).

Em outras palavras, o ato de relacionar termos ou formas simbólicas entre si (o ato de fazer articulações) em um enunciado marca, por meio da ordem e da estrutura linguística, a relação do Locutor com aquilo que enuncia. As articulações são imaginadas e tecidas por ele, já que não há nada que una a priori um termo a outro: as relações de sentido ocorrem no acontecimento da enunciação.

Ao falar de Locutor, Guimarães (2017, 2018) apresenta a categoria

metodológico-descritiva da *cena enunciativa*, constituída pelo agenciamento do falante em lugares de enunciação. O falante, na concepção de Guimarães, não se trata de um sujeito empírico ou indivíduo; ele é uma configuração do agenciamento enunciativo, díspar a si mesmo, pois é composto de duas partes: o *Locutor* e o *alocutor-x*. O Locutor, “o responsável pelo dizer” (GUIMARÃES, 2018, p. 58) só pode enunciar enquanto predicado por um lugar social; a este lugar social do Locutor Guimarães (2017, 2018) chama de *alocutor-x*, no qual o alocutor “sempre vem predicado um lugar social que a variável x representa (presidente, governador, etc.)” (Idem, 2017, p. 32). Como o acontecimento da enunciação é uma alocução, ao lugar de enunciação do Locutor corresponde sempre um *Locutário*, aquele para quem o Locutor diz. Da mesma forma, o alocutor-x dialoga com seu correlato, o *alocutário-x*, o lugar social para quem se diz.

No acontecimento da enunciação o falante também é agenciado em *enunciador*. Esse o *lugar de dizer* representa o apagamento do lugar social do alocutor-x. Assim, o enunciador pode ser um enunciador-individual, enunciador-genérico, enunciador-coletivo ou enunciador-universal, e cada um deles provoca o esquecimento do lugar histórico do alocutor-x de uma maneira diversa: o *enunciador-individual* representa o Locutor como independente da história; o *enunciador-genérico* representa o Locutor como difuso num todos, num senso comum, enquanto que o *enunciador-coletivo* funciona de maneira semelhante, representando o Locutor como difuso em um grupo de pessoas específico e identificável; e o *enunciador-universal* representa o Locutor como fora da história e submetido ao regime do verdadeiro e do falso (GUIMARÃES, 2017, p. 35).

Dessa forma, compreender as designações de uma palavra em um enunciado envolve, na Semântica do Acontecimento de Guimarães (2017, 2018), traçar a cena enunciativa e os lugares de enunciação que a constituem (Locutor, alocutor-x, enunciador e seus correlatos) e observar como as relações de reescrituração e articulação dessa palavra funcionam por sobre a segmentalidade do texto.

1.4. Metodologia

O *corpus* desta pesquisa foi gerado a partir da seleção de cinco textos disponibilizados na *internet* que se pretendem informativos sobre a *vagina*. Nesse sentido, optou-se por textos

pertencentes a páginas que veiculam curiosidades, de divulgação científica e relacionadas ao bem-estar e saúde femininos, de forma a facilitar a emergência e o estudo do discurso científico nas enunciações a respeito da anatomia feminina. Outro critério de seleção foi que esses textos contivessem a palavra buscada, *vagina*, no título, e que se dispusesse no formato de lista, elencando um determinado número de fatos ou curiosidades a respeito da vagina.

A escolha de textos estruturados no formato de listas para compor o *corpus* se justifica pela facilidade de identificar, nesse tipo de texto, as relações de reescrituração e de articulação necessárias para o estabelecimento das designações da palavra *vagina*; listas de curiosidades costumam se estruturar ao redor de um assunto ou objeto – nesse caso, referido pela palavra *vagina* e suas reescriturações – e pelas informações a respeito desse objeto, ou seja, suas predicacões, que são, por sua vez, relações de articulação.

Tendo em vistas tais critérios, os textos selecionados, portanto, foram: *10 COISAS QUE VOCÊ AINDA NÃO SABIA SOBRE A SUA VAGINA*, da Fatos Desconhecidos, *site* de curiosidades; *11 segredos e curiosidades sobre a sua vagina*, da Revista Capricho, direcionada ao público feminino adolescente; *A vagina como ela é*, da Revista Galileu, especializada em divulgação científica; *Manual da vagina: 21 segredos que você precisa saber*, da Revista Cosmopolitan; e *Ela é elástica e muda de cor: 15 curiosidades sobre a vagina*, do site M de Mulher, portal brasileiro da Editora Abril direcionado ao público feminino.

Seguindo a metodologia apresentada por Guimarães (2018), o *recorte*¹, fragmento do acontecimento da enunciação, será utilizado como unidade discursiva, conforme a definição de Eni Orlandi (1984). Dessa forma, os recortes analisados serão introduzidos por [Rx], onde x representa o número do recorte estudado.

¹ Nos recortes, a utilização de negrito e itálico pela autora pretende destacar os elementos textuais mais relevantes para as análises semânticas.

2. A normatização dos desejos sexuais na cena enunciativa

Na Semântica do Acontecimento, a *cena enunciativa* é uma categoria metodológico-descritiva fundamental para o tratamento do sentido (GUIMARÃES, 2018, p. 49). Ela é produzida pelo agenciamento político do falante em *aquele que diz*.

Quando afirma que o acontecimento da linguagem, e por conseguinte, a cena enunciativa, se dá pelo agenciamento político do falante, Guimarães considera o político como “a contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos” (GUIMARÃES, 2017, p. 22). Dessa forma, o político se caracteriza como um conflito entre “uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento” (Idem).

É nesse sentido que a cena enunciativa se caracteriza como “um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento” (Ibidem, p. 31) Ou seja, por enunciar em um espaço de enunciação dividido, político, o falante também é dividido; ele fala de um lugar social, mas desconhece a própria divisão e interdição de seu dizer. Partindo dessa definição, Guimarães (2017) diferencia-se de Ducrot (1977), pois não considera o falante como uma figura empírica, mas “uma figura política constituída pelos espaços de enunciação” (GUIMARÃES, 2017, p. 25). O falante na Semântica do Acontecimento é, portanto, uma categoria linguística e enunciativa.

Ao ser agenciado politicamente, pelo ato da enunciação, o falante é tomado pelas sistematicidades linguísticas e se divide em Locutor e alocutor(-x). Enquanto que o Locutor se apresenta como o lugar que diz, o alocutor(-x) se caracteriza como o lugar social do dizer. Nessa denominação, x é uma variável a ser preenchida por um lugar social, que predica, então, o alocutor. É importante lembrar que o acontecimento de enunciação apresenta-se como uma *alocução*, e, portanto, assim como o falante é *aquele que diz*, existe *aquele para quem se diz*. Assim sendo, aquele que dialoga com o Locutor é o Locutário, da mesma forma que o alocutor-x constitui seu correlato na alocução, o alocutário-x.

O falante também é agenciado em enunciador, que é um lugar de dizer. Guimarães (2017) identifica quatro enunciadores possíveis: enunciador-universal, enunciador-individual, enunciador-genérico e enunciador-coletivo. Cada um deles provoca o esquecimento do lugar histórico do alocutor-x de uma maneira diversa: o *enunciador-individual* representa o Locutor

como independente da história; o *enunciador-genérico* representa o Locutor como difuso num todos, num senso comum; e o *enunciador-universal* representa o Locutor como fora da história e submetido ao regime do verdadeiro e do falso (GUIMARÃES, 2017, p. 35). O enunciador-coletivo teria um funcionamento semelhante ao enunciador-genérico, mas caracterizando um grupo de pessoas específico e identificável. É o enunciador, dessa forma, que faz com que o alocutor-x, e, de um modo geral, o falante, esqueça de seu lugar social, das divisões e redivisões que o constituem.

Além de agenciar politicamente o falante, o acontecimento da enunciação temporaliza, ou seja, “instala sua própria temporalidade” (GUIMARÃES, 2017, p. 16) independente do tempo cronológico. Dessa forma, o acontecimento da linguagem recorta para si um passado tido como memorável, rememorando enunciações por ele apresentadas como seu passado, e abre uma latência de futuro; em outras palavras, projeta em si mesmo o que dele pode ser interpretável.

Tendo em vista esses posicionamento teóricos, este capítulo pretende apresentar a cena enunciativa dos cinco textos disponíveis na *internet* que constituem o *corpus* da pesquisa. Tomando o *recorte* (GUIMARÃES, 2018) como unidade discursiva, pretende-se exemplificar as instâncias em que aparecerem, nos textos, as figuras de enunciação, ou seja, o falante dividido em Locutor e alocutor-x, assim como aquele com quem ele mantém sua interlocução, o destinatário, que se divide em Locutário alocutário-x, além dos lugares de dizer que permitem que o falante desconheça as divisões do espaço de enunciação que o atravessam.

A análise comparativa das cenas enunciativas constituídas nesses diferentes acontecimentos de enunciação tem como objetivo observar como as representações que o falante faz de si e de seu destinatário tecem discursos sobre o corpo, a sexualidade e o prazer femininos, compreendendo também como as relações entre essas figuras de enunciação e a aproximação ou distanciamento do discurso científico produzem sentidos sobre a sexualidade da mulher.

2.1. Análise e discussão

A análise da cena enunciativa considerará cada um dos textos que constituem o *corpus*

individualmente, para, então, traçar as relações de semelhança e contraste encontradas entre eles.

Meio de entretenimento direcionado a mulheres, a Revista Cosmolitan, traz para sua matéria o título *Manual da vagina: 21 segredos que você precisa saber*. Nesse caso, o Locutor assume a autoria do enunciado por meio de duas assinaturas, Rafaela Polo e Bel Moherdau, creditadas no cabeçalho do texto. Contudo, o alocutor, ou seja, o lugar social do dizer, é apresentado no singular. Isso pode ser percebido no recorte 1:

[R1] *COSMO* preparou um guia para ajudá-la a conhecer essa nobre região da sua anatomia. Assim, vai ser mais fácil cuidar de quem te proporciona tanto prazer.

No recorte, observa-se que há a referência a Redação COSMO, predicada por *preparou um guia*. É, portanto, um enunciado escrito na terceira pessoa verbal, de maneira a criar o efeito de impessoalidade, comum em textos jornalísticos. Nesse sentido, observa-se que o alocutor é um alocutor-revista.

Por sua vez, o alocutário apresenta-se como um alocutário-mulher heterossexual; em outras palavras, é para o sujeito mulher com essa sexualidade específica que o texto foi escrito, conforme a análise dos recortes 1 a 8 demonstrará. No recorte 1, o aspecto feminino desse sujeito pode ser ressaltado pelo complemento verbal – *la* em *ajudá-la*, em que o artigo *a* refere a leitora como sendo do sexo feminino. Da mesma forma, o pronome possessivo *sua* em *essa nobre região da sua anatomia*, reafirma o pertencimento da vagina ao corpo desse alocutário-mulher. Esse pertencimento é novamente reiterado pelo pronome pessoal oblíquo *te*, que indica que a vagina, personificada em *quem*, pertence e proporciona grande prazer ao alocutário-mulher.

Ainda na matéria da Revista Cosmopolitan, o alocutário-mulher é explicitamente mencionado nos recortes 2 e 3:

[R2] Quando *você* está *excitada*, as paredes da vagina esquentam e começam a transpirar um lubrificante natural.

[R3] Assim como um peito costuma ser diferente do outro, *os lábios vaginais* também não são iguais. Essas assimetrias, supernormais, não interferem no *seu*

prazer ou na *sua* saúde.

Percebe-se que, no recorte 2, o alocutário-mulher é tratado pelo pronome pessoal *você* e caracterizado, em seguida, pelo adjetivo *excitada*, flexionado no gênero feminino. Também há a menção ao aquecimento e transpiração das paredes da vagina como consequências da excitação do alocutário, que caracteriza-se, mais uma vez, como mulher. No recorte 3, por sua vez, o endereçamento ao alocutário é marcado pelos pronomes possessivos *seu* e *sua*. Também nesse recorte, partes da anatomia feminina, como os seios, as paredes da vagina e os lábios vaginais, são caracterizados como pertencentes ao alocutário-mulher, ao qual o Locutor assegura serem as assimetrias *supernormais*. Dessa forma, o alocutário é não só mulher, mas presumivelmente preocupado com a normalidade e com a simetria de seu corpo em relação aos padrões estéticos e médicos do que deveria ser a anatomia feminina.

Já a heterossexualidade do alocutário pode ser presumida pelos recortes 4, 5 e 6 nos quais o homem é apresentado como aquele com quem a mulher mantém relações amorosas e sexuais.

[R4] E você não tem como evitar isso, pois o problema acontece por causa do estilo do *seu latin lover*. Dependendo da forma como *ele a penetra*, permite a entrada de um pouco de ar na vagina. Esse mesmo ar sai quando *o pênis* é retirado fazendo aquele som de pum.

[R5] Cremes que prometem deixar o canal vaginal mais “apertadinho”, a fim de aumentar *o prazer dele*, ressecam a mucosa.

[R6] *Seu namorado* ama ficar dentro dela

Sim, os homens chegam a virar poetas quando descrevem o que é *penetrar uma mulher*. Falam que vão ao paraíso com a sensação morna, úmida, escorregadia e tão acolhedora que *só a vagina pode proporcionar*.

A figura masculina é trazida para a enunciação pelos termos *seu latin lover*, *ele* e *seu namorado*, e é apresentado como o parceiro sexual do alocutário-mulher, o que caracteriza esse alocutário como heterossexual. Além disso, nos recortes 4, 5, e 6 a figura masculina é descrita como engajando-se em um tipo bem específico de relação sexual com o alocutário-mulher heterossexual: o coito, ou relação sexual com penetração do pênis na

vagina. Essa especificidade é evocada por *ele a penetra e o pênis é retirado*, no recorte 4, havendo também menção à vagina em *permite a entrada de um pouco de ar na vagina*. O mesmo ocorre no recorte 5, no qual *o prazer dele*, do homem, vem do aperto do canal vaginal, enquanto que, no recorte 6, o sujeito *namorado* é predicado por *ama ficar dentro dela*, em que *ela* reescritura *vagina* por substituição. Figura, desse modo, nos recortes 4, 5 e 6, um alocutário-mulher heterossexual, que se engaja na prática sexual genital do coito com o homem igualmente heterossexual.

De forma semelhante, as figuras do homem e do pênis também aparecem nos recortes 7 e 8, que ligam diretamente a excitação e o prazer femininos à penetração sexual:

[R7] Quando o clitóris é estimulado, ocorre um aumento de fluxo sanguíneo na região, sobretudo na vagina. Assim, ela aumenta de tamanho e fica lubrificada, *no ponto para ser penetrada de um jeito gostoso e seguro*.

[R8] A maioria das terminações nervosas responsáveis pela sensação de prazer encontra-se no início da vagina – mais precisamente nos 5 centímetros iniciais. Ou seja: *o tamanho do pênis dele não é mesmo documento*.

É possível verificar, nos recortes 7 e 8, que os mecanismos biológicos de excitação da mulher existem apenas para permitir a relação heterossexual de penetração. No primeiro caso, a estimulação do clitóris serve para aumentar o fluxo sanguíneo na vagina, para que ela fique maior e mais lubrificada, permitindo assim a penetração do pênis. Já no recorte 8, o parceiro homem pressuposto é explicitamente menciona em *o pênis dele*. Fica implícito que a melhor forma de estimular as terminações nervosas da genitália feminina é com a penetração do pênis na vagina. Na matéria da Revista Cosmopolitan, não se menciona outra possibilidade de obtenção de prazer, ou, se existir, ela se encontra subjugada à estimulação vaginal pelo falo.

Conforme a análise dos recortes, foi possível observar que, mesmo com a tentativa de abordagem impessoal dos Locutores, o passado recortado como memorável pelo acontecimento da linguagem reafirma sentidos que reverberam aquilo que Judith Butler (2017) chama de compulsoriedade da ordem sexo/gênero/desejo. Essa compulsoriedade permeia o imaginário da sociedade ocidental e se baseia na crença naturalizada de que sexo biológico, identidade de gênero e desejo sexual devem obedecer, nos indivíduos, a uma ordem

heterossexista imutável.

No interior dessa ordem, os “gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2017, p. 43). Existem, portanto, mecanismos de poder na sociedade que “buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambas na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual” (BUTLER, 2017, p. 44).

Dessa forma, os corpos precisariam obedecer a essa ordem que concebe, em primeiro lugar, a existência de um binário de sexos na espécie humana, ou seja, a existência, a priori, *da fêmea e do macho*, no nível biológico, *da mulher e do homem*, no nível social, e da heterossexualidade genital e falocêntrica como a principal forma de obtenção de prazer sexual. Nas palavras de Judith Butler, “a heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e de ‘fêmea’” (Idem).

Essa ordem compulsória, segundo Judith Butler (2017), pode ser interpretada como resultado da performatividade, ou seja, de uma repetição de rituais sobre o corpo, de performances reiteradas incessantemente e que acabam gerando, para esses comportamentos sociais, uma noção de naturalidade. Pode-se teorizar, portanto, que o acontecimento da linguagem rememora como seu passado as crenças na naturalidade dessa compulsoriedade da ordem sexo/gênero/desejo (não se trata, aqui, da compreensão dessa ordem como uma performance, mas como a natureza das relações humanas) já que: trata seu alocutário-mulher como aquele que possui, necessariamente, uma vagina em seu corpo, estabelecendo assim uma relação unívoca entre sexo biológico (fêmea) e gênero (mulher), o que gera a exclusão de identidades transexuais ou divergentes desse modelo único; pressupõe que esse alocutário-mulher se relaciona sexualmente exclusivamente com homens, não considerando, dessa forma, mulheres lésbicas ou bissexuais como leitoras em potencial da revista; e, por fim, reitera que esse relacionamento ocorre por vias genitais bem específicas, ou seja, pela ação de introdução do pênis na vagina realizada ativamente pelo homem.

Dessa forma, o acontecimento da linguagem reconhece como memoráveis os sentidos de coerência entre sexo, gênero e desejo, projetando como futuridade a leitura por um

alocutário-mulher heterossexual, alguém que corresponde a esses sentidos cristalizados.

Os lugares de dizer, por sua vez, apresentam-se como enunciadores-universais e genéricos, que embasam as crenças na naturalidade do desejo heterossexual recortadas pelo passado do acontecimento. No recorte 8 reproduzido acima, dá-se a afirmação, sem modalizações, de que as terminações nervosas que proporcionam o prazer sexual na mulher encontram-se nos cinco centímetros iniciais da vagina. Tal representação do dizer como um fato anatômico e, portanto, necessário e verdadeiro, revela a existência de um enunciador-universal. Em seguida, nesse recorte, no entanto, esse lugar de dizer universal é contraposto por um enunciador-genérico, que retoma o dito popular de que *tamanho não é documento*, para reiterar que o tamanho do pênis do homem não interfere no prazer sexual da mulher com quem ele se relaciona, já que seria necessária a penetração de apenas cinco centímetros na vagina para estimulá-la.

O enunciador-universal também aparece na matéria da Revista Cosmopolitan por meio da citação direta dos dizeres de outros Locutores, considerados autoridades sobre a anatomia e sexualidade femininas. Devido ao fato de tratarem-se das opiniões de indivíduos específicos, o lugar de dizer dessas enunciações pode ser interpretado como o de um enunciador-individual, porém o elevado grau de verdade atribuído a essas citações pelo alocutor-redator possibilita que esses lugares de dizer também sejam caracterizados como enunciadores-universais. Nesse sentido, os Locutores citados pelo alocutor-redator são os ginecologistas Eliano Pellini e Eduardo Tomioka, além da autora Catherine Blackledge. Pode-se verificar uma das ocorrências dessa argumentação por autoridade no recorte a seguir:

[R9] “Mulheres que passam cerca de quatro meses sem transar sentem a diferença quando retomam a atividade, pois a vagina perde um pouco de elasticidade”, diz o ginecologista Eliano Pellini, de Santo André, Sp.

Nesse caso, o enunciador-universal constata o que seria o fato biológico de que a vagina perde a elasticidade após longos períodos sem relações sexuais de penetração. Entretanto, considerando que se trata de uma afirmação que, no texto, se sustenta na opinião de um enunciador que também é individual, verifica-se que essa verdade a respeito da anatomia feminina é construída historicamente pela voz da especialista. Além disso, a citação da ginecologista implica a noção de que as mulheres transam de uma determinada maneira,

isto é, com a penetração do pênis na vagina; a enunciação sobre a *falta* dessas atividades pressupõem sua existência a priori. O verbo *retomar*, por sua vez, indica que a tendência natural dessa atividade sexual seria o reinício – a mulher não poderia deixar de manter relações sexuais de penetração para sempre – o que pressupõe, novamente, um comportamento sexual considerado natural ou esperado do alocutário-mulher.

De forma semelhante à Revista Cosmopolitan, a Revista Capricho, intitulada *11 segredos e curiosidades sobre a sua vagina*, explicita já em seu título o alocutário a quem o enunciado se destina é uma mulher, aquela que possui a vagina, como fica evidente pelo uso do pronome possessivo *sua* em *sua vagina*. Construções semelhantes com o pronome possessivo podem ser observadas nos recortes a seguir:

[R10] *Você* já olhou a *sua* vagina hoje?

[R11] Por isso, se *você* perceber que *o seu lábio vaginal esquerdo* é diferente do direito, não se *assuste*.

Nesses recortes, percebe-se a referência ao alocutário-mulher de forma direta pelo pronome de tratamento *você*, bem como pela apresentação de duas partes do corpo feminino, *a vagina*, no recorte 10, e *o lábio vaginal*, no recorte 11.

Por vezes o alocutário é endereçado ao mesmo tempo em que indica o alocutor do enunciado. Na matéria da Revista Capricho, isso ocorre nos seguintes recortes:

[R12] É justamente por isso que *nós, mulheres*, podemos optar pelo parto normal.

[R13] Até porque, muitas vezes, *nós meninas* somos ensinadas a não conhecer este órgão sexual.

[R14] *Nossa ‘amiga’* produz uma acidez natural que a protege contra microrganismos.

Constata-se, nesses recortes, que o lugar social de dizer se apresenta ora como *mulheres*, ora como *meninas*, palavras que são empregadas de forma intercambiável no texto. Dessa forma, é possível afirmar que tanto o alocutor quanto o alocutário do texto são

representados como pertencentes a uma identidade feminina. Justapostas ao pronome pessoal *nós*, nos recortes 12 e 13, e considerando o pronome possessivo *nossa* presente na expressão *nossa 'amiga'*, no recorte 14, verifica-se a caracterização de um alocutor e um alocutário mulheres. Esse alocutor, que se inclui no grupo das mulheres, também pode se distanciar do alocutário, caracterizando-se como *a gente* e como um *nós*, que não inclui o alocutário nos recortes 15 e 16:

[R15] Parece uma pergunta até um pouco estranha, mas *a gente* jura que não é.

[R16] Por isso, *montamos* um manual com as informações e curiosidades importantes sobre 'ela'.

Dessa forma, é interessante observar como a apresentação do alocutor se dá pelo pronome pessoal *nós*, ora como alocutor-mulher, ora como alocutor-redator, aproximando-se ou distanciando-se discursivamente do alocutário. Em todos os recortes apresentados, o alocutor é referido no plural – trata-se de um *nós*; contudo, o Locutor, ou seja, aquele que assume a palavra, é Marcela Bonafé, no singular. Nesse sentido, é possível identificar marcas de que, apesar de haver apenas um Locutor, o enunciado traz como alocutor um plural, *nós*, que, por não incluir o alocutário-mulher, pode simbolizar a equipe que produz a revista. Nesse caso, não há a indicação explícita de que esse alocutor seja um alocutor-mulher, como nos recortes 12, 13 e 14; o que é possível depreender dos recortes 15 e 16 é que o alocutor compreende um coletivo que preparou o manual da vagina.

Além do contraste de número entre Locutor (singular) e alocutores (plural), o texto da Revista Capricho também apresenta enunciadores ou lugares de dizer contrastantes. De uma forma geral, a matéria é estruturada em forma de diálogo, de modo que cada título de tópico represente uma pergunta atribuída ao alocutário-mulher e cada texto do tópico represente a resposta do alocutor-redator. Tal organização pode ser observada nos recortes 17 e 18:

[R17] É normal ter corrimento?

Uhum. E é por isso que muitas mulheres gostam de usar protetores diários. Mas alguns tipos de corrimento, principalmente os malcheirosos, podem indicar que há algo de errado acontecendo. Tudo depende da consistência, da cor e do odor. “Toda mulher tem corrimento e ele muda ao longo do mês. Pode

ser com o aspecto pastoso ou mais líquido e fluido”, explica a doutora Rose Villela.

[R18] Posso usar o mesmo absorvente o dia todo?

Jamais! Os absorventes são seus aliados ~ naqueles dias ~ mas exigem atenção. É muito importante que tanto o interno quanto o externo seja trocado de quatro em quatro horas, no máximo! “Manter o absorvente cheio de sangue pode causar facilmente assaduras e até facilitar o desenvolvimento de bactérias na vulva ou na vagina”, reforça o psicoterapeuta Oswaldo Rodrigues.

Pela análise dos recortes 17 e 18, constata-se a presença de pelo menos dois enunciadores, um enunciador-coletivo que faz a pergunta, e um enunciador-universal que a responde. O enunciador-coletivo das perguntas representa o alocutário-mulher ou alocutário-adolescente projetado pela revista, presumivelmente sem grandes conhecimentos sobre a própria anatomia. Desse modo, trata-se de um enunciador que fala como todas as garotas, como um grupo com faixa etária e gênero definidos.

Em contraste a esse enunciador-coletivo que representa as garotas cheias de questionamentos e inseguranças, o enunciador-universal se representa como sendo o detentor de todas as respostas. Uma das indicações do caráter universal desse enunciador é a primeira frase de cada resposta, que confirma (recorte 17) ou refuta (recorte 18) o ponto de vista leigo expresso na pergunta. Assim, *uhum* e *jamais!* são apresentados como respostas absolutas, às quais a argumentação procede em explicar e justificar.

Nesse sentido, outra pista de que se tratam de enunciadores-universais a responderem os enunciadores-coletivos são as citações de profissionais da área de saúde, que permeiam toda a matéria da Revista Capricho e apresentam-se como parte fundamental de sua argumentação. No caso dos recortes 17 e 18, os Locutores atribuídos como fontes de dizer são um psicoterapeuta e uma doutora. Tratam-se de citações que vêm entre aspas, introduzindo não só o discurso direto de figuras de autoridade, mas também outros enunciadores, ou seja, pontos de vista. E esses pontos de vista se apresentam como submetidos ao regime do verdadeiro e do falso, *fora* da história, caracterizando, assim, um enunciador-universal, típico do discurso científico.

É possível ainda dizer que, dessa posição absoluta, o alocutor-redator, sustentado pelas autoridades médicas que cita e identificando-se como um enunciador-universal, representa a si mesmo como apto a aconselhar – ou mesmo prescrever – comportamentos saudáveis para seu alocutário-adolescente. Assim, ele confirma a normalidade do corrimento na mulher, sanando o medo de inadequação presumido para o alocutário, e, por meio das expressões exclamativas *jámais!* e no *máximo!*, repreende a utilização de apenas um absorvente por dia. Dessa forma, o texto da Revista Capricho aponta para uma necessidade de cuidado higiênico de si para a pertencimento a um padrão de normalidade.

Essa necessidade também é ressaltada pela opinião de especialistas que, do lugar de dizer de um enunciador-universal, defendem que a mulher deve realizar atividades sexuais de penetração, e que a ausência dessas atividades pode causar deformações ao músculo vaginal, como é possível observar no recorte 19:

[R19] O Dr. Oswaldo conta que [a vagina] continua se desenvolvendo e mudando durante toda a vida. “A falta de atividades sexuais de penetração provocam atrofia dos tecidos e músculos, por exemplo”, conta.

Assim como ocorre no texto da Revista Cosmopolitan, existe a pressuposição de que o alocutário-mulher pratica relações sexuais de penetração vaginal por meio da alusão a sua *falta*, bem como aos efeitos colaterais que essa ausência poderia gerar no corpo feminino, sinalizados no recorte 19 pela palavra *atrofia*. É importante notar que, na Biologia, o termo *atrofia* geralmente se relaciona a uma patologia que aflige órgãos ou tecidos. Portanto, o Locutor especialista coloca sua enunciação na ordem do absoluto, patologizando, assim, os corpos femininos que não expressam o desejo pela relação sexual de penetração vaginal.

Com uma cena enunciativa semelhante às da Revista Capricho e Cosmopolitan, a matéria do portal M de Mulher, intitulada como *Ela é elástica e muda de cor: 15 curiosidades sobre a vagina*, tem como responsável pela enunciação o Locutor Raquel Drehmer, uma mulher. A outra parte em que o falante é dividido, o alocutor-x, representa a si mesmo como um alocutor-redator e, ao mesmo tempo, um alocutor-mulher, correspondendo, assim, ao gênero apontado pelo nome do Locutor. Essa caracterização do alocutor pode ser observada nos seguintes recortes:

[R20] *Reunimos* 15 curiosidades sobre a vagina, para que todas as mulheres possam se familiarizar com essa parte tão importante do corpo.

[R21] Quando *entramos* na idade fértil, ela fica mais escura.

[22] Quando *fazemos* xixi, o líquido arrasta para fora células mortas da parede vaginal.

Em todos os recortes, o alocutor faz referência a si mesmo por meio da primeira pessoa do plural – *nós* –, assim como acontece no texto da Revista Capricho. Observa-se que, no recorte 20, o alocutor-redator não se inclui no alocutário; trata-se de um *nós* que, possivelmente, refere-se à equipe que produziu a matéria. Nesse caso, pode-se dizer que é um alocutário-mulher, já que o texto é direcionado para *todas as mulheres*, contudo, o alocutor-redator não se identifica diretamente com esse lugar social de dizer.

No entanto, nos recortes 21 e 22 o alocutor inclui-se no grupo das mulheres por meio dos verbos flexionados na primeira pessoa do plural, *nós*: o alocutor-mulher, nesse caso, identifica-se com a anatomia feminina que descreve. Nesses recortes, o alocutário é mulher, pois há uma identificação entre aquele com quem se fala e o corpo feminino. O direcionamento a esse alocutário-mulher é reforçado em outras frases do texto, conforme mostram os recortes 23, 24 e 25:

[R23] Depois de um período de seca você pode ficar com *os músculos vaginais* tensos para a volta às relações sexuais, mas isso se resolve já na primeira lubrificação. Fique *tranquila*: não existe ficar virgem de novo.

[R24] *Você* pode ser branquinha e ter *a vagina* meio marrom ou roxa; *você* pode ser negra e ter *a vagina* clarinha.

[R25] Bactérias do intestino podem afetar *sua vagina*

Nos três recortes, é possível identificar formas linguísticas que remetem ao alocutário: o pronome possessivo *sua* em *sua vagina*, além das duas ocorrências do pronome de tratamento *você*. A identificação do alocutário como portador de uma vagina é explicitada nos recortes 23, 24 e 25. No primeiro caso, o alocutário é caracterizado como possuindo *músculos*

vaginais que podem ficar tensos após um longo período de tempo sem relações sexuais de penetração. No recorte 24, *a vagina* é complemento verbal do verbo *ter*, do qual o sujeito é *você*, enquanto que, no recorte 25, *a vagina* é caracterizada como sendo *sua*, ou seja, do alocutário-mulher. No recorte 23, o alocutário-mulher também se revela pela flexão no gênero feminino do predicativo do sujeito *tranquila*, expressa pela desinência *-a*.

Assim como ocorre no texto da Revista Capricho, na matéria do portal M de Mulher o alocutário-mulher é apresentado como preocupado com seu pertencimento aos padrões sociais de normalidade. Essa representação do alocutário-mulher preocupada se explicita na expressão *fique tranquila*, que pressupõe a falta de tranquilidade, a ansiedade diante da possibilidade de *ficar virgem de novo*, e, presumivelmente, de sofrer as dores que, no senso comum, são atribuídas à perda da virgindade feminina. Desse modo, os sentidos evocados por esse recorte fazem parte de uma memorável na qual a relação sexual é concebida como a penetração dolorosa do pênis na vagina.

Em consonância com o observado nos textos das Revistas Cosmopolitan e Capricho, os lugares de dizer apresentados na matéria do portal M de Mulher são, em geral, universais, seguidos em menor número por enunciadores-genéricos, auxiliando no recorte e construção de determinados passados no acontecimento de linguagem. No recorte 23, o termo *seca* evoca um enunciador-genérico, já que se trata de um termo popular ou gíria para se referir a um longo período sem relações sexuais, que deixaria aquele que a atravessa ávido por ter saciar essa escassez o mais rápido possível. Novamente, o enunciador-genérico se associa ao recorte de um passado memorável que se baseia no ideal heterossexual do ser humano, já que, no caso específico do recorte 23, essa sede de sexo seria saciada pela penetração.

Contudo, o que destaca essa matéria daquelas publicadas nas demais revistas femininas é a forte presença de um enunciador-individual, que se identifica com o Locutor. Exemplos das ocorrências desses três tipos de enunciadores podem ser observados pelos recortes 24, 25 e 26:

[R24] Embora seja comum chamar tudo que está ~ lá embaixo ~ de vagina, ela é apenas uma parte da genitália: é o canal que vai da vulva (a parte externa que inclui os pequenos e grandes lábios, o clitóris e o períneo) até o cérvix (a porção inferior do útero), com comprimento de 7,5cm a 10cm. De toda forma,

popularmente é tudo vagina, e não tem nada de errado em manter a nomenclatura. Ruim é não falar sobre ela.

[R25] Além de ser uma bobagem machista e moralista, os exames de virgindade são completamente furados.

[R26] O pH normal da vagina varia entre 3,8 e 4,2, enquanto o do vinho fica entre 3,5 e 4. Quando quiser receber sexo oral, pode usar essa explicação para dar aquela forcinha argumentativa.

Sustentando um discurso científico, o enunciador-universal pode ser percebido nos recortes 24 e 26. No primeiro recorte, é feita uma descrição precisa da anatomia da mulher, com a explicação dos termos médicos vulva e cérvix, inclusive com o apontamento de um tamanho médio em centímetros para esse último. Essas informações são apresentadas como pertencentes ao domínio da verdade: tratar-se-iam de fatos da biologia humana. Da mesma forma, no recorte 26, são apresentados os números correspondentes à acidez da vagina e do vinho na escala de pH. Essa informação é apresentada como um dado absoluto, indicando, assim, a presença de um enunciador-universal.

Por sua vez, o enunciador-individual, com o qual se identifica o Locutor que assina como autor sob o nome de Raquel Drehmer, está presente nos três recortes. O Locutor dá sua opinião pessoal, no recorte 24, ao defender *que não tem nada de errado em manter a nomenclatura*, ou seja, que não há problema em referir-se a variadas partes do sistema reprodutor feminino pelo nome único de *vagina*. Em seguida, emite outra opinião de que o ruim é não falar sobre a vagina, adicionando então o *emoji carinha piscando um dos olhos*, que pode ser interpretado como um sinal de subjetividade na linguagem devido à sua função, em mensagens virtuais, de expressar emoções diversas do Locutor, e, no caso específico do *emoji carinha piscando um dos olhos*, produzir sentidos como o humor, a cumplicidade ou mesmo o flerte.

A apreciação valorativa do Locutor é explícita no recorte 25, no qual Raquel Drehmer afirma que os exames para constatação da virgindade são *uma bobagem machista e moralista*, além de *completamente furados*. Dessa forma, o enunciador-individual transparece no descrédito dado a esses exames por meio dos adjetivos depreciativos *machista*, *moralista* e

furados, além do advérbio modalizador *completamente* e da referência a essas práticas como *uma bobagem*. Também é possível interpretar esse enunciador como sendo coletivo, expressando não apenas o ponto de vista individual do Locutor, mas também uma coletividade de indivíduos que se consideram não-machistas ou feministas, opondo-se ao sexismo presente no discurso médico a respeito da anatomia da mulher.

No recorte 26, por sua vez, o comentário do enunciador-individual que acompanha o Locutor autor é justaposto a uma informação científica que se apresenta como universal; após mencionar os números do pH do vinho e da vagina, o Locutor sugere que o alocutário-mulher utilize esse fato para persuadir seu parceiro a lhe fazer sexo oral e, em seguida, adiciona o *emoji carinha sorridente com a boca aberta e olhos felizes*, que pode indicar a presença de humor em sua enunciação. Rememora-se, assim, um passado de enunciações nos quais é preciso pressionar o homem a realizar o sexo oral na mulher, já que essa prática não estaria no roteiro de uma atividade sexual cujo principal objetivo é a penetração no corpo feminino.

Por fim, o enunciador-genérico se faz presente no recorte 1 por meio dos trechos *embora seja comum chamar tudo que está ~ lá embaixo ~ de vagina e de toda forma, popularmente é tudo vagina*. Esses trechos aludem ao conhecimento popular a respeito da genitália da mulher, que costuma amalgamar várias partes do sistema reprodutor feminino sob o nome *vagina*. Isso se reforça pela utilização da expressão *~ lá embaixo ~*, que é comumente usada para se referir aos genitais femininos. Portanto, nesse trecho, o Locutor escolhe enunciar junto de todos, caracterizando, desse modo, o enunciador-genérico.

Verifica-se, dessa forma, que o funcionamento da cena enunciativa se dá de modo semelhante entre os textos das Revistas Cosmopolitan e Capricho e do portal M de Mulher. Nessas matérias, os Locutores assinam como autores e se identificam como mulheres, dirigindo-se também a alocutários-mulheres. Os alocutores podem ser identificados como alocutor-redator ou alocutor-revista, para criar maior distanciamento entre o veículo de imprensa e seus leitores, ou representar-se como alocutor-mulher, gerando o efeito de identificação e proximidade entre o Locutor autor feminino e seus Locutários leitores, idealmente também do sexo feminino. Em suma, tratam-se de mulheres em alocação com outras mulheres, baseando seus argumentos, principalmente, no senso comum e nas figuras de autoridade de médicos ginecologistas.

Diferentemente do caso dos alocutários consistentemente femininos das matérias da Revista Capricho, da Revista Cosmopolitan e do portal M de Mulher, nos textos da Revista Galileu e da Fatos Desconhecidos esse alocutário é diverso. Ora alocutário-homem, ora alocutário-mulher, o lugar social do dizer para quem se fala varia em diferentes pontos do texto da Fatos Desconhecidos. O título *10 coisas que você ainda não sabia sobre a sua vagina* indica um alocutário-mulher, devido à relação de articulação por caracterização entre *sua* e *vagina*, de forma que a vagina pertence ao corpo da leitora.

Contudo, apesar dessa indicação do título, o texto parece se dirigir a múltiplos alocutários, uma vez que as enunciações dos recortes 27 a 30 podem ser interpretadas como sendo direcionadas a um alocutário-homem, conforme exemplifica seguinte recorte:

[R27] Mas *vocês* concordam que todo mundo deveria saber tudo sobre seu corpo? Conhecer *o nosso próprio corpo* pode ser uma ajuda e tanto na hora da relação sexual, *principalmente para os homens*. *Confira* também as 8 coisas que as mulheres bonitas odeiam.

De início, o recorte 27 parece construir um alocutário-genérico ou alocutário-leigo, já que *vocês* e *nosso próprio corpo* não explicitam gênero definido, o que poderia ser fruto de uma tentativa de abrangência de leitores diversos. Entretanto, quando a oração *principalmente para os homens* é articulada por à oração anterior, cria-se uma relação argumentativa entre as duas, em que o advérbio *principalmente* funciona como modalizador delimitador (CASTILHO; CASTILHO, 1992). Segundo Castilho e Castilho (1992), “os advérbios delimitadores estabelecem condições para o entendimento de uma sentença ou de seus constituintes, restringindo o âmbito da informação veiculada” (Idem, p. 246). Nesse caso, a modalização delimitadora assinala que a sentença *conhecer o nosso próprio corpo pode ser uma ajuda e tanto na hora da relação sexual* deve ser interpretada pelo alocutário tendo em mente uma escala na qual o conhecimento a respeito do *nosso próprio corpo* ajudaria mais aos homens que às mulheres na performance sexual.

A delimitação criada pelo advérbio *principalmente* traz ambiguidade ao sentido do pronome possessivo *nosso* na expressão *nosso próprio corpo*. Dentre os sentidos possíveis, o pronome pode ser interpretado como se referindo ao corpo masculino que, ao ser conhecido

pelo alocutário-homem, pode ser utilizado de forma mais eficiente nas relações sexuais. Porém, também é possível que a referência de *nosso próprio corpo* seja o corpo feminino, que, ao ser estudado por um alocutário-homem ou por um alocutário-mulher pode ajudar o homem durante o sexo. Tal auxílio ao homem no ato sexual poderia ocorrer porque o alocutário-mulher que compreende seu próprio corpo pode satisfazer melhor seu parceiro sexual, ou porque, ao entender a anatomia feminina, o alocutário-homem pode mobilizar esse conhecimento para melhorar a satisfação do casal.

Assim, na articulação entre as sentenças *conhecer o nosso próprio corpo pode ser uma ajuda e tanto na hora da relação sexual e principalmente para os homens*, o alocutário-genérico *vocês* passa a poder ser interpretado como um alocutário-homem ou um alocutário-mulher. Apesar dessa dupla possibilidade quanto ao gênero do alocutário, ao afirmar que a obtenção de conhecimentos anatômicos é mais importante para os homens que para as mulheres, o texto apresenta os homens como potenciais leitores da matéria, ou, pelo menos, aqueles que mais se beneficiariam com sua leitura.

A sugestão de um alocutário-homem é reforçada pela oração que se segue no enunciado, *Confira também as 8 coisas que as mulheres bonitas odeiam*. Considerando que o acontecimento seleciona como seu passado uma memória de enunciações que preza pela coerência entre sexo, gênero e desejo, é possível afirmar que essa matéria sugerida também se dirige a um alocutário-homem, que se interessaria tanto pelo corpo da mulher, a fim de melhorar suas habilidades sexuais, quanto pelos comportamentos que as mulheres odeiam, a fim de evitá-los. Verifica-se aí o endereçamento a um alocutário-homem que deseja obter dicas de como se comportar para conseguir se relacionar romanticamente com mulheres.

Ainda no recorte 27, pode-se observar que o alocutor se identifica com o alocutário por meio do pronome possessivo *nosso* em *conhecer o nosso próprio corpo pode ser uma ajuda e tanto na hora da relação sexual, principalmente para os homens*. O corpo que precisa ser conhecido é determinado como *nosso*, ou seja, tanto do alocutário quanto do alocutor. Conforme já foi analisado, o funcionamento do advérbio modalizador *principalmente* e do enunciado subsequente *Confira também as 8 coisas que as mulheres bonitas odeiam* sustentam a interpretação de que o enunciado se endereça a um alocutário-homem. Nessa perspectiva, o grupo no qual alocutor se inclui é também o dos homens, para quem os

conhecimentos sobre o próprio corpo podem auxiliar nas relações sexuais, mais do que para as mulheres.

Diferentemente das outras matérias do *corpus*, o texto do *site* Fatos Desconhecidos é assinado por um Locutor do sexo masculino, Mateus Graff. A assinatura não é só marca do Locutor; ela produz a individualização do autor de um texto. Pelo nome próprio – que, nesse caso, é um nome masculino –, a assinatura produz efeitos na delimitação do lugar social desse Locutor. É importante lembrar que Locutor e alocutor-x são figuras enunciativas que desdobram o agenciamento enunciativo do falante. Nesse sentido, é possível supor que a delimitação do lugar social de homem pela assinatura de Mateus Graff, marca do Locutor, predica sentidos sobre o alocutor, que, assumindo esse lugar social, inclui-se no grupo dos homens ao qual o alocutário pertence.

Outros recortes que reforçam o endereçamento a um alocutário-homem também o fazem por uma relação discursiva de contraste entre a figura masculina, com a qual o leitor deve se identificar, e a figura feminina, aquela sobre a qual se fala:

[R28] *Nós* criamos essa matéria com algumas curiosidades que toda mulher deveria saber sobre a vagina, e temos certeza que *vocês* vão adorar. Então, *caros leitores da Fatos Desconhecidos*, confirmem agora a nossa matéria com as 10 coisas que *você* ainda não sabia sobre a *sua vagina*.

[R29] É *amigos*, algumas pessoas costumam enfiar cada coisa na vagina que *se vocês soubessem iriam ficar assustados*. (...) A vagina é um espaço fixo que não tem continuação, então *você* não pode perder permanentemente algo lá dentro.

[R30] E aí *amigos*, já sabiam de todas essas curiosidades sobre a vagina? Deixe o seu comentário *pra gente*!

A figura do alocutor retorna no recorte 28 por meio do pronome pessoal *nós*, a primeira pessoa do plural, contrastando com o Locutor Mateus Graff, creditado como responsável pelo enunciado. Por sua vez, a figura do alocutário é referida primeiramente por *vocês* em *temos certeza que vocês vão adorar*. Em seguida, esse alocutário é apresentado como *caros leitores da Fatos Desconhecidos*. Apesar da construção do termo *caros leitores*

no masculino não excluir gramaticalmente as leitoras mulheres, é nítida a distinção dessa matéria dos textos do portal M de Mulher, da Revista Capricho e da Revista Cosmopolitan, nas quais o alocutário é explicitamente feminino.

As construções que sugerem um alocutário-homem devido a sua flexão nominal no gênero morfológico masculino/neutro perseveram nos recortes 29 e 30, nos quais o alocutário é referido por *amigos*. Esse termo cria um sentido de aproximação entre alocutor e alocutário, que passam a ter uma relação não de redator e leitor, mas de amigos do sexo masculino que se entendem, que guardam entre si uma espécie de camaradagem ou fraternidade da qual as leitoras mulheres não podem participar.

Essa interpretação do termo *amigos* como sinalizador de um alocutário-homem, e não somente de um alocutário-genérico, pode ser sustentada pelo passado memorável que se projeta nesse acontecimento da enunciação, que recupera a noção de que os homens mantêm relações de fraternidade e amizade entre si que não são estendidas às mulheres. Esse memorável também pode ser observado na expressão *nosso próprio corpo*, do recorte 27, que produz proximidade e a ideia de pertencimento de alocutor e alocutário a um mesmo grupo delimitado pelas características anatômicas.

Esse afastamento discursivo entre a figura feminina e a figura masculina se intensifica no recorte 29 pelo contraste entre *amigos*, vocativo que sugere um alocutário-homem, e *algumas pessoas*. Nessa oração, os *amigos* do alocutor-homem ficarão assustados ao descobrir que *algumas pessoas* costumam enfiar coisas impensáveis dentro da vagina. Não fica explícito por meio de marcas gramaticais a quem *algumas pessoas* se refere. Entretanto, a finalização do recorte 29 ocorre com o endereçamento a um *você* que parece ser distinto dos *amigos* citados anteriormente. Em *então você não pode perder permanentemente algo lá dentro*, o alocutário pode ser tanto homem quanto mulher, já que poderia sinalizar um alocutário-mulher que não conseguiria perder algum objeto dentro da própria vagina, ou um alocutário-homem que não seria capaz de perder algo no interior da vagina de sua parceira sexual.

Apesar do endereçamento ambíguo, é possível supor que a frase *então você não pode perder permanentemente algo lá dentro* sugere um alocutário-mulher devido à memória de enunciação que se projeta sobre a cena enunciativa. Essa memória é a de que a mulher

encontra-se sempre preocupada ao explorar sua sexualidade, com medo de danificar irreparavelmente seu corpo – representada, nesse caso, pela figura da mulher que introduz objetos em sua vagina e, ao não conseguir retirá-los, preocupa-se em tê-los perdido definitivamente em seu interior. Dessa forma, pode-se interpretar que o *você* que *não pode perder permanentemente algo lá dentro* refere-se às mesmas *algumas pessoas* que *costumam enfiar cada coisa na vagina*.

É possível observar, portanto, que no interior do mesmo tópico é sugerido o endereçamento a diferentes alocutários, ora masculinos, ora femininos, pois o pronome de tratamento *você*, além de referir-se aos *amigos* do alocutor-homem, pode também se referir às mulheres que, apesar de suas preocupações, não podem perder definitivamente algum objeto dentro de suas vaginas.

O endereçamento do texto ao alocutário-mulher se dá explicitamente nos recortes 30, 31 e 32, a seguir. Nesses trechos, é notável a semelhança das matérias do portal M de Mulher e das Revistas Capricho e Cosmopolitan.

[R31] Embora os resultados ainda não foram confirmados por outros cientistas, não deixe de procurar *o seu ponto A*, pois pode *te* proporcionar coisas maravilhosas.

[R32] O fortalecimento *da sua vagina* pode melhorar o orgasmo

[R33] Se *você* acha que nasceu sem um [hímen], *não se preocupe*, pois isso não tem nada haver com a *sua* vida sexual, pode ter sido rompido em alguma situação da *sua* vida.

Percebe-se que o alocutário, nesses trechos, apresenta-se como feminino. No recorte 31, o alocutário-mulher é motivado a procurar o *ponto A*, um local na vagina que, análogo ao ponto G, geraria prazer. O pertencimento desse ponto A ao alocutário se dá por meio do pronome possessivo *seu* em *seu ponto A* e pelo pronome pessoal oblíquo *te* em *pode te proporcionar coisas maravilhosas*. Dessa forma, a mulher deveria estimular o interior de sua vagina, por meio da penetração de um objeto ou do próprio pênis, para encontrar esse *ponto A*. Já no recorte 32, o alocutário-mulher se explicita pelo pronome possessivo *sua* em *sua vagina*, que mais uma vez inscreve a vagina no corpo do alocutário.

Por fim, no recorte 33, o alocutário é endereçado pelo pronome de tratamento *você* e pelas duas ocorrências do pronome possessivo *sua*. Nota-se que *você* é predicado *por acha que nasceu sem um hímen*, o que atribui ao alocutário-mulher o pertencimento do hímen, parte da anatomia feminina. Mais do que isso, o alocutário é representado como preocupado com a perda do hímen, imaginando que esse rompimento poderia ter sido causado por um comportamento sexual indevido. Portanto, assim como ocorre dos textos da Revistas Cosmopolitan e Capricho e do portal M de Mulher, o alocutário-mulher é caracterizado como preocupado com seu pertencimento em um padrão de normalidade que se inscreve no corpo: o Locutor pressupõe a inquietação do Locutário e o tranquiliza, afirmando de antemão que suas condutas sexuais não podem deformar o corpo feminino ideal.

Por sua vez, em relação ao lugar de dizer, a matéria do site Fatos Desconhecidos apresenta, em grande parte, um enunciador-universal. Sob o título encontra-se a informação de que o texto está arquivado na seção *Ciência e Tecnologia*, de forma a criar uma aproximação entre a matéria de curiosidades e a divulgação científica. Segundo Guimarães (2017), o enunciador-universal é típico do discurso científico, e se manifesta, no texto analisado, principalmente por meio de citações a estudos científicos, de onde as informações teriam sido retiradas. Alguns exemplos podem ser observados nos recortes a seguir:

[R34] Um estudo feito pelo Journal of Sexual Medicine usou imagens de ressonância magnética para medir o clitóris de 30 mulheres.

[R35] Em um estudo, Whipple fez uma comparação da área pélvica de algumas mulheres, e as mulheres com músculos pélvicos mais fortes eram mais propensas a ejacular.

[R36] As células regenerativas endometriais estão sendo estudadas para tratar pacientes com insuficiência cardíaca congestiva. As células são extraídas a partir do sangue da menstruação e em seguida cultivadas em cultura para gerar diferentes tipos de células. Neste caso, as células estaminais são feitas para fins de reparação de pacientes. Esse é um estudo experimental, mas que se obter sucesso poderá ajudar muitas pessoas que sofrem de insuficiência cardíaca.

Em todos os casos, verifica-se que o Locutor apoia suas afirmações em estudos, que

trazem autoridade a sua fala. O recorte 34 menciona *um estudo feito pelo Journal of Sexual Medicine*, enquanto que o recorte 35 cita um estudo de Whipple. O recorte 36, por fim, apenas menciona que as células regenerativas estão sendo estudadas, mas não há menção às instituições que estão realizando a pesquisa, tampouco são explicados os conceitos biológicos complexos de *insuficiência cardíaca congestiva* e *células regenerativas endometriais*. Dessa forma, pode-se afirmar que, apesar de apresentar um enunciador-universal que se legitima na autoridade do discurso científico, o Locutor traz informações vagas a respeito dos estudos que embasam esses fatos, ao contrário do Locutor da revista Galileu que credita de forma muito mais sistemática e precisa a proveniência dos conhecimentos apresentados.

Além do enunciador-universal, também é possível identificar um enunciador-genérico no texto do site Fatos Desconhecidos, conforme mostram o recorte 37:

[R37] Todo mundo sabe que o clitóris tem a função de dar prazer para a mulher, certo?

No caso desse lugar de dizer, “o enunciador se mostra como dizendo com todos os outros: se mostra como um indivíduo que escolhe falar tal como outros indivíduos, uma outra forma de se apresenta como *independente* da história” (GUIMARÃES, 2017, p. 34). Assim, o enunciador-genérico afirma que o clitóris tem a função de dar prazer para a mulher, e que todas as pessoas sabem dessa informação; trata-se, portanto, de um conhecimento do senso comum, compartilhado por todos. Esse sentido de senso comum é cristalizado pela modalização epistêmica asseverativa *todo mundo sabe que* e pelo pergunta retórica *certo?*, que busca obter a concordância do leitor a respeito da obviedade da afirmação.

Em alinhamento com a cena enunciativa gerada no acontecimento de produção do texto da Fatos Desconhecidos, a matéria da Revista Galileu, que se representa como divulgadora de ciência, aponta para um alocutário-homem, ainda que de forma não explícita. Nesse caso, o Locutor que assina a enunciação é Carol Patrocínio, uma autora mulher. Entretanto, a única referência que o alocutor faz de si mesmo é em terceira pessoa, assim como ocorre no texto da Revista Cosmopolitan. Isso pode ser verificado no recorte a seguir:

[R38] Muitas [mulheres] não se sentem confortáveis nem para conversar com os próprios médicos. Mas *GALILEU* não vê motivo nenhum para

constrangimento. E, depois de ler toda essa reportagem, *você* muito provavelmente não verá também.

Não há, como nos casos da Revista Capricho e do portal M de Mulher, uma identificação do alocutor com o alocutário. Aqui, essas figuras estão completamente separadas: o alocutor não é redator, mas é a própria revista, identificando-se, portanto, como *Galileu* e utilizando o verbo *ver* na terceira pessoa do singular. Não existe, portanto, ligação entre a entidade alocutor-revista e o alocutário, que é representado pelo pronome de tratamento *você*.

O Locutor assume, assim, uma diferença de posicionamento entre o alocutor-revista, que não vê motivo para nenhum constrangimento em falar sobre a vagina, e o alocutário, que precisa ser convencido de que não há necessidade para esse pressuposto constrangimento. Existe, nesse sentido, a pressuposição de um alocutário constrangido, ou mesmo preconceituoso, que precisa ter suas posições revistas por meio dos dados apresentados pela matéria.

Apesar das pistas de que se trata de um alocutário-homem, constrangido em falar sobre a vagina, a indicação que confirma a interlocução com um alocutário do sexo masculino pode ser percebida no seguinte recorte:

[R39] Até pouco tempo, o órgão sexual feminino permanecia relativamente desconhecido mesmo entre médicos e cientistas. Mas agora isso felizmente começou a mudar, e *você* não vai querer ficar de fora – sem duplo sentido.

Conforme o recorte, constata-se que o alocutário é novamente inscrito no acontecimento da enunciação pelo pronome de tratamento *você*, predicado por *não vai querer ficar de fora – sem duplo sentido*. Nessa oração há a indicação de que o alocutário não deve considerar a ambiguidade do sentido. Porém, ao sinalizar essa possibilidade interpretativa, o Locutor evidencia a duplicidade do sentido, utilizando-a para a construção de um enunciado que pode ser lido como humorístico. Desse modo, o alocutário é projetado como alguém que não vai querer ficar de fora tanto dos novos conhecimentos a respeito da vagina quanto da própria vagina como órgão sexual. Pode-se concluir que se trata, então, de um alocutário-homem, aquele que, conforme a Revista Galileu, deseja penetrar a vagina da

mulher com seu pênis.

Em outros recortes, também é possível observar uma pressuposição de preconceito ou mesmo hostilidade do alocutário, que desta vez não é explicitamente masculino, ao tratar da anatomia feminina. Nos seguintes recortes, o Locutor dirige-se ao alocutário projetando que haverá um julgamento negativo sobre a incapacidade das mulheres de identificar as partes do próprio corpo:

[R40] Grande parte das mulheres ainda é incapaz de nomear as estruturas que compõem seu sistema reprodutor. Em uma pesquisa feita no Reino Unido, metade das entrevistadas não soube apontar a localização da vagina em um diagrama simples (antes de julgá-las, *faça* o teste abaixo).

[R41] É isso que todas as mulheres veriam se ficassem de frente para um espelho. Que partes *você* é capaz de nomear?

No recorte 40, por meio de um comentário entre parênteses, o Locutor pede que o alocutário faça um teste antes de julgar as mulheres que não conhecem a anatomia feminina; verifica-se, portanto, um contraste entre a figura do alocutário e a figura da mulher, que será julgada. Não fica explícito se esse alocutário é um homem que julga as mulheres como ignorantes a respeito de sua anatomia ou se é uma mulher que considera-se mais bem informada que as outras; contudo, fica claro que o alocutário e a mulher julgada são figuras distintas. Já o recorte 41 mostra o teste que deve ser realizado por esse alocutário; mais uma vez, ele pode ser tanto um alocutário-homem e, nesse caso, *você* seria construído na enunciação como sendo um ser distinto de *todas as mulheres*, quanto um alocutário-mulher que deve testar seus conhecimentos biológicos a respeito do próprio corpo.

Devido a sua identificação como um meio de comunicação científico, verificou-se, no texto da Revista Galileu, forte presença de um enunciador-universal, que apresenta e interpreta dados resultantes de estudos recentes. Exemplos de enunciados em que esse enunciador figura estão presentes em toda a matéria. Também em contraste com todos os outros textos do *corpus*, a matéria da Revista Galileu apresenta gráficos para auxiliar na apreensão das informações apresentadas verbalmente, enquanto que, no caso do site Fatos Desconhecidos, do portal M de Mulher e das Revistas Cosmopolitan e Capricho, as imagens

ilustrativas trazem apenas as figuras de mulheres e representações artísticas da genitália feminina.

Além disso, observa-se a existência de um segundo enunciador, genérico, que se associa ao alocutor Galileu. Esse enunciador genérico, por sua vez, é aquele que dá título aos tópicos do texto. Nos recortes 42, 43, 44 e 45, é possível observar que um enunciador genérico atribui títulos que fazem menção a expressões cristalizadas pelo conhecimento popular a tópicos nos quais se percebe um enunciador universal, típico do discurso científico:

[R42] DIRETO DA FÁBRICA

Uma condição conhecimento como Síndrome de MRKH faz com que a vagina não complete seu desenvolvimento.

[R43] [ABRE-TE, SÉSAMO: O diâmetro da vagina chega a triplicar de tamanho durante o sexo]

[R44] COPINHO MEIO CHEIO

Venda de coletores menstruais cresceu em quase 1000% no Brasil

[R45] ESPELHO, ESPELHO MEU

Existe alguma parte do corpo mais desconhecida do que eu? Boa parte das mulheres não têm intimidade com a própria vagina.

Todas as expressões que constituem os títulos dos recortes evocam como memoráveis enunciados que circulam no conhecimento popular: *direto da fábrica* é uma expressão cristalizada, muito utilizada na compra e venda de produtos. Por sua vez, *abre-te Sésamo* e *espelho, espelho meu* recortam como memoráveis as enunciações de personagens de histórias muito antigas e conhecidas, o segredo para abrir a gruta enunciado por Ali Babá no *Livro das Mil e Uma Noites*, e a pergunta que a Rainha Má sempre faz a seu espelho mágico no conto de fadas *Branca de Neve*, respectivamente. No caso de *espelho, espelho meu* todo o tópico é estruturado pela paráfrase da fala da rainha no conto, já que sua famosa frase “espelho, espelho meu, existe alguma mulher mais bela do que eu?” é aludida pelo enunciador-genérico em *existe alguma parte do corpo mais desconhecida do que eu?* Por fim, *copinho meio cheio*

rememora a metáfora do copo meio cheio ou meio vazio, no qual a adjetivação do copo depende do ponto de vista, otimista ou pessimista, do observador.

Nota-se que a atribuição desses títulos por um enunciador-genérico gera contraste com as informações apresentadas no texto, que trazem o enunciador-universal e fatos científicos. Assim, atribui-se um título como *direto da fábrica* a um texto que fala sobre a rara Síndrome de MRKH, ou *copinho meio cheio* como título de uma constatação percentual sobre o aumento das vendas de coletores menstruais no Brasil. Esse contraste de pontos de vista, que evoca o conhecimento popular, pode ser percebido como um tom humorístico no texto de divulgação científica, que busca também tecer uma aproximação com seu alocutário. Dessa forma, o alocutário é representado não como sendo um par do alocutor no campo da ciência, mas como um leigo que lê sobre ciência para entretenimento ou por curiosidade.

Além do enunciador-universal, que apresenta os dados científicos, e do enunciador-genérico, que tenta criar humor por meio da invocação do conhecimento popular, a matéria da Revista Galileu apresenta um enunciador-individual, que se identifica com o Locutor que assina como Carol Patrocínio. Em um texto que se inicia com a sugestão de endereçamento a um alocutário-homem, conforme indica o humor de conotação sexual presente no recorte 39, o Locutor apresenta-se por meio comentários de teor avaliativo entre parênteses ao longo dos enunciados:

[R46] Ela foi cientificamente ignorada por anos (...) mas (*antes tarde do que nunca!*) a vagina parece *finalmente* estar ganhando a atenção que merece.

[R47] Foi apenas em 2009 (!) que um estudo publicado no The Journal of Sexual Medicine decretou oficialmente que o equivalente do pênis é o clitóris, e não a vagina.

[R48] Foi mais ou menos nessa época que Freud (*sempre ele*) resolveu também dar seu *pitaco* e afirmou que mulheres “maduras” conseguiam transferir o orgasmo do clitóris para a vagina e que o orgasmo clitoriano era infantil. Mas, *felizmente*, das trevas fez-se a luz e a ciência *finalmente* começou a entender como o clitóris *realmente* se comporta.

[R49] O clitóris, órgão responsável pela maioria dos orgasmos femininos, teve

de trabalhar duro (*risos*) para ter sua existência reconhecida pela ciência.

Nos recortes 46, 47, 48 e 49, é possível observar que o enunciador-individual, que se alinha com o Locutor Carol Patrocínio, utiliza os parênteses como uma forma de irromper no fluxo do texto, conquistando um pequeno espaço entre os enunciadores universal e genérico: em uma matéria em que o alocutor se apresenta apenas como alocutor-Revista Galileu falando por vezes explicitamente com um alocutário-homem, por vezes sem determinar quem é esse alocutário, o ponto de vista da mulher se faz presente no enunciador-individual, que exclama sua indignação devido aos atrasos sexistas da ciência, no recorte 46, e expressa sua satisfação com os recentes estudos sobre a anatomia feminina, no recorte 48. Também nesse recorte, observa-se a ocorrência da modalização afetiva em *finalmente*, que reforça a presença do Locutor no texto, já que é o Locutor que modaliza os enunciados. Já no recorte 49, o Locutor lança risos entre parênteses para criar o humor com o duplo sentido de *trabalhar duro*: trabalhar arduamente e trabalhar rijo.

Por fim, no recorte 48, o Locutor critica as teorias de Freud a respeito da sexualidade feminina. Isso acontece, primeiramente, pelo comentário entre parênteses (*sempre ele*), demonstrando que, do ponto de vista do Locutor, são recorrentes as colocações polêmicas de Freud. Além do comentário explícito do Locutor, o termo *pitaco* mostra uma apreciação valorativa sobre as ideias freudianas – tratam-se de algo sem fundamento, de uma maluquice indesejada. Em contraste com as noções ultrapassadas de Freud, o Locutor modaliza os enunciados seguintes com *felizmente*, *finalmente* e *realmente*, tecendo uma comparação entre essas teorias e os descobrimentos da ciência atual.

Essas brechas textuais nas quais o Locutor pode, por meio de modalizações e de um enunciador-individual, expressar suas críticas a Freud e a uma ciência médica androcêntrica permitem que se interprete que o alocutor, embora apresentando-se explicitamente apenas como alocutor-Revista Galileu, projeta-se nesses trechos como um alocutor-mulher. Esse alocutor-mulher, por sua vez, traz para seu texto uma cumplicidade feminina que poderia indicar seu direcionamento a um alocutário-mulher. Nesse sentido, o humor presente no recorte 48, que se sustenta sobre o duplo sentido da palavra *duro* e denuncia a resistência da comunidade científica em reconhecer a existência do clitóris, seria direcionado a um alocutário-mulher, contrastando com o humor do recorte 39, no qual a graça se encontra no

implícito de que o alocutário-homem deseja penetrar o corpo feminino.

Por fim, observa-se que o alocutor-mulher e o alocutário-mulher também podem ser encontrados em citações de especialistas do sexo feminino trazidas pelo Locutor Carol Patrocínio, porém, nesses casos, não é o próprio Locutor a origem desse dizer, e esse endereçamento ao alocutário-mulher ocorre sempre entre as aspas da citação direta.

2.2. Algumas considerações

Apesar da ignorância do falante a respeito das divisões políticas que sobre ele incidem, constata-se que tais divisões desiguais do real permeiam todo o acontecimento da enunciação e, portanto, a cena enunciativa. Por meio das análises, observou-se que nos textos do portal M de Mulher e das revistas Capricho e Cosmopolitan, os Locutores, que se apresentam como autores, assinam com nomes femininos, identificam-se a alocutores-mulheres e dialogam com alocutários-mulheres. É importante observar que, nesses textos, assim como na matéria do site Fatos Desconhecidos, a mulher é identificada como aquela que possui a vagina. Isso é explicitado especialmente pela construção *sua vagina*, recorrente nos quatro textos. Existe, portanto, uma relação de determinação entre a vagina e o alocutário-mulher: ser mulher implica ter uma vagina, e ter uma vagina significa ser mulher, em uma relação unívoca que liga sexo biológico e identidade de gênero.

Na matéria do site Fatos Desconhecidos, o Locutor que assina como autor se identifica no gênero masculino e se assimila a um alocutor-homem, dirigindo-se a um alocutário que oscila entre homem e mulher. No caso da Revista Galileu, por sua vez, a figura do Locutor autor que se responsabiliza pela enunciação tem um nome feminino, mas o alocutário a quem o alocutor-revista se dirige é majoritariamente homem, e os comentários do Locutor Carol Patrocínio precisam aparecer entre parênteses, quebrando o fluxo do texto em pequenos instantes em que sua opinião (e, por conseguinte, sua identidade como mulher) pode aparecer de forma explícita. Verifica-se, portanto, no *corpus* estudado, uma correlação entre a representação que o meio de comunicação faz de si mesmo em relação ao compromisso com a divulgação científica e a pressuposição do gênero do alocutário. Nas revistas femininas, os alocutores-mulheres e alocutários-mulheres predominam e não há endereçamento a um alocutor-homem, enquanto que nos meios de divulgação que mais se aproximam do gênero da

divulgação científica, verifica-se um endereçamento a múltiplos alocutários, homens e mulheres. Ainda nesses textos, observa-se que o alocutor não se marca explicitamente como feminino, salvo em comentários entre parênteses ou em citações da fala de especialistas – médicas, escritoras ou cientistas – do sexo feminino.

Essas tendências podem ser explicadas pela divisão política da enunciação. Segundo Guimarães (2017), “estar identificado pela divisão da língua é estar destinado, por uma deontologia global da língua, a poder dizer certas coisas e não outras, a poder falar de certos lugares de locutor e não de outros, a ter certos interlocutores e não outros” (GUIMARÃES, 2017, p.29). Dessa forma, pode-se observar uma clara divisão de gênero dos direitos ao dizer: os Locutores autores que assinam como mulheres nas Revistas Cosmopolitan e Capricho e o portal M de Mulher mantém interlocuções com alocutários-mulheres, enquanto que os Locutores do site Fatos Desconhecidos e da Revista Galileu mantém interlocuções majoritariamente com alocutários-masculinos: no caso do texto da Fatos Desconhecidos, a mulher se caracteriza como *o outro*, aquele de quem se fala, aquelas *pessoas* estranhas que *enfiam cada coisa na vagina*, enquanto que na matéria da Revista Galileu o Locutor, que é mulher, só pode dialogar com alocutários-mulheres nos poucas trechos em que se utiliza modalizações e de um enunciador-individual. Nesse sentido, o humor do texto é gerado a partir da anatomia feminina, ora direcionado a um alocutário-mulher com o qual o Locutor demonstra cumplicidade, ora direcionado a um alocutário-homem que acha engraçada a sugestão de que o corpo da mulher é um objeto de desejo.

Em todos os casos, o alocutário é idealizado como pertencente a um binário de sexos, que pressupõem uma ordenação heterossexual de gênero e desejo sexual: ou os alocutários são mulheres, aqueles que possuem *a vagina* que será penetrada, ou são homens, aqueles que desejam penetrar as vaginas de corpos femininos. Nas matérias das revistas femininas, o alocutário-mulher heterossexual é aquela que tem um namorado que ama ficar dentro de sua vagina, conforme a Revista Cosmopolitan; aquela que teme ficar virgem de novo e que desenvolve músculos vaginais tensos após um período de *seca* do que deveria ser abundante em sua vida, a relação sexual com penetração vaginal, no caso do portal M de Mulher; ou ainda aquela que têm com os tecidos e músculos vaginais atrofiados após a falta de atividades de penetração vaginal, segundo a Revista Capricho. Por meio das opiniões de especialistas, ou pela simples constatação daquilo que “todos já sabem”, a mulher tem seu desejo

pedagogizado e normatizado.

De forma semelhante, nos dois textos que mais se aproximam da divulgação científica, a Revista Galileu e a Fatos Desconhecidos, o alocutário-homem também é heterossexual: é aquele que *não vai querer ficar de fora* da vagina, no primeiro caso, e aquele que pretende conhecer tudo sobre o próprio corpo para conseguir ter relações sexuais com mulheres bonitas, no segundo.

Nos dois tipos de textos analisados, essas normatizações do comportamento sexual tanto da mulher quanto do homem são legitimadas pelo enunciador-universal e pelo enunciador-genérico, enunciando “verdades” sobre a vagina que são asseguradas pela autoridade científica ou se diluem na reafirmação da sabedoria popular de todos. Contudo, no caso das revistas femininas, que inserem seus textos nas seções de *amor e sexo*, como a Revista Cosmopolitan, e *vida real*, como é o caso da Revista Capricho, o enunciador-universal se faz presente principalmente por meio da opinião de figuras empíricas, especialistas como ginecologistas, psicoterapeutas e sexólogos. Em contraste, nos textos de divulgação científica como a Revista Galileu e o site Fatos Desconhecidos, que arquiva sua matéria na seção de *ciência e tecnologia*, a presença da autoridade se dá majoritariamente por meio da citação a estudos, que não são atribuídos a uma pessoa em específico.

Desse modo, todos os textos analisados, tanto aqueles que têm como objetivo a divulgação científica quanto aqueles que se propõem a trazer curiosidades e entretenimento a seus leitores, auxiliam, em algum ponto, na construção e manutenção da compulsoriedade da ordem sexo/gênero/desejo (BUTLER, 2017), embora, especialmente nos casos do portal M de Mulher e da Revista Galileu, os Locutores consigam expressar, por meio de enunciadores-individuais, suas individualidades e descontentamentos diante dos sexismos presentes na ciência.

Por um lado, a reafirmação de uma memória de sentidos que naturaliza a coerência e a continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo nos seres humanos se dá, nas revistas femininas Cosmopolitan, Capricho e no portal M de Mulher, pela exploração das inseguranças femininas de não pertencimento à normalidade, de identificação do próprio corpo como anormal, assimétrico, estranho ou patológico – e dos comportamentos sexuais desviantes, especialmente a recusa da prática da relação sexual de penetração, como afetando

fisiologicamente esse corpo, deformando-o; trazendo, enfim, na carne, a prova da infração da ordem natural do desejo lembrada como memorável na temporalização dessas enunciações.

Já nos textos mais inclinados à divulgação científica, a manutenção desses sentidos cristalizados ocorre principalmente por meio do humor, que gera uma identificação do alocutor-homem com o universo masculino que ali se desdobra, no qual a construção dos sentidos de mulheres como objeto de desejo, por sua capacidade de ser penetrado, ou de repulsa, por sua estranheza, é uma piada constantemente reiterada, carregando em si o entretenimento da familiaridade. Assim sendo, os desejos e os prazeres, tanto femininos quanto masculinos, continuam, seja pelo medo, seja pelo humor, devidamente normatizados. Portanto, o real é desigualmente dividido, hierarquizado entre desejantes e desejados, penetradores e penetrados, enquanto aqueles que não estão incluídos – como o Locutor Carol Patrocínio exclamando entre parênteses que sufocam na Revista Galileu ou como os alocutários-mulheres inseguros que desejam ter sua normalidade reafirmada – buscam, de alguma forma, fazer parte.

3. As reescrituras da palavra *vagina*

Nos estudos enunciativos, em especial na *Semântica do Acontecimento* de Eduardo Guimarães, “o sentido de uma expressão pode ser analisado como seu modo de integração num enunciado, enquanto elemento de um texto” (GUIMARÃES, 2017, p. 35). Dessa forma, determinar a *designação* de uma palavra é compreender seu sentido em um enunciado, que por sua vez faz parte de um texto. Dotado de uma consistência interna e de independência relativa, o enunciado é então tomado como unidade de análise linguística. Além de eleger o enunciado como unidade de análise, a Semântica do Acontecimento também considera central para o estudo da designação a observação dos dois modos de relação enunciativa, ou seja, de relação entre palavras na enunciação: a relação por articulação e a relação por reescrituração, ambos descritos por Guimarães (2018).

Este capítulo dedica-se à análise das relações de reescrituração presentes nos enunciados que constituem o *corpus*, textos disponíveis na *internet* que se pretendem disseminadores de conhecimento. Segundo Guimarães (2018), “a reescrituração é o modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito” (GUIMARÃES, 2018, p. 85). Nessa perspectiva teórica, a operação de reescrituração representa as retomadas de uma palavra ao longo de um enunciado ou texto, os redizeres e reformulares por meio dos quais essa palavra é referida. Nesse contexto, o termo *reescriturado* é aquele que passa pela reescrituração, enquanto que o termo *reescriturante* é aquele que o reescreve, predicando-o. Essa atribuição de sentido acontece porque, “ao fazer interpretar algo como diferente de si, este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado” (GUIMARÃES, 2017, p. 38). Desse modo, analisar a designação de uma palavra é observar como sua presença no texto, que ocorre principalmente por meio dos procedimentos de reescrituração, constitui predicções por sobre a segmentalidade textual.

Ainda na teoria de Guimarães (2018), “a reescrituração pode ser por *repetição*, *substituição*, *elipse*, *expansão* e *condensação*” (GUIMARÃES, 2018, p. 87). Podendo ter o sentido de sinonímia ou hiperonímia, a reescrituração por *repetição* ocorre pelo aparecimento repetitivo de uma palavra em um enunciado ou texto. Já as reescriturações por *substituição* e *elipse* ocorrem principalmente por anáfora, com sentido de especificação ou definição. Já as reescriturações por *expansão* e *condensação* tem em comum o sentido de generalização que podem produzir, embora a expansão possa também se dar pelo desenvolvimento ou

enumeração, enquanto que a condensação produz o sentido de totalização.

Considerando essa seleção de textos, procura-se verificar quais são as reescrituras da palavra *vagina* que mais se repetem no *corpus*, classificando-as e exemplificando-as conforme as categorias propostas por Guimarães (2018). Uma vez que cada um dos cinco textos selecionados apresenta variados enunciados e recortes para análise, será realizada a relação desses textos, de forma a verificar quais são os tipos de reescrituras da palavra *vagina* com maior prevalência no *corpus*, assim como quais são os termos reescriturantes mais utilizados nessas operações. Dessa forma, pretende-se esboçar um panorama geral para compreender como os sentidos dessa palavra nos textos estudados constroem significados e discursos a respeito da sexualidade feminina.

3.1. Análise e discussão

No decorrer dos textos, a palavra *vagina* é repetidamente reescriturada, já que é o principal objeto do dizer dos enunciados que constituem o *corpus*. Dessa maneira, separou-se as reescrituras pela classificação proposta por Guimarães (2018), exemplificando as ocorrências de cada tipo.

3.1.1. Reescrituração por repetição

Nesse tipo de reescrituração, os termos reescriturado e reescriturante são iguais, como é possível observar nos recortes 50 a 54, que mostram reescrituras da palavra *vagina* em cada um dos textos analisados:

[R50] Quando a *vagina* para de se desenvolver? (recorte extraído da Revista Capricho).

[R51] No pênis existem 4 mil terminações nervosas, na *vagina* existem 8 mil. O clitóris realmente tem muito mais terminações sensoriais que o órgão sexual masculino (recorte extraído da Fatos Desconhecidos).

[R52] A *vagina* tem mais terminações nervosas que o pênis. Essas terminações nervosas estão no clitóris e são cerca de 8 mil. O pênis tem 4 mil terminações

nervosas (recorte extraído do portal M de Mulher).

[R53] A maioria das terminações nervosas responsáveis pela sensação de prazer encontra-se no início da *vagina* (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

[R54] Galeno dizia que a *vagina* era um pênis invertido (recorte extraído da Revista Galileu).

Nos recortes 51 e 52, verifica-se que apesar de a palavra reescriturada por repetição ser *vagina*, é clara a referência ao clitóris. As *8 mil terminações nervosas* do clitóris são atribuídas à vagina nos títulos, mas rapidamente deslocadas para o clitóris no corpo do texto. Há inclusive a reescrituração por substituição de *vagina* por *clitóris* no recorte 51. Além disso, em ambos os recortes 51 e 52, há a relação de comparação e oposição entre vagina/clitóris e o pênis, reescrito no recorte 51 como *o órgão sexual masculino*.

Já no recorte 54, há a descrição da interpretação médica da vagina como um pênis invertido, ideia que se manteve por séculos como um dos modelos mais bem aceitos de anatomia reprodutiva. Dessa forma, observa-se que essa reescrituração de vagina por repetição, seguida pela sua reescrituração por definição como *um pênis invertido*, apresentam um recorte do passado como memorável. Segundo Guimarães (2017) “o passado no acontecimento é uma rememoração de enunciações por ele recortada, fragmentos do passado por ele representados como o seu passado” (GUIMARÃES, 2017, p. 20). Na enunciação, o acontecimento da linguagem temporaliza, ou seja, cria seu próprio presente, abre uma latência de futuro e recorta um passado. No recorte 54, o passado rememorado, o passado escolhido como representante, é a significação da vagina como pênis invertido feito por Galeno.

Nesse sentido, a nomeação dos genitais femininos a partir dos masculinos faz parte da *história de enunciação* da palavra *vagina*. Em outras palavras, por mais que o sentido de uma palavra se dê no acontecimento da enunciação, é preciso considerar que esse sentido é de alguma forma “dirigido” pelas enunciações anteriores. Na análise histórica e antropológica de *Inventando o sexo*, Laqueur (2001) traça a história das crenças ocidentais a respeito do sexo biológico, e, por meio da leitura de sua obra é possível compreender um pouco da história de

enunciação da palavra *vagina*.

Segundo os estudos de Laqueur (2001), por volta do século II d.C. Galeno desenvolveu um modelo dos órgãos reprodutivos do homem e da mulher, no qual “demonstrava com detalhes que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de calor vital – de perfeição – resultara na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis na parte externa” (LAQUEUR, 2001, p. 16). A vagina, nesse esquema que teve vigor até aproximadamente o século XVII, seria um pênis invertido, no interior do corpo feminino, e essa significação é rememorada pela Revista Galileu, que a toma como uma noção desatualizada dos conhecimentos biológicos.

3.1.2. Reescrituração por *substituição/ elipse*

A reescrituração por substituição, que denota uma relação de sinonímia ou hiperonímia entre a palavra reescriturada, *vagina*, e a reescriturante, é comum no *corpus* analisado, sendo uma das principais formas de reescrituração verificadas.

Um dos termos reescriturantes mais repetidos nos textos é *o órgão sexual feminino*, que estabelece uma relação de hiperonímia com a palavra *vagina*: considerando a *vagina* como um dos órgãos sexuais femininos, pode-se afirmar que *órgão sexual feminino* é um termo genérico e, *vagina*, mais específico. Verifica-se duas ocorrências desse termo reescriturante, com outras variantes presentes nos textos:

[R55] A vagina como ela é Até pouco tempo, *o órgão sexual feminino* permanecia relativamente desconhecido mesmo entre médicos e cientistas (recorte extraído da Revista Galileu).

[R56] (...) algumas mulheres parecem ter um certo bloqueio quando o assunto é *o órgão sexual feminino* (recorte extraído da Fatos Desconhecidos).

Entretanto, também é possível interpretar a relação de reescrituração por substituição como tendo sentido de sinonímia nesse caso, uma vez que, pelas relações de articulação, os termos de *o órgão sexual feminino* relacionam-se por *dependência*. *O*, artigo definido, determina *órgão sexual feminino*, de maneira que, diferentemente de *um dos órgãos sexuais*

femininos, a *vagina* torna-se “o” órgão, aquele que possui maior relevância dentre os órgãos, ou mesmo o único órgão sexual feminino reconhecido. Quando se considera que no texto da Fatos Desconhecidos, no recorte 51, a palavra *pênis* é reescriturada por *o órgão sexual masculino*, verifica-se, nesse enunciado, a construção discursiva de uma relação de oposição/complementação entre pênis e vagina, destacando-se também a proeminência do artigo *o* como determinante. Dessa maneira, o discurso que se tece de maneira geral no *corpus* é o de que existem dois órgãos sexuais: o feminino, a vagina (que evoca as características fisiológicas do clitóris), e o masculino, o pênis.

Outro tipo de reescrituração por substituição, que pode ser considerado um eufemismo, é aquele que remete à palavra *região* para se referir à vagina, e que pode ser observado nos recortes 57 a 60:

[R57] COSMO preparou um guia para ajudá-la a conhecer *essa região nobre da sua anatomia* (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

[R58] *A região genital* contém um grande número de terminações nervosas (recorte extraído da Revista Galileu).

[R59] Examinar *a região genital*, pelo menos de três em três meses, é uma ótima maneira de conhecer melhor *o corpo* (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

[R60] Agora, se o líquido estiver esverdeado ou amarelado, tiver com cheiro forte, e em, alguns casos, for acompanhado de coceira ou ardência *na região íntima*, marque uma consulta no ginecologista (recorte extraído da Revista Capricho).

Nesses casos de reescrituração por substituição, verifica-se um apagamento da palavra *vagina*; ela é reescriturada por *a região genital* e *a região íntima*, termos que fazem referência ao aparelho reprodutivo mas que são imprecisos, sem muita distinção de suas partes. Ainda nessa imprecisão que engloba outras partes da anatomia, a palavra *vagina* é por vezes reescriturada por expressões que fazem referência a todo o corpo humano, como é possível observar nos seguintes recortes:

[R61] Na verdade, a vagina é *uma parte do corpo com a qual você convive diariamente, mas com certeza não conhece por completo* (recorte extraído da Revista Capricho).

[R62] Realmente falar de vagina é uma coisa muito complicada (...). Mas vocês concordam que todo mundo deveria saber tudo sobre *seu corpo*? Conhecer *nosso próprio corpo* pode ser uma ajuda e tanto na hora da relação sexual, principalmente para os homens (recorte extraído da Fatos Desconhecidos).

[R63] Reconhecer a vagina como *uma parte do corpo tão importante quanto o rosto* ajuda a melhorar a higiene, a saúde e o prazer sexual (recorte extraído do portal M de Mulher).

[R64] E essa falta de intimidade com *o próprio corpo* tem consequências perigosas (recorte extraído da Revista Galileu).

Verifica-se, dessa forma, uma reiteração de que a vagina faz parte do corpo humano, de igual importância às outras partes da anatomia e que, portanto, deve ser observada, higienizada e medicada como tal. Esse tipo de substituição predica sentidos sobre a palavra *vagina* de maneira a torná-la mais anatômica, parte de algo maior, do *corpo*. Observa-se nessas reescrituras por substituição, portanto, uma relação metonímica da parte pelo todo, na qual a parte (vagina) é reescriturada pelo todo (corpo).

Outro termo *reescriturante* que se repete nos textos é o pronome pessoal *ela*, utilizado para não se repetir a palavra *vagina*. Exemplos dessas ocorrências são listados a seguir, já que esse tipo de substituição ocorre de maneira sistemática no *corpus*.

[R65] Por isso, montamos um manual com as informações e curiosidades importantes sobre “*ela*” (recorte extraído da Revista Capricho).

[R66] Se você se sente muito incomodada com a aparência *dela*, saiba que existem cirurgias capazes de criar nova aparência *a vagina* (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

[R67] A maioria também prefere recorrer a apelidos quando precisa se referir a *ela* (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

Observa-se que, no recorte 65, a palavra *ela* aparece entre aspas. O emprego desse sinal de pontuação para se referir à vagina acontece outras vezes no *corpus*. Nos recortes 68, 69 e 70, é possível verificar a presença das aspas, que destacam as reescrituras de *vagina*, reafirmando a existência de um tabu a respeito da sexualidade feminina.

[R68] Embora seja comum chamar *tudo que está ~ lá embaixo ~* de vagina, *ela* é apenas uma parte da genitália (recorte extraído do portal M de Mulher).

[R69] *Nossa “amiga”* produz uma acidez natural que a protege contra microrganismos (recorte extraído da Revista Capricho).

[R70] A vagina é um espaço fixo que não tem continuação, então você não pode perder permanentemente algo “*lá dentro*” (recorte extraído da Fatos Desconhecidos).

Apesar da afirmação de que a vagina é *uma parte do corpo com a qual você convive diariamente*, o próprio corpo da mulher, as reescrituras entre aspas revelam que ela não é referida como tal, e também não é aceita com naturalidade: é preciso destacá-la, tratá-la com ar de curiosidade, humor ou até espanto.

Reescriturada por termos destacados por aspas, a palavra *vagina* também é por vezes implicitada, não sendo referida por nenhuma materialidade linguística do enunciado. Isso acontece quando a reescritura se dá por *elipse*. Descrita na mesma categoria que a reescritura por substituição, a reescritura por *elipse* também ocorre várias vezes no *corpus* estudado, na qual a palavra *vagina*, já mencionada antes, fica implícita. Essa reescritura ocorre principalmente nos subtítulos das listas elaboradas nos textos, elencando curiosidades a respeito da *vagina*, mas sem citá-la diretamente. Nos recortes a seguir, verifica-se a *elipse* dessa palavra:

[R71] Existem vários tipos e tamanhos? (recorte extraído da Revista Capricho)

[R72] Preste atenção no comecinho (recorte extraído da Revista Cosmopolitan)

[R73] Adora um espelho! (recorte extraído da Revista Cosmopolitan)

[R74] Dá para fazer plástica (recorte extraído da Revista Cosmopolitan)

Esse tipo de reescrituração pode construir um sentido de apagamento da palavra reescriturada. Hipotetiza-se que esse apagamento se dê não só porque existem convenções textuais que pregam pela não repetição de palavras, mas também porque a sexualidade, especialmente a feminina, é considerada um objeto de tabu social. Na teoria foucaultiana, a interdição dessa palavra, reescriturada de variadas maneiras, mostra-se como procedimento de exclusão. Nas palavras de Foucault, “é claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é o interdito” (FOUCAULT, 2002, p. 2).

Segundo Foucault (2002), existem três tipos de interdição: o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. Essas interdições “se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar” (Idem). E, conforme o autor, uma das regiões em que essa grade é mais cerrada é a sexualidade, como fica evidente pela caracterização da vagina como um tabu, sobre o qual não se pode falar em qualquer circunstância.

Dessa maneira, por mais que a palavra *vagina* seja mencionada nos títulos dos textos, verifica-se que, por procedimentos de reescrituração por substituição e elipse, essa palavra não está tão presente na materialidade linguística e, quando isso ocorre, por vezes é imediatamente reescriturada por outras palavras às quais realmente se está referindo – no caso dos recortes 51 e 52, o clitóris. Pode-se supor, dessa forma, que esteja em curso um processo de interdição da palavra *vagina*.

3.1.3. Reescrituração por *expansão*

A reescrituração por expansão pode acontecer de várias formas, incluindo desenvolvimento e definição. Relações de definição são também comuns no *corpus* analisado devido à filiação do gênero à divulgação científica, que frequentemente define seus objetos de estudo. Dessa forma, os recortes de 75 a 78 ilustram alguns casos de reescrituração por expansão e, mais especificamente, definição no *corpus*:

[R75] (...) a vagina não é apenas um órgão sexual, mas *um mediador poderoso de confiança e criatividade do sexo feminino* (recorte extraído da Revista Galileu).

[R76] A vagina é *um espaço fixo que não tem continuação* (recorte extraído da Fatos Desconhecidos).

[R77] Ela é *apenas uma parte da genitália, é o canal que vai da vulva (a parte externa que inclui os pequenos e grandes lábios, o clitóris e o períneo) até o cérvix (a porção inferior do útero)* (recorte extraído do portal M de Mulher).

[R78] A vagina é *que nem a impressão digital*, pode até ser meio parecida entre algumas pessoas, mas cada uma terá o seu próprio formato, seu próprio desenho (recorte extraído do portal M de Mulher).

Nessas reescrituras por expansão, define-se o que é uma vagina nos textos analisados. Apenas o recorte 77 apresenta uma definição comprometida com os conhecimentos biológicos; os recortes 75, 76 e 78 definem vagina por meio da metáfora do medidor da confiança e criatividade da mulher, no recorte 75, pela comparação com a impressão digital, no recorte 78, e pela informação imprecisa do recorte 76. Nesse último recorte, a vagina torna-se um *espaço*, assemelhando-se às reescrituras por substituição de 57 a 60, que apresentam a vagina como uma *região íntima* ou *genital*.

3.1.4. Reescritura por condensação

O sentido de globalização ou totalização, evocado na reescritura por condensação, aparece poucas vezes no *corpus* e é construído, nos recortes 79 e 80, pela utilização da palavra *tudo*, que determina mas também é determinada pela palavra *vagina*:

[R79] Embora seja comum chamar *tudo que está ~ lá embaixo ~* de vagina, ela é apenas uma parte da genitália (recorte extraído do portal M de Mulher).

[R80] De toda forma, popularmente *tudo* é vagina, e não tem nada de errado em manter a nomenclatura (recorte extraído do portal M de Mulher).

No recorte 79, *tudo que está ~ lá embaixo ~* totaliza *vagina*, de maneira a adotar uma indistinção entre as partes da genitália feminina; em conjunto, e sem muita precisão, elas se tornam *tudo que está ~ lá embaixo ~*, em uma massa amorfa e não nomeada. A referência de *~ lá embaixo ~* também é ambígua. Em casos de reescrituração por condensação, afirma Guimarães (2018), “o totalizador/globalizador determina as partes totalizadas; esta determinação do globalizador/totalizador sobre as partes totalizadas também se dá, no sentido inverso, por *enumeração*” (GUIMARÃES, 2018, p. 91). Dessa maneira, *tudo que está ~ lá embaixo ~* determina *vagina* e vice-versa, de forma que *tudo que está ~ lá embaixo ~* pode ser chamado de *vagina*, e o canal vaginal (sentido biológico de vagina) pode representar, por totalização, *tudo que está ~ lá embaixo ~*.

Essa mútua determinação é reafirmada no recorte 80, no qual se defende que *tudo é vagina*, e essa nomenclatura não traz consequências, ainda que incompatível com as terminologias biológicas. Em suma, o enunciado do recorte 80 defende que a denominação não importa, o que pode ser interpretado como uma reafirmação da *história de enunciação* da anatomia feminina na sociedade ocidental, que, conforme remontada por Laqueur (2001) em *Inventando o sexo*, raramente se importou com a precisão biológica para tecer discursos sobre o sexo e o gênero.

Segundo Laqueur (2001), no modelo de sexo único adotado pelos gregos, a precisão anatômica não importava, ou era sistematicamente ignorada; a denominação das partes do sistema reprodutor feminino não era relevante, já que a mulher em si não existia: tratava-se de um homem invertido, com os órgãos voltados para dentro, de forma que não era preciso fazer uma distinção clara entre os termos usados para designar as partes do aparelho reprodutor feminino do masculino. Assim como no passado se utilizava de “partes pudendas” para se referir ao aparelho reprodutor feminino de forma geral, não específica, o texto publicado no portal M de Mulher faz uso das expressões *tudo* e *tudo que está ~ lá embaixo ~* para se referir a partes anatômicas diversas, totalizadas sob o termo reescriturante/reescriturado *vagina*.

3.1.5. O caso das metáforas e eufemismos

Durante os textos, a palavra *vagina* é muitas vezes reescriturada por metáforas ou eufemismos diversos, que não remetem imediatamente aos órgãos sexuais femininos. Metáfora e eufemismo são figuras de linguagem; a metáfora é uma comparação implícita, enquanto que o eufemismo é a substituição de uma palavra considerada inadequada por um termo mais agradável, para suavizar seu sentido. Um exemplo de caso de reescrituração eufêmica no *corpus* é o tratamento da *vagina* como um ser animado, até mesmo humano. Nas revistas Capricho e Cosmopolitan, essa personificação se dá por meio da associação da vagina a uma amiga da leitora projetada pelos redatores, como se pode perceber nos recortes 81 a 83:

[R81] Confira essas e outras curiosidades sobre *uma de suas melhores amigas!* ;) (recorte extraído da Revista Capricho)

[R82] Nossa “*amiga*” produz uma acidez natural que a protege contra microrganismos (recorte extraído da Revista Capricho).

[R83] Assim, vai ficar mais fácil cuidar de *quem te proporciona tanto prazer* (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

Nesse sentido, *vagina* é reescriturado por *uma de suas melhores amigas!*, no recorte 81, por *nossa “amiga”* no recorte 82 e por *quem te proporciona tanto prazer*, no recorte 83. Nesse último caso, o pronome *quem* denota pessoa, e não objeto; assim, a *vagina* passa a ser a personificada – não algo *de que* se fala, mas alguém *de quem* se fala. Dessa forma, pode-se considerar que ocorreram reescriturações por substituição, com vagina sendo sinônimo de uma amiga, alguém que proporciona muito prazer à mulher.

Nesse caso, verifica-se que tratam-se de recortes extraídos de duas revistas direcionadas ao público feminino, Capricho e Cosmopolitan, que direcionam seus textos a alocutários-mulheres, conforme pode ser observado pelo funcionamento dos pronomes possessivos *sua* e *nossa* e do pronome pessoal oblíquo *te*. Esses pronomes fazem referência aos alocutários e atribuem à vagina o sentido de pertencer aos corpos desses alocutários, caracterizando, assim, um alocutários-mulheres. A Revista Capricho, em especial, possui um público-alvo adolescente, de forma que a reescrituração de vagina por *nossa “amiga”* e *uma*

de suas melhores amigas pode ser uma estratégia para aproximação com a leitora juvenil.

Outros eufemismos foram identificados no texto da Revista Galileu que, de maneira típica da divulgação científica, tenta trazer o assunto de maneira palatável a seus leitores, projetados como um homem que “não vai querer ficar de fora – sem duplo sentido” dos novos conhecimentos a respeito da vagina e, como fica implícito, da própria vagina. Dessa maneira, ela é reescriturada pelas expressões *aquela cujo nome não se fala*, *as coisas* e *a pinky*, como se pode observar nos recortes de 84 a 86:

[R84] *AQUELA CUJO NOME NÃO SE FALA* > *A vagina* tem mais de 4 mil apelidos (des)conhecidos (recorte extraído da Revista Galileu).

[R85] O CÉREBRO E *A PINKY*

Entenda como o estímulo *na genitália* resulta na liberação de hormônios (recorte extraído da Revista Galileu).

[R86] “O fato de não nos tocarmos, de não sabermos onde *as coisas* ficam, de ser considerado feio ou deselegante que nossas mãos toquem *a vulva*, tudo isso reprime e impede o autoconhecimento” (recorte extraído da Revista Galileu).

Esses três termos reescriturantes permitem referir-se à vagina sem referir-se necessariamente a termos relacionados à anatomia, e constituem-se como reescrituras por substituição: substitui-se, como sinônimo, a palavra *vagina* por metáforas. O termo reescriturante *aquela cujo nome não se fala* faz um comentário à essa aversão à utilização da palavra *vagina*, também evitando o uso do termo em si. *A pinky* reescreve *vagina* por meio de uma de suas características social e culturalmente atribuídas: o padrão estético dita que a vulva seja rosada, e, obedecendo a essa concepção de coloração, a reescrituração reafirma o padrão imposto às mulheres.

Diferentemente das reescrituras de *vagina* como uma amiga da leitora, utilizadas pelas Revistas Capricho e Cosmopolitan, observa-se, no caso da Revista Galileu, um distanciamento do universo feminino, já que o público-alvo do texto, conforme estabelecido pela expressão humorística no início da matéria, é majoritariamente masculino, enquanto que a destinação ao alocutário-feminino é sugerida pela cumplicidade do alocutor-mulher, mas

não é tão evidente quanto nas revistas femininas. Assim, a reescrituração de *vagina* por *a pinky* pode ser compreendida como uma interpretação dos genitais femininos que evoca o olhar masculino sobre o corpo da mulher.

De maneira semelhante, outra forma de designar a vagina sem fazer referência à sexualidade feminina são as reescriturações metafóricas que a tratam como um *lugar*, por meio do emprego de locuções adverbiais como termos reescriturantes, como exemplificado nos recortes de 87 a 89:

[R87] Pode estar rolando uma infecção causada por fungos *por aí!* (recorte extraído da Revista Capricho).

[R88] A vagina é um espaço fixo que não tem continuação, então você não pode perder permanentemente algo “*lá dentro*” (recorte extraído da Fatos Desconhecidos).

[R89] Se está tudo bem *lá embaixo*, continue usando o seu de costume (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

Há uma semelhança entre as locuções adverbiais reescriturantes e as expressões que usam a palavra *região* para reescrever *vagina*, nos recortes 57 a 60; entretanto, as expressões de *região* geralmente são acompanhadas de palavras como *íntima* e *genital*, o que demarcam sua relação com a sexualidade, enquanto que locuções como *por aí*, “*lá dentro*” e *lá embaixo* não expressam diretamente essa relação na materialidade de seu texto, produzindo, portanto, eufemismos para a palavra *vagina*.

3.1.6. Análise das reescriturações em dois recortes do *corpus*

Por fim, serão analisados dois recortes, 90 e 91, que constituem tópicos completos nos enunciados do *corpus* dos quais foram retirados.

[R90] Quais são as regiões que dão mais prazer?

Muitas! Então, vamos por partes. O famoso clitóris é a parte mais sensível da região íntima. “Ele fica do lado externo, como se fosse um botãozinho logo no

início da vulva, onde os lábios internos formam um V invertido”, explica a sexóloga Rosa Villela. A função do clitóris é dar prazer à mulher e possibilitar que ela chegue ao orgasmo. Por ficar do lado de fora, também é a parte mais fácil de estimular. Vamos imaginar que a vagina é um bolo e que o clitóris seja a cereja dele. Mas vale destacar que clitóris e Ponto G são coisas diferentes, ok? E, de acordo com o psicoterapeuta Oswaldo Rodrigues, apenas uma a cada três mulheres reconhece esta área misteriosa. (recorte extraído da Revista Capricho).

No título do recorte, identifica-se uma reescrituração por elipse, já que o termo *da vagina* está implícito; o título do texto, publicado na Revista Capricho, é *11 segredos e curiosidades sobre a sua vagina*, do que se depreende que as regiões das quais se fala são *regiões da vagina*. Em seguida, tem-se a reescrituração por expansão (e, mais especificamente por definição) de *clitóris* por *a parte mais sensível da região íntima*. Entretanto, *a região* à qual se refere é a vagina, de forma que o clitóris passa a ser designado como uma parte da vagina, que, na literatura médica, é o canal que liga a vulva ao colo do útero. Logo, o clitóris torna-se, discursivamente, parte do canal vaginal.

Na *história de enunciação* da palavra *clitóris*, há registros da utilização do termo como uma parte do útero. Segundo Laqueur (2001), em *Anatomica*, de Renaldus Colombo, moderno “descobridor” do clitóris em 1559, este é referido como “essa mesma parte do útero” (LAQUEUR, 2001, p. 121). Desse modo, assim como foi apontado nas reescriturações por condensação pelo termo reescriturante *tudo*, transparece a despreocupação dos textos analisados com a terminologia. Isso ocorre, no recorte 90, por meio de uma reescrituração por definição de *clitóris* que provoca, no discurso, a fusão das partes externa e interna do aparelho reprodutor feminino, do clitóris com a vagina.

Clitóris então é reescriturado pelas expressões *um botãozinho logo no início da vulva* e *a parte mais fácil de estimular*, sendo a primeira reescrituração uma metáfora, e, a segunda, uma metonímia. No segundo caso, o termo reescriturante se inicia com *a parte*, verificando-se que ainda se trata de uma parte da *vagina*. Portanto, estabelece-se uma relação metonímica entre clitóris e vagina: o clitóris é reescriturado como sendo *parte da vagina*. Nesse sentido, se o *clitóris* é a parte, a *vagina* passa a ser o todo.

A relação entre clitóris e vagina tecida nessa enunciação é sustentada pela reescrituração por expansão e, mais especificamente, por definição, de *vagina* por *um bolo* e de *clitóris* por *a cereja dele*, no trecho *Vamos imaginar que a vagina é um bolo e que o clitóris seja a cereja dele*. O clitóris, metaforicamente, é o análogo da cereja; assim como cereja é o diferencial do bolo, sua parte especial, o clitóris é *a parte mais sensível da região íntima*, porém também é hierarquicamente subordinada à vagina: não existe cereja do bolo sem bolo, assim como, no recorte 90, não existe clitóris sem vagina, o que, novamente, subordina também a sexualidade feminina à sexualidade vaginal. Também é possível relacionar os processos metonímico e metafórico por meio da imagem do botão, já que *botãozinho* evoca o sentido de um dispositivo automático, que, se pressionado, traz o prazer imediato à mulher, já que é *a parte mais sensível* da vagina.

Por fim, a palavra *clitóris* é reescriturada por substituição pela expressão *esta área misteriosa*, expressão que, de maneira semelhante às reescriturações de vagina por *a região genital*, *a região íntima*, *por aí*, *“lá dentro”* e *lá embaixo*, consideram dessa vez o clitóris como um *lugar* no corpo da mulher.

[R91] O clitóris é o anjo da guarda dela

Essa pérola do prazer ainda cuida para que a penetração não seja dolorosa nem cause fissuras no canal vaginal. Catherine Blackedge, autora do livro *A História da V – Abrindo a Caixa de Pandora* (Degustar), diz que, quando o clitóris é estimulado, ocorre um aumento de fluxo sanguíneo na região, sobretudo na vagina. Assim, ela aumenta de tamanho e fica lubrificada, no ponto para ser penetrada de um jeito gostoso e seguro (recorte extraído da Revista Cosmopolitan).

As metáforas aparecem novamente, no recorte 91, como reescriturações, dessa vez da palavra *clitóris*, reescriturada no título por substituição pela expressão *o anjo da guarda dela [da vagina]*. Dessa forma, cria-se uma relação de determinação entre *clitóris* e *vagina*, sendo o primeiro *o anjo da guarda* da segunda, aquele que a protege. Em seguida, clitóris é reescriturado pela expressão *essa pérola do prazer*, ainda por substituição. Observa-se que,

apesar do termo reescriturante considerar o clitóris como relacionado ao prazer, ele é predicado com a função de garantir que *a penetração não seja dolorosa nem cause fissuras no canal vaginal*. Desse modo, afirma-se que o clitóris é *o anjo da guarda* da vagina e cuida para que ela possa ser penetrada – o prazer feminino aparece na reescrituração, mas de maneira secundária.

Nesse trecho, a palavra *vagina* é reescrita, também por substituição, por *canal vaginal*, por *V* e por *a Caixa de Pandora* em *A História da V – Abrindo a Caixa de Pandora*. A reescrituração de *vagina* por a *V* no título do livro citado pode ser considerado como um caso de interdição, uma vez que a palavra não é integralmente escrita, apenas sugerida. Em seguida, por repetição, *o clitóris* é reescriturado no enunciado. Na frase *quando o clitóris é estimulado, ocorre um aumento de fluxo sanguíneo na região, sobretudo na vagina, a região* é um termo reescriturante de referência ambígua, já que ela parece se referir ao clitóris, que é o órgão que, anatomicamente, possui o maior aumento de fluxo sanguíneo durante a excitação, mas também parece englobar a vagina. Dessa forma, pode-se supor que *a região* refere-se de maneira vaga à *região genital* como um todo. Na sequência, *vagina* é reescriturada por substituição por *ela*.

Conforme a análise de suas relações de reescrituração, é possível observar que o recorte 91 argumenta que a finalidade do clitóris é deixar a vagina *no ponto para ser penetrada de um jeito gostoso e seguro*, fazendo referências ambíguas ao funcionamento fisiológico da excitação sexual feminina e propondo que a existência do clitóris está subordinada à proteção da vagina.

Nesse sentido, verifica-se que as reescriturações que colocam *clitóris* e *vagina* em relação de determinação são abundantes no *corpus*. Nos recortes 90 e 91, observa-se que o clitóris nunca é definido da mesma forma que a vagina; ele é recoberto por metáforas como *o anjo da guarda dela [da vagina]*, *essa pérola do prazer*, *a cereja do bolo [da vagina]*, *um botãozinho*, e *esta área misteriosa*, não possuindo uma reescrituração por expansão caracterizada como definição, o que ocorre com vagina em outras partes do *corpus*. Nesses textos, o clitóris parece existir como uma extensão da vagina – ou do útero, como queria Renaldus Colombo (LAQUEUR, 2001). Ele não existe em si mesmo, e serve como um “ajudante” da vagina – *seu anjo da guarda* –, permitindo que o canal vaginal seja mais facilmente penetrado pelo homem. Provocando a excitação sexual e o prazer da mulher, ele é

o meio pelo qual se atinge um fim: a relação sexual com penetração do pênis no corpo feminino.

Dessa forma, conforme sugerido pela análise das reescrituras da palavra *vagina* – e da palavra *clitóris*, associada a ela –, as relações sexuais são concebidas como relações de penetração do pênis na vagina. Isso é perceptível tanto pelas oposições entre *pênis* e *vagina*, reescritos respectivamente como *o órgão sexual masculino* e *o órgão sexual feminino*, que sugerem uma relação de oposição e complementaridade entre os órgãos, quanto pelas indistinções terminológicas, que fundem clitóris e vagina, subordinando o primeiro à segunda e fazendo dele um veículo de aumento do tamanho da lubrificação e da penetrabilidade vaginais.

3.2. Algumas considerações

Conforme as análises, é possível estabelecer que, no *corpus*, as reescrituras da palavra *vagina* ocorrem em grande quantidade, por vezes com várias utilizações desse tipo de relação na mesma frase. Verificou-se também que os cinco textos constituintes do *corpus* apresentam, em seus enunciados, reescrituras semelhantes da palavra *vagina*, de forma que é possível concluir que existe consistência semântica na designação dessa palavra. Além disso, observou-se que as reescrituras por substituição são muito produtivas nos textos analisados, abrangendo a maior parte dos casos, enquanto que as reescrituras por repetição, expansão e condensação ocorrem em menor escala.

Nas reescrituras, verificou-se a reiteração de que a vagina faz parte do corpo humano e, portanto, não deveria haver interditos quanto à enunciação da palavra que designa essa parte. Contudo, os próprios textos que defendem essa noção utilizam-se de metáforas distantes e eufemismos ao invés de utilizar o termo em si. A Revista Galileu, conhecida por seu trabalho em divulgação científica, afirma a necessidade de reconhecimento da vagina como uma parte do corpo como todas as outras, porém se refere a ela por *a pinky*, *as coisas* e *aquela cujo nome não se fala*, sendo esta última uma reescritura que explicita o tabu linguístico e a interdição ao nomear na enunciação.

A reescritura de vagina por *pinky*, em específico, reafirma um padrão estético e que coloca os genitais femininos como um objeto do desejo masculino; eles devem ser rosados, no senso comum, porque essa é a cor que mais agradaria aos homens segundo o funcionamento

dos discursos de erotização do corpo feminino produzidos na sociedade ocidental – ainda que não seja explícito, o discurso existe, e é reiterado quando uma cor (por exclusão das demais) é eleita para representar todas as genitálias femininas.

Além disso, as reescrituras mostraram uma inconsistência nas terminologias utilizadas pelos textos; no recorte 79, extraído do portal M de Mulher, *vagina é tudo que está ~ lá embaixo*. Ainda segundo esse mesmo portal, *tudo é vagina, e não tem nada de errado em manter a nomenclatura*. Entretanto, essa afirmação desconsidera que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos” (FOUCAULT, 2002, p. 2). Portanto, a maneira como se designa determinadas partes do corpo não é referir a realidade, é criá-la, recortá-la e dominá-la pela linguagem.

Considerando esse poder de (re)criar a realidade que a linguagem possui, observa-se que muitos dos termos reescriturantes utilizados para a reescrituração das palavras *vagina* e *clitóris*, relacionadas a todo o tempo no *corpus*, são relacionadas à feminilidade. A palavra *vagina* é reescriturada por termos como “*ela*”, *nossa “amiga”*, *a pinky*, e *bolo*, enquanto que a palavra *clitóris* tem como termos reescriturantes *o anjo da guarda [da vagina]*, *um botãozinho*, *essa pérola do prazer*, e *a cereja [do bolo]*. Diferentemente dos termos usualmente utilizados para reescrever o pênis, ao qual *clitóris* e principalmente *vagina* são contrapostos, essas expressões não predicam sentidos relacionados ao poder ou à sexualidade ativa.

Tratam-se de eufemismos relacionados aos estereótipos de feminilidade: a *vagina* passa a ser uma “*amiga*” das mulheres, um *bolo*, na Revista Capricho, e *a pinky* (o que se traduz livremente por *rosada*), na Revista Galileu. Dessa forma, esses três termos que reescrevem *vagina* são considerados aprazíveis – o *bolo* é doce e comestível, o *rosado* é considerado estética e sexualmente atraente e a *amiga* é uma espécie de confidente. *Clitóris*, por sua vez, torna-se um *anjo da guarda*, metáfora que evoca sentidos religiosos ou de pureza, passividade e resguardo, uma *pérola*, joia orgânica, que evoca sentidos estéticos de beleza e também pequenez (a *pérola* é pequena e esférica), e, por fim, a *cereja do bolo*, que mantém a metáfora alimentícia da doçura da *vagina* reescriturada como *bolo* e do próprio *clitóris* reescriturado como a *pérola* pequena e esférica. Outro termo reescriturante de *clitóris*, *um botãozinho*, também predica sentidos de uma forma circular e tamanho pequeno, uma vez

que a palavra encontra-se no diminutivo, grau que, além de enfatizar o tamanho reduzido do botão, e, metaforicamente atribuído ao clitóris, também lhe agrega o sentido de fragilidade.

Essa atribuição de sentidos ao clitóris considerando-o uma estrutura esférica e pequena, contudo, não é condizente com as pesquisas mais recentes a respeito do órgão, que possui parte interna muito maior que a parte visível, a glândula. Dessa maneira, pode-se observar que as reescrituras dessa palavra consideram apenas a parte visível do órgão ao qual se referem, reafirmando um discurso de pequenez e de associação do clitóris a uma parte *acessória* – a dispensável cereja do bolo – do aparelho reprodutor feminino.

Dessa forma, conclui-se que as reescrituras da palavra *vagina*, no *corpus* analisado, apesar de trazer o discurso da aceitação da vagina como uma parte do corpo como qualquer outra – e de outras partes da genitália feminina, especialmente o clitóris, marginalizado na cultura ocidental desde a descoberta de que a concepção independe do prazer sexual (LAQUEUR, 2001) –, reafirma a sua posição como um objeto-tabu, ao qual é necessário se referir com aspas, por meio de metáforas e eufemismos, elipses ou termos imprecisos, amalgamando vulva e vagina sob o nome da segunda – *tudo é vagina*.

Apesar do que afirma o recorte 80, tal indistinção criada pelas reescrituras, “atribui (predica) sentido ao reescriturado” (GUIMARÃES, 2018, p.85), e estrutura discursos de pedagogização da sexualidade feminina: o clitóris serve para promover a excitação da mulher – e da vagina – para que ela possa ser penetrada. Referindo-se à política e à sexualidade, Foucault (2002) afirma que “é como se o discurso fosse um dos lugares onde estas regiões exercem, de maneira privilegiada, alguns dos seus mais temíveis poderes” (FOUCAULT, 2002, p. 2). Pela análise das reescrituras no *corpus*, é possível afirmar que os poderes sobre a sexualidade feminina ainda estão em curso.

4. As relações de articulação: a orientação argumentativa

Em sua Teoria da Argumentação da Língua (ANL), Ducrot (2009) divide a argumentação em dois tipos, a *argumentação retórica*, “a atividade verbal que visa fazer alguém crer em alguma coisa” (DUCROT, 2009, p. 20) e a *argumentação linguística*, definida por ele como “os segmentos de discurso constituídos pelo encadeamento de duas proposições A e C, ligadas implícita ou explicitamente por um conector do tipo *donc* (*portanto*), *alors* (*então*), *par conséquent* (*consequentemente*)” (Idem). Nesse contexto, A significa Argumento e C, Conclusão, embora, segundo Ducrot (2009), não é necessário que A preceda C, podendo também a argumentação ser do tipo C *puisque* (*já que*), *car*, *parce que* (*pois, porque*) A.

Seguindo uma linha ducrotiana, a argumentação na Semântica do Acontecimento não diz respeito à tentativa de convencimento do interlocutor (ou, em termos semânticos, do Locutário) por meio do discurso, como se concebe nos estudos da retórica; trata-se, antes, de uma orientação do sentido que se produz por meio das relações entre enunciados. Segundo Guimarães (2018), as relações entre enunciados se caracterizam como relações de articulação e, no caso específico da argumentação, tratam-se das *articulações de argumentatividade* que ocorrem na enunciação. De modo semelhante ao que apresenta Ducrot (2009), a argumentatividade em Guimarães (2018) produz uma diretividade do dizer, implicando que uma determinada conclusão decorra da articulação entre dois enunciados.

Ainda na teoria de Guimarães (2018), a argumentatividade pode ser do tipo *[X] mas [Y]*, chamada de *argumentatividade concessiva* e representada por *[X NE Y]* (lê-se *[X NO ENTANTO Y]*), ou do tipo *[X] por isso [Y]*, chamada de *argumentatividade diretiva* e representada por *[X PT Y]* (ou seja, *[X PORTANTO Y]*). Nesses casos, *mas* e *por isso* são chamados de *articuladores* e têm a função de articular os enunciados.

Tendo em vista esse quadro teórico, este capítulo se dedica à análise e discussão das articulações de argumentatividade encontradas nos textos constituintes do *corpus*, considerando suas relações com a cena enunciativa e as relações de reescrituração da palavra *vagina* estabelecidas em capítulos anteriores.

4.1. Análise e discussão

De uma forma geral, a análise da argumentatividade no *corpus* verificou a recorrência de argumentos, conclusões e articuladores específicos. As orientações argumentativas que mais se repetem nos textos analisados são aquelas que justificam, de alguma maneira, a redação de uma matéria a respeito da vagina. Essas justificativas centram-se principalmente em dois argumentos sustentados pelos alocutores: o de que existiria um desconhecimento generalizado da anatomia feminina por parte da maioria das mulheres e que a passagem da ignorância para o saber a respeito do próprio corpo traria benefícios aos alocutários-leitores.

Na matéria do portal M de Mulher, é possível observar que a argumentatividade engloba esses dois argumentos, conforme indica o recorte 92:

[R92] A sexualidade, especialmente a feminina, ainda é vista como tabu por muita gente. Está ao nosso redor: não é nem um pouco raro conhecer mulheres de todas as idades e classe sociais que nunca tocaram na própria vagina (a não ser para lavá-la). (...)

Mas sempre é tempo de mudar e *finalmente* conhecer melhor a vagina. Segundo Flavia Purcino, ginecologista do Instituto Horas de vida, **assim** se ganha saúde, autoconhecimento e uma vida sexual melhor.

Com a ajuda de Flávia, Tânia, da ginecologista e obstetra Erica Mentelli e de estudos sobre sexualidade reunimos 15 curiosidades sobre a vagina **para que** todas as mulheres possam se familiarizar com essa parte tão importante do corpo.

Na introdução da matéria, verifica-se que as relações de argumentatividade estruturam-se nos articuladores *mas*, *assim* e *para que*. Inicialmente, a conjunção adversativa *mas* contrapõe dois argumentos que direcionam o enunciado para conclusões distintas. O primeiro argumento é representado pela sentença *a sexualidade, especialmente a feminina, ainda é vista como tabu por muita gente*, que em seguida é expandido pela explicação de que

muitas mulheres nunca tocaram na própria vagina. Uma conclusão plausível para a qual argumento direciona a argumentatividade poderia ser que, tendo em vista esse tabu que recai sobre a sexualidade feminina, ela não poderia ser o tópico de um texto da *internet*. É interessante notar que esse argumento se sustenta por um enunciador-genérico, caracterizado principalmente pelas expressões *por muita gente, está ao nosso redor, e não é nem um pouco raro*, que atribuem o ponto de vista de que a sexualidade é um tabu a um senso comum indistinto.

Mobilizando o conceito de passado memorável de Guimarães (2017), propõe-se que o acontecimento da enunciação que se instaura no recorte 92 da matéria do portal M de Mulher rememora como seu passado o que Foucault chama de “hipótese repressiva” da sexualidade. Segundo esse discurso, a partir do século XVII teria vigorado, na sociedade ocidental, uma grave censura, negação e proibição do sexo. E, segundo o autor,

se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto, fora do alcance do poder; desordena a lei; antecipa, por menos que seja, a liberdade futura (FOUCAULT, 1988, p. 11).

Contrapondo-se a esse passado — e também presente — de repressão sobre o sexo que recorta como memorável, o texto do portal M de Mulher representa-se como um meio de comunicação que se compromete a expor a verdade desconhecida a respeito da sexualidade feminina. Essa direção argumentativa se dá no recorte 1 pela forma *X mas Y*, no qual X e Y representam argumentos distintos, sendo que X é argumento a favor de uma conclusão A e Y é argumento a favor de uma conclusão B. Segundo Guimarães (1987), em construções desse tipo o argumento Y predomina sobre o argumento X. Dessa forma, o argumento de que a sexualidade feminina é percebida pela sociedade como um tabu é suplantado pelo argumento de que *sempre é tempo de mudar e finalmente conhecer melhor a vagina*. Desse modo, contrapõe-se uma nova conclusão B à conclusão A defendida pela sentença X: ao contrário das expectativas sociais, o texto abordará a temática da sexualidade feminina e, especificamente, a vagina. Nesse movimento argumentativo, é possível observar também a mudança do enunciador, que passa de genérico para individual, como demonstra o advérbio modalizador *finalmente*, indicador de subjetividade.

No entanto, a defesa dessa mudança de paradigmas sobre a respeito da sexualidade feminina não se dá por meio de um enunciador-individual. Ela ocorre na sentença *segundo Flavia Purcino, ginecologista do Instituto Horas de vida, assim se ganha saúde, autoconhecimento e uma vida sexual melhor*. Nessa sentença, não só o alocutor-revista legitima sua enunciação na citação da figura de autoridade Flavia Purcino, médica ginecologista, mas também traz para a cena enunciativa um enunciador-universal que justifica a existência da matéria. Essa justificativa é introduzida pela conjunção conclusiva *assim*, que introduz a conclusão *se ganha saúde, autoconhecimento e uma vida sexual melhor*. Assim sendo, o argumento Y da construção anterior *X mas Y*, ou seja *sempre é tempo de mudar e finalmente conhecer melhor a vagina*, torna-se argumento para a conclusão de que por meio dessa atitude é possível tornar-se mais saudável, ter um maior autoconhecimento e uma vida sexual melhor.

Nesse sentido, observa-se que o recorte 92 apresenta uma orientação argumentativa que traça uma relação entre o saber sobre a sexualidade feminina, a saúde e o prazer sexual. Essa relação se reforça no parágrafo seguinte, no qual, por meio da citação das figuras de autoridade de Flavia, Tânia, da ginecologista e obstetra Erica Mentelli e dos estudos sobre sexualidade o alocutor-revista afirma que reuniu 15 curiosidades sobre a vagina *para que todas as mulheres possam se familiarizar com essa parte tão importante do corpo*. Por meio da locução conjuntiva final *para que*, o alocutor introduz a finalidade da matéria, que também se apresenta como argumento para a necessidade do alocutário em lê-la: a familiarização de todas as mulheres com a vagina proporcionará ao alocutário-mulher mais *saúde, autoconhecimento e uma vida sexual melhor*.

A contraposição a um passado de repressão sexual e de ignorância recortado pelo acontecimento da enunciação persiste nos tópicos do texto do portal M de Mulher, e pode ser observado no recorte 93 por meio da análise do funcionamento da negação.

[R93] *Nem* toda vagina tem hímen

Além de serem uma bobagem machista e moralista, os exames de virgindade são completamente furados. **Isso porque** *nem* toda mulher nasce com hímen – *sim*, uma mulher pode nascer já sem essa membrana. **Por isso – e também**

porque a elasticidade dos hímens que existem é variável – muitas mulheres não sangram na primeira relação sexual.

Nesse enunciado, a argumentação é construída por meio do funcionamento semântico da negação e dos articuladores *porque* e *por isso*. O funcionamento do primeiro articulador, a conjunção explicativa *porque*, é descrita por Ducrot (2009) como sendo do tipo *C parce que A*, ou seja, *C porque A*, em que C representa a Conclusão e A, o Argumento. Dessa forma, a conclusão para a qual a argumentatividade do enunciado orienta é representada pela sentença que precede o articulador: *além de serem uma bobagem machista e moralista, os exames de virgindade são completamente furados*. Essa conclusão é retomada anaforicamente pelo pronome demonstrativo *isso* e, após a conjunção explicativa, encontra-se o argumento que sustenta a orientação argumentativa, ou seja, *nem toda mulher nasce com hímen*. Esse argumento é então parafraseado por *sim, uma mulher pode nascer já sem essa membrana*.

Nesse sentido, observa-se que o argumento para a sustentação de que os exames de virgindade não têm validade provém de uma negação, *nem toda mulher nasce com hímen*. Segundo Guimarães (1987), a negação “tem sido considerada como envolvendo sempre dois enunciadores (ver Ducrot, 1984): um que afirma algo e outro que nega tal afirmação” (GUIMARÃES, 1987, p. 30). Ducrot (1987), porém, descreve um tipo específico de negação, chamada de *negação metalinguística*. Segundo Barbisan e Teixeira (2002), “na negação metalinguística, o locutor do enunciado negativo se opõe, não a um enunciador, mas a outro locutor. Esse tipo de negação exige que haja uma enunciação efetiva feita por alguém de quem o locutor discorda por várias razões” (BARBISAN; TEIXEIRA, 2002, p. 175).

No recorte 93, a negação metalinguística ocorre duas vezes: no título, em *nem toda vagina tem hímen* e no corpo do texto, em *nem toda mulher nasce com hímen*. O aspecto metalinguístico da negação se evidencia pelo advérbio de negação *nem* que, nas construções *nem toda mulher* e *nem toda vagina* pressupõe enunciações anteriores que afirmam que *toda mulher nasce com hímen* e *toda vagina tem hímen*. Essas enunciações são atribuídas, pelo alocutor-revista, a um Locutor caracterizado como machista e moralista, que defende a validade dos exames de virgindade, prática que o alocutor predica como *completamente furada*.

Dessa forma, é possível dizer que o alocutor-revista contrapõe-se não só a um enunciador-genérico que sustenta ideias errôneas – mas amplamente difundidas no pensamento popular – a respeito da virgindade, mas também a um alocutor-machista e moralista e, portanto, a um Locutor específico. Os advérbios de afirmação *sim* e o advérbio de modo *completamente*, que funciona como modalizador epistêmico asseverativo, assinalam que o alocutor-revista atribui, respectivamente, um alto grau de asserção a sua enunciação e uma total refutação da enunciação do Locutor caracterizado como machista e moralista ao qual se opõe argumentativamente.

Em seguida, a orientação argumentativa no recorte 93 prossegue com os articuladores *por isso* e *porque*, que são, por sua vez, articulados pela conjunção coordenativa aditiva *e* e pelo advérbio *também*. Funcionando como conjunção explicativa e formado pela preposição *por* e pelo pronome demonstrativo *isso*, o articulador *por isso* retoma anaforicamente a conclusão *nem toda mulher nasce com hímen*, mobilizando-a, dessa vez, como argumento para a sustentação da conclusão *muitas mulheres não sangram na primeira relação sexual*. Além da retomada de *nem toda mulher nasce com hímen*, *a elasticidade dos hímens que existem é variável* também é apontada pelo alocutor-revista como argumento para essa orientação argumentativa. Ambos os argumentos são articulados pela conjunção *e*, e, portanto, apresentam equivalente força argumentativa (GUIMARÃES, 1987).

A negação aparece novamente na conclusão. Não se trata de uma negação metalinguística como nas enunciações *nem toda mulher nasce com hímen* e *nem toda vagina tem hímen*. Dessa forma, o Locutor não se opõe a outro Locutor; o que ocorre é uma contraposição de pontos de vista, ou seja, de enunciadores. Há, dessa forma, um enunciador-genérico que afirma que *muitas mulheres sangram na primeira relação sexual*, ao qual o alocutor-revista, por meio de um enunciador-universal, contesta, por meio da conclusão *muitas mulheres não sangram na primeira relação sexual*.

É importante notar que os argumentos coordenados *nem toda mulher nasce com hímen* e *a elasticidade dos hímens que existem é variável* são apontados pelo alocutor-revista como motivos para que muitas mulheres não sangrem na primeira relação sexual. Dessa forma, o alocutor apresenta como causas desse sangramento a presença ou a maior elasticidade dos hímens. Assim sendo, a orientação argumentativa do recorte 93 estabelece uma relação de causalidade entre o rompimento do hímen e a sensação de dor e o sangramento na primeira

relação sexual. Essa relação, discursivamente construída, no entanto, não é suportada pela evidência científica, uma vez que o hímen é uma membrana pouco vascularizada e desprovida de terminações nervosas importantes.

Verifica-se, desse modo, que a argumentatividade do recorte 93 dialoga com um recorte específico do passado tido como memorável: o passado do acontecimento de enunciação do recorte 93 traz outras enunciações que o procedem, atribuídas a Locutores machistas e moralistas. Ao mesmo tempo em que se contrapõe a esses Locutores e suas enunciações, o alocutor-revista reafirma a noção popular de que a dor e o sangramento associados à primeira relação sexual decorrem do rompimento do hímen. A própria significação da expressão *primeira relação sexual* adotada no recorte 93 remonta a um memorável que equivale relação sexual a penetração vaginal, visto que envolveria o rompimento do hímen.

O recorte de um passado como memorável pelo acontecimento da enunciação que equivale relação sexual a penetração vaginal também pode ser observado no recorte 94.

[R94] Todos os estímulos feitos por mãos, línguas, órgãos sexuais e brinquedinhos eróticos durante o sexo são primeiro enviados ao cérebro e depois a vagina. Sentindo os estímulos, o cérebro produz hormônios e neurotransmissores como a ocitocina, que aumentam o fluxo de sangue e o relaxamento dos músculos da região genital. **Com isso** é produzida a secreção lubrificante que facilita a penetração, e as terminações nervosas ficam mais sensíveis e responsivas. O resultado é um belo de um orgasmo.

No recorte 94, a orientação argumentativa sustenta a conclusão *o resultado é um belo de um orgasmo*, presente na última oração do recorte. O articulador que constrói essa argumentatividade é a expressão conjuntiva conclusiva *com isso*, que produz o que Guimarães chama de argumentatividade diretiva, do tipo *[X] PORTANTO [Y]*, no qual X representa o argumento e Y, a conclusão. Dessa forma, as sentenças que se encontram antes da expressão conjuntiva *com isso* funcionam como argumentos, enquanto que aquelas que aparecem após esse articulador representam as conclusões da orientação argumentativa.

Anteriormente ao articulador *com isso*, o alocutor-revista coordena uma série de respostas biológicas que o corpo da mulher teria diante do estímulo sexual. Assim, o alocutor afirma que *todos os estímulos feitos por mãos, línguas, órgãos sexuais e brinquedinhos eróticos durante o sexo são primeiro enviados ao cérebro e depois a vagina*. Em seguida, é coordenada a essa oração o período *sentindo os estímulos, o cérebro produz hormônios e neurotransmissores como a ocitocina, que aumentam o fluxo de sangue e o relaxamento dos músculos da região genital*.

Nesse período composto, verifica-se que, na oração subordinada adverbial causal reduzida de gerúndio *sentindo os estímulos*, a expressão *todos os estímulos feitos por mãos, línguas, órgãos sexuais e brinquedinhos eróticos durante o sexo* é reescriturada por condensação e, portanto, retomada, pelo termo *os estímulos*. A oração principal do período, *o cérebro produz hormônios e neurotransmissores como a ocitocina*, é apresentada como uma consequência desses estímulos. Estabelece-se, assim, uma relação de causalidade entre os estímulos sexuais feitos no corpo feminino e a produção, pelo cérebro, de hormônios e neurotransmissores. A expressão *hormônios e neurotransmissores* é, por sua vez, determinada pela oração subordinada adjetiva explicativa *que aumentam o fluxo de sangue e o relaxamento dos músculos da região genital*.

Em seguida, a expressão conjuntiva conclusiva *com isso*, constituída pela preposição *com* e pelo pronome demonstrativo *isso*, retoma anaforicamente o argumento *o cérebro produz hormônios e neurotransmissores como a ocitocina* e apresenta a conclusão *é produzida a secreção lubrificante que facilita a penetração, e as terminações nervosas ficam mais sensíveis e responsivas*. Dessa forma, as sentenças anteriores ao articulador, que descrevem as consequências dos estímulos sexuais no cérebro, funcionam como argumentos para a conclusão de que esses estímulos levariam à produção de uma secreção lubrificante e aumento da sensibilidade das terminações nervosas genitais.

Observa-se que, no recorte 94, a expressão que designa a lubrificação feminina é *a secreção lubrificante que facilita a penetração*. Nessa construção, observa-se que o termo *secreção* é determinado pelo artigo definido *a*, pelo adjetivo *lubrificante* e pela oração subordinada adjetiva restritiva *que facilita a penetração*. Pela definição do artigo *a* e pela restrição da oração adjetiva, verifica-se que não se trata de *uma* secreção qualquer, mas daquela secreção determinada por *lubrificante* e *que facilita a penetração*. Dessa forma, é

predicada ao termo *secreção* as características de ser lubrificante e de facilitar a penetração. Essa determinação do termo *secreção* atribui, pelo discurso, uma função a esse fluido corporal, sugerindo que a penetração é um dos eventos que compõem o ato sexual descrito pelo recorte.

Por fim, o recorte 94 se encerra com outra conclusão, coordenada à primeira: *o resultado é um belo de um orgasmo*. Nesse caso, toda a cadeia de eventos descrita anteriormente, ou seja, o envio dos estímulos sexuais para o cérebro, a produção de hormônios e neurotransmissores, e a produção da secreção lubrificante e o aumento da sensibilidade das terminações nervosas, funcionam como argumentos que sustentam esse *resultado*, o orgasmo. Desse modo, a orientação argumentativa do recorte 94, sob o ponto de vista de um enunciador-universal, aponta uma série de acontecimentos que precisam ocorrer ordenadamente para que o orgasmo seja atingido.

Observa-se que, nessa orientação argumentativa, devido ao modo como os argumentos são coordenados em uma cadeia causal de eventos que são consequências de eventos anteriores, apenas o primeiro argumento, por si só, não traria o resultado *um belo de um orgasmo*. Dessa forma, na argumentatividade do recorte 94, o primeiro evento da sequência, *todos os estímulos feitos por mãos, línguas, órgãos sexuais e brinquedinhos eróticos*, não poderia conduzir diretamente à conclusão *um belo de um orgasmo*; nessa orientação argumentativa, para atingir a conclusão é preciso que, a partir desses estímulos e da atividade cerebral, haja a produção da *secreção lubrificante que facilita a penetração*. Devido à predicação atribuída a sua significação pelo determinante *que facilita a penetração*, essa expressão sugere a prática da penetração vaginal, situada posteriormente a *todos os estímulos feitos por mãos, línguas, órgãos sexuais e brinquedinhos eróticos* na cadeia de eventos propostos, como um dos atos necessários para que se atinja o resultado *um belo de um orgasmo*.

Assim sendo, o alocutor-revista sustenta para o alocutário-mulher que o orgasmo feminino é resultado de uma série de eventos que possuem relação causal entre si, a saber: a estimulação sexual que é enviada ao cérebro, a produção de neurotransmissores e hormônios pelo cérebro, o aumento do fluxo sanguíneo e o relaxamento dos músculos genitais, a produção da secreção que facilita a penetração (o que implica o ato da penetração vaginal) e

o aumento da sensibilidade das terminações nervosas. Assim, a orientação argumentativa do recorte 94 apresenta um roteiro para a obtenção do orgasmo.

Apesar da defesa da noção de que a sexualidade é reprimida e que não se pode falar sobre ela, no recorte 92, no recorte 94 a matéria do portal M de Mulher detalha os procedimentos necessários para a o atingimento do orgasmo; o portal é, portanto, aquele que detém os saberes sobre o prazer feminino, e, por meio da autoridade científica de seu enunciador-universal, transmitirá esse conhecimento – e o poder de melhorar a saúde, o autoconhecimento e a vida sexual que vem com sua aquisição – ao alocutário-mulher.

Partindo da mesma “hipótese repressiva” da sexualidade que o texto do portal M de Mulher e também representando-se como o veículo de divulgação de conhecimento que permitirá o acesso do alocutário-mulher a importantes informações a respeito de seu corpo, a matéria da Revista Capricho é iniciada por uma introdução que justifica sua redação, como pode ser observado no recorte a seguir:

[R95] Você já olhou a sua vagina hoje? Parece uma pergunta até um pouco estranha, **mas** a gente jura que não é. *Na verdade*, a vagina é uma parte de corpo com a qual você convive diariamente, **mas com certeza** não conhece por completo. **Até porque**, muitas vezes, nós meninas somos ensinadas a não conhecer este órgão sexual. São vários detalhes que vão desde os cuidados básicos até a questão da virgindade. **Por isso**, montamos um manual com as informações e curiosidades importantes sobre “ela”.

A argumentatividade do recorte 95, que passa pelos articuladores *mas*, *porque* e *por isso*, contrapõe os pontos de vista de diferentes enunciadores. O primeiro deles, um enunciador-genérico, sustenta a ideia de que *você já olhou a sua vagina hoje?* é uma pergunta estranha. Esse enunciador-genérico que considera a vagina como um tabu, como algo que não deve ser olhado, é contraposto pela conjunção adversativa *mas*, que traz para a argumentação um enunciador-universal, que jura não se tratar de uma pergunta estranha. A características universal desse enunciador é explicitada pelo adjunto adverbial *na verdade*, que funciona como modalizador epistêmico asseverativo, aquele que indica que “o falante considera

verdadeiro o conteúdo de P [proposição], apresentado por ele como uma afirmação ou uma negação que não dão margem a dúvidas, constituindo-se numa necessidade epistêmica” (CASTILHO; CASTILHO, 1992, p. 222).

Esse enunciador-universal então contrapõe os argumentos *a vagina é uma parte de corpo com a qual você convive diariamente e com certeza não conhece por completo*. Nesse caso, não há mudança de enunciador; ele continua universal, o que é evidenciado pela utilização de outro modalizador epistêmico asseverativo, *com certeza*. Porém, o que se contrastam, além dos próprios argumentos, são as conclusões que sustentam: a noção de que a vagina é uma parte do corpo com a qual o alocutário-mulher convive diariamente conduz à conclusão de que, portanto, ela é (ou deveria ser) bem conhecida por esse alocutário. Contudo, o articulador *mas* traz uma outra conclusão: como conhecer a vagina era o esperado, não conhecê-la é ruim; o alocutário-mulher deveria, portanto, conhecê-la.

Essa direção argumentativa se reforça pela conclusão *montamos um manual com as informações e curiosidades importantes sobre “ela”*, introduzida pelo articulador *por isso*. Formado pela preposição *por* e pelo pronome demonstrativo *isso*, que, de modo anafórico, retoma *com certeza não conhece [a vagina] por completo*, esse articulador, segundo Guimarães (1987), tem um funcionamento conjuntivo. Comportando-se como uma conjunção explicativa, *por isso* indica a ignorância do alocutário-mulher a respeito da vagina como argumento para a redação do manual sobre esse órgão.

Indicando uma causa para essa ignorância do alocutário, o Locutor apresenta o articulador *porque*, conjunção explicativa, sustentando *nós meninas somos ensinadas a não conhecer este órgão sexual* como argumento para [você] *com certeza não conhece [a vagina] por completo*. Neste caso, o alocutor apresenta-se também como mulher, conforme indicado por *nós meninas somos educadas*. Enquanto que *a gente jura que não é* apresenta um alocutor-coletivo indefinido que fala em conjunto com um enunciador-universal (tendo, portanto, a verdade a respeito da vagina que seu alocutário-mulher não tem), em *nós meninas somos ensinadas a não conhecer este órgão sexual* o alocutor-mulher tenta traçar uma aproximação com seu alocutário-mulher. Além de aumentar a intimidade entre alocutor e alocutário, a oração *nós meninas somos ensinadas a não conhecer este órgão sexual* explicita

o recorte da “hipótese repressiva” da sexualidade, e, especificamente, da sexualidade feminina como passado memorável dessa enunciação.

Assim sendo, a orientação argumentativa do recorte 95 aponta para a conclusão de que a redação de um manual da vagina pela Revista Capricho é necessária porque o alocutário-mulher com certeza não conhece completamente sua genitália – apesar de dever conhecê-la devido a sua convivência diária com essa parte do corpo – pois teve sua sexualidade reprimida desde a infância.

Após a introdução, que justifica sua redação, o manual da vagina da Revista Capricho prossegue em uma estrutura de pergunta e resposta, na qual as questões a respeito do corpo da mulher são elaboradas do ponto de vista de um enunciador-coletivo, que representa o público leitor da revista: um grupo de garotas adolescentes com conhecimentos leigos a respeito da anatomia feminina. Por sua vez, as respostas são escritas do ponto de vista de um enunciador-universal, que se pretende detentor da verdade a respeito da vagina, conforme é possível observar no recorte a seguir:

[R96] Ela aumenta de tamanho?

Sim, e é justamente **por isso** que nós, mulheres, podemos optar pelo parto normal, por exemplo. **Mas** durante a relação sexual, ela também se expande. A profundidade de uma vagina varia de 7,5 a 10 cm, **mas** ela pode se expandir em até 200%! Com o passar do tempo, essa elasticidade vai se perdendo, **mas** não é algo com o qual você precise se preocupar. **Assim como** você também não precisa se preocupar com os gases vaginais. Sabe aqueles puns que parecem sair pela frente? Eles são *completamente naturais*, inclusive durante o sexo. Sem neuras!

Nesse recorte da matéria da Revista Capricho, a orientação argumentativa é construída principalmente por meio argumentatividade concessiva, do tipo *[X NO ENTANTO Y]*. Nos três casos em que essa articulação acontece, o articulador é a conjunção adversativa *mas*. Porém, existe também no recorte 96 a argumentatividade diretiva representada por Guimarães

(2018) por *[X PORTANTO Y]*. No recorte, essa argumentatividade se dá por meio do articulador *por isso*, constituído pela preposição *por* e pelo pronome demonstrativo *isso*.

Conforme já foi explicado, o recorte 96 se inicia com um enunciador-coletivo, representando presumivelmente o ponto de vista de adolescentes do sexo feminino com pouco conhecimento a respeito de sua anatomia, perguntando ao enunciador-universal que representa o alocutor-mulher se a vagina aumenta de tamanho. O alocutor-mulher responde que *sim*, e que é *por isso que nós, mulheres, podemos optar pelo parto normal*. Dessa forma, o pronome demonstrativo *isso*, presente no articulador *por isso*, retoma anaforicamente a resposta positiva dada à pergunta do enunciador-coletivo. Além disso, esse articulador estabelece no recorte uma argumentatividade diretiva do tipo *[X] por isso [Y]* (GUIMARÃES, 2018), em que X representa o argumento e Y a conclusão. Assim, a confirmação de que a vagina pode aumentar de tamanho é apresentada pelo alocutor-mulher como argumento para a conclusão de que as mulheres podem optar pelo parto normal.

Em seguida, observa-se o funcionamento da argumentatividade concessiva que ocorre por meio do articulador *mas* na oração *mas durante a relação sexual, ela [a vagina] também se expande*. Contudo, não se trata de uma simples contraposição de pontos de vista, já que o enunciador permanece universal nas duas orações articuladas. O emprego do advérbio *também* aparece como outro indicativo de que o articulador tem um funcionamento mais semelhante ao da forma *não só... mas também* do que da conjunção adversativa *mas* por si só. Guimarães (1987) afirma que a estrutura *não só... mas também* pode articular tanto argumentos quanto conclusões. No recorte 96, verifica-se que são articulados dois argumentos: o de que a vagina aumenta de tamanho durante o parto normal e o de que ela se expande na relação sexual, sendo que ambos possuem a mesma força argumentativa.

As duas orações seguintes funcionam como paráfrase do que o alocutor-mulher já havia dito: trata-se, novamente, de articular argumentos para sublinhar as propriedades expansivas da vagina. Assim, a na sequência *a profundidade de uma vagina varia de 7,5 a 10 cm, mas ela pode se expandir em até 200%!*, a conjunção adversativa *mas* contrapõe o argumento *a profundidade de uma vagina varia de 7,5 a 10 cm* ao argumento *ela pode se expandir em até 200%!* Sob o ponto de vista de um enunciador-universal, o primeiro argumento descreve uma medida de 7,5 cm a 10 cm para a profundidade da vagina humana. O texto não explicita se trata-se de uma medida ideal ou de uma média da população feminina;

contudo, pode-se afirmar que, nessa enunciação, a construção *de uma vagina*, que determina *a profundidade*, é predicada por *varia de 7,5 a 10 cm*. Dessa forma, o termo *vagina* carrega uma restrição de tamanho em sua significação, atribuída pelo alocutor-mulher a uma fonte científica.

A significação da palavra *vagina* é alterada quando, na oração seguinte, *ela pode se expandir em até 200%!*, esse termo, reescriturado pelo pronome pessoal *ela*, é predicado por *pode se expandir em até 200%!* Segundo Guimarães (1987), em construções do tipo *X mas Y* o argumento Y têm predominância sobre X. Assim sendo, no recorte, o argumento *ela pode se expandir em até 200%!* tem preponderância sobre o argumento *a profundidade de uma vagina varia de 7,5 a 10 cm*, de forma que, nessa direção argumentativa, a predicação de características de mutabilidade e expansão ao termo *vagina* predomina sobre a predicação de um tamanho fixo.

Após o levantamento desses dois argumentos, o alocutor-mulher sustenta, então, a seguinte conclusão para seu alocutário-mulher: *com o passar do tempo, essa elasticidade vai se perdendo, mas não é algo com o qual você precise se preocupar*. Os três argumentos de maior preponderância na argumentatividade, *nós, mulheres, podemos optar pelo parto normal; durante a relação sexual, ela também se expande; e ela pode se expandir em até 200%!*, são retomados anaforicamente pela expressão *essa elasticidade*, que é predicada por *vai se perdendo*. Em relação às diferenças de funcionamento entre sujeito e predicado na enunciação, Guimarães (2018) afirma que “o sujeito significa no acontecimento uma relação com um fora da alocação como se ele preexistisse como um referente à espera de uma palavra” (GUIMARÃES, 2018, p. 142). Em outras palavras, ao retomar os argumentos na conclusão *essa elasticidade vai se perdendo*, a formação nominal sujeito *essa elasticidade* apresenta a característica da elasticidade atribuída à designação do termo *vagina* como sendo preexistente ao acontecimento da enunciação, ou seja, como existindo fora do discurso.

À conclusão de que a elasticidade da vagina se perde com o tempo, o alocutor-mulher contrasta, por meio do articulador *mas*, a conclusão *não é algo com o qual você precise se preocupar*. Dessa forma, a conclusão *não é algo com o qual você precise se preocupar* apresenta predominância sobre a conclusão *essa elasticidade vai se perdendo*. Na segunda conclusão é interessante notar o funcionamento da negação. Já que um enunciado negativo sempre envolve dois enunciadores, um que afirma e outro que nega determinado enunciado

(DUCROT, 1984), verifica-se que a oração *não é algo com o qual você precise se preocupar* pressupõe a existência da oração *é algo com o qual você precisa se preocupar*. Ou seja, a negação de que deve existir uma preocupação por parte do alocutário-mulher a respeito dos efeitos de seu envelhecimento na elasticidade da vagina supõe, em primeiro lugar, que esse alocutário está preocupado com essa mudança em sua anatomia.

Desse modo, assim como nas análises da cena enunciativa, que apontavam a projeção de um alocutário-mulher leigo e preocupado com a normalidade de seu corpo, os estudos da argumentatividade no texto da Revista Capricho revelam, novamente, a interlocução do alocutor-mulher com esse alocutário. Tal alocutário é novamente delineado como preocupado com seu funcionamento anatômico na oração seguinte, *assim como você também não precisa se preocupar com os gases vaginais*. Nessa sentença, a locução conjuntiva comparativa *assim como* articula a conclusão de que a perda da elasticidade vaginal não deve ser uma preocupação do alocutário-mulher à extensão dessa conclusão, cuja argumentatividade orienta para a noção de que os gases vaginais também não devem ser motivo para preocupação. Dessa forma, ambas as conclusões possuem a mesma força argumentativa. E, assim como na conclusão anterior, o funcionamento da negação pressupõe a existência de um enunciado afirmativo que é negado, nesse caso *você precisa se preocupar com os gases vaginais*.

A orientação argumentativa do recorte prossegue com uma oração que reescritura por expansão o termo *gases vaginais*, sendo *aqueles puns que parecem sair pela frente* a expressão reescriptorante. Em seguida, o termo *gases vaginais* é novamente reescriturado, dessa vez por substituição, pelo pronome pessoal *eles* e predicado por *são completamente naturais*. Desse modo, o termo *gases vaginais* é determinado pelo predicativo do sujeito *naturais*, que por sua vez é determinado pelo advérbio *completamente*, que atua como modalizador epistêmico asseverativo (CASTILHO; CASTILHO, 1992). Assim, embora não haja articuladores explícitos nas orações finais do recorte, é possível interpretar que a sentença *eles são completamente naturais* funciona como argumento para a conclusão *você também não precisa se preocupar com os gases vaginais*.

Assim sendo, o argumento que sustenta o aconselhamento do alocutor ao alocutário-mulher de que não é preciso preocupar-se com os gases vaginais centra-se na noção de que esses gases são caracterizados pelo discurso como *naturais*. Portanto, na orientação argumentativa do recorte a naturalidade de determinados processos anatômicos do corpo

feminino é apontada pelo alocutor-mulher, sob o ponto de vista de um enunciador-universal, como sustentação para o fim das preocupações presumidas do alocutário-mulher, referidas por esse alocutor como *neuras*.

Enquanto que todos os outros textos do *corpus* recortam como memorável em suas enunciações um passado de repressão sobre a sexualidade feminina que se estende até a atualidade, a matéria da Revista Cosmopolitan não apresenta, em sua introdução, qualquer menção a interdições discursivas sobre os prazeres e os saberes da anatomia da mulher. Apesar de não apresentar a hipótese da repressão sexual como memorável, o texto, assim como as demais matérias analisadas, apresenta uma justificativa para sua redação, conforme pode-se observar no recorte 97:

[R97] COSMO preparou um guia para ajudá-la a conhecer essa região nobre da sua anatomia. **Assim**, vai ficar mais fácil cuidar de quem te proporciona tanto prazer.

A argumentatividade no recorte centra-se no articulador *assim*. Essa conjunção conclusiva constitui o que Guimarães (2018) chama de argumentatividade diretiva, podendo ser representada por [*X PORTANTO Y*]. Nesse tipo de construção, o que se diz na oração Y se apresenta como conclusão para o que se diz em X; em outras palavras, o alocutor apresenta X como argumento para a conclusão Y. Ainda segundo Guimarães (1987), a relação de orientação argumentatividade entre X e Y é constituída pela enunciação. Dessa forma, “não é uma relação constituída pela relação linguagem/referente. Não sendo, portanto, fundamentalmente, uma questão relativa às condições de verdade para o uso destas construções” (GUIMARÃES, 1987, p. 150).

Assim sendo, em construções desse tipo a conclusão não se sustenta na veracidade de seu argumento, mas em um implícito que se apresenta na perspectiva de um enunciador específico. Esse implícito, bem como o enunciador que o sustenta, são por excelência “os lugares linguísticos em que se representa o ideológico” (Idem, p. 160). No recorte 97, observa-se que o argumento apresentado pelo alocutor-revista para sustentar a conclusão *vai ficar mais fácil cuidar de quem te proporciona tanto prazer* é *COSMO preparou um guia*

para ajudá-la a conhecer essa região nobre da sua anatomia. Dessa forma, a preparação de uma guia sobre a vagina pelo alocutor-revista é apresentada como argumento para uma maior facilidade do alocutário-mulher em cuidar dessa parte de sua anatomia que lhe proporciona prazer. Nesse sentido, o enunciador é genérico, pois parte não só do senso comum de que a vagina dá prazer à mulher, mas também do implícito de que conhecer o corpo equivale a um melhor cuidado pessoal. Essa melhora do cuidado com a vagina por parte do alocutário-mulher justificaria, então, a leitura da matéria.

Não apresentando a “hipótese repressiva” da sexualidade descrita por Foucault (1988) como passado memorável para o acontecimento da enunciação como os demais textos do *corpus*, a matéria da Revista Cosmopolitan orienta a argumentatividade de seus enunciados para conclusões que apresentam a vagina não como sendo um tabu social, mas a fonte do prazer feminino. Esse prazer é promovido pela natureza que, por sua vez, molda a anatomia da mulher para a realização de um ato sexual específico: a penetração vaginal pelo pênis. Diferentemente de outros textos, como a matéria do portal M de Mulher, em que essa prática é apenas sugerida como sendo necessária para a obtenção do orgasmo, no enunciado da Revista Cosmopolitan esse tipo específico de relação sexual está intimamente ligado, na argumentação, à significação do sexo e à satisfação sexual.

Essa ênfase na noção de que a anatomia da mulher foi projetada com o propósito de facilitar a satisfação de um desejo sexual heterossexual específico pode ser observada no recorte 98.

[R98] Pense em um tablete de chocolate Prestígio. Pois esse é o tamanho médio da vagina, com cerca de 8 centímetros (da vulva ao colo do útero). **E** quando você fica excitada, ela aumenta para 10 ou 15 centímetros. **E ainda:** o diâmetro pode crescer dez vezes mais. Toda essa elasticidade é uma sábia artimanha da natureza para “abraçar” pênis de diferentes tamanhos e facilitar a saída do bebê no parto normal.

A argumentatividade no recorte centra-se na utilização dos articuladores *pois*, *e* e *e ainda*. Inicialmente, a sentença *pense em um tablete de chocolate Prestígio* é direcionada, por

meio do verbo *pensar* no imperativo, ao alocutário-mulher. Em seguida, o alocutor-revista explica o motivo desse pedido: *esse é o tamanho médio da vagina, com cerca de 8 centímetros (da vulva ao colo do útero)*. Comparando a vagina a um tablete de chocolate, o alocutor-revista aproxima-se da realidade e dos conhecimentos de uma mulher leiga, que ele projeta como seu alocutário. Esse alocutor apoia sua enunciação no ponto de vista de um enunciador universal, que representa-se como fora da história e possuindo a verdade a respeito da vagina, verdade essa que o alocutário-mulher desconhece.

Segundo Guimarães (1987), a conjunção aditiva *e* pode articular argumentos ou conclusões, que são atribuídos a um único enunciador e possuem força argumentativa equivalente. Dessa forma, em *e quando você fica excitada, ela aumenta para 10 ou 15 centímetros*, o articulador *e* soma ao primeiro argumento de que o tamanho médio da vagina é de 8 centímetros o segundo argumento, que afirma que esse órgão aumenta para 10 ou 15 centímetros durante a excitação sexual. Em seguida, o alocutor-revista articula mais um argumento aos dois já elencados: *o diâmetro pode crescer dez vezes mais*, introduzido pelo articulador *e ainda*, formado pela conjunção aditiva *e* e pelo advérbio *ainda*. Devido ao efeito realçador do advérbio, o terceiro argumento é investido com uma força argumentativa maior que os outros dois. Essa somatória de argumentos, que acrescentam ao sentido da palavra *vagina* a predicação de um tamanho cada vez maior, produz como efeito de sentido a imagem desse órgão sexual abrindo-se e expandindo-se conforme a argumentação progride.

Por fim, os três argumentos culminam na conclusão *toda essa elasticidade é uma sábia artimanha da natureza para “abraçar” pênis de diferentes tamanhos e facilitar a saída do bebê no parto normal*. Observa-se a reescrituração por condensação dos três argumentos por meio da expressão *toda essa elasticidade*. O termo reescriturante atribui sentido aos reescriturados; nesse caso, aos argumentos: a palavra *vagina* é determinada pelo termo *elasticidade*, e a construção *toda essa elasticidade* é, por sua vez, predicada como sendo *uma sábia artimanha da natureza*.

Na predicação *uma sábia artimanha da natureza*, o termo *artimanha* é determinado pelo artigo indefinido *uma*, pelo adjetivo *sábia* e pela locução adjetiva *da natureza*. Da mesma forma, cada um dos componentes dessa expressão também são determinados por todos os outros, de modo que a locução adjetiva *da natureza* é determinada por *uma sábia artimanha*. Assim, nesse recorte, o termo *natureza* apresenta traços de personificação, pois, ao

ser determinado pela expressão *uma sábia artimanha*, acrescenta-se à sua significação a capacidade de produzir artimanhas.

Segundo o dicionário *online* Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2015), uma artimanha é um “plano articulado com o objetivo de levar alguém ao engano; artifício, astúcia, dolo, estratagema, fraude” (MICHAELIS DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2015). Nesse sentido, atribui-se à significação da palavra *natureza* a capacidade de produzir um plano articulado, um estratagema, e junto dessa capacidade vem também a intencionalidade. Assim, o termo *natureza* parece designar, no recorte 98, uma entidade que teria produzido conscientemente a vagina — e, conseqüentemente, sua elasticidade — com o objetivo de possibilitar a penetração vaginal pelo pênis e o parto normal. O adjetivo *sábia*, que determina *artimanha*, por sua vez, apresenta-se como uma marca avaliativa do alocutor-revista, atribuindo mais uma qualidade humana à significação do termo *natureza*: a sapiência.

Em outras palavras, a orientação argumentativa do enunciado traz a elasticidade atribuída à vagina pela sua capacidade de se expandir como sendo produzida pela natureza com a finalidade de “abraçar” pênis de diferentes tamanhos e facilitar o parto normal. Desse modo, é possível dizer que, no enunciado do recorte 98, o alocutor-revista, sob o ponto de vista de um enunciador-universal, sustenta para um alocutário-mulher leigo que a atividade sexual de penetração da vagina pelo pênis e o parto normal decorrem da elasticidade vaginal, planejada pela entidade natureza em uma sábia artimanha para chegar aos fins desejados. Essas atividades (sexo penetrativo e reprodução) são, portanto, naturais e, conforme a avaliação do alocutor-revista, boas, porque decorrem da sapiência da natureza.

A presença do termo *elasticidade* na determinação da palavra *vagina* figura novamente na argumentatividade de outro tópico da matéria da Revista Cosmopolitan, exibido pelo recorte 99:

[R99] Fazer sexo é a sua diversão preferida

A estimulação sexual ajuda a deixar os músculos vaginais saudáveis e em forma. *Sim*, como quaisquer outros do corpo, eles *precisam* de exercício. “Mulheres que passam cerca de quatro meses sem transar sentem a diferença

quando retomam a atividade, **pois** a vagina perde um pouco da elasticidade”, diz o ginecologista Elaino Pellini, de Santo André, SP.

Nesse recorte, a argumentatividade é diretiva e centra-se na conjunção explicativa *pois*. Nesse enunciado, a proposição anterior ao articulador *pois* é a conclusão, enquanto que a sentença posterior a esse articulador é o argumento que a sustenta. Segundo Ducrot (2009), essa argumentação linguística pode ser representada pela forma *C car A*, ou seja, *C pois A*, em que C diz respeito à conclusão e A ao argumento. Dessa forma, as sentenças que antecedem o articulador *pois* representam a conclusão da argumentatividade do recorte 99, enquanto que as sentenças posteriores a essa conjunção explicativa representam o argumento que sustenta essa conclusão.

Há dois enunciadores nesse recorte: um enunciador-genérico que enuncia o título e um enunciador-universal cujo ponto de vista sustenta a argumentatividade do corpo do texto. O enunciador-genérico do título afirma que *fazer sexo é a sua diversão preferida*. Nessa oração, o pronome possessivo *sua* faz referência ao termo *vagina*, pois todos os subtópicos nos quais o texto é dividido são curiosidades a respeito da vagina. Assim, a sentença poderia ser parafraseada por *fazer sexo é a diversão preferida da vagina*. Nessa oração, a expressão *fazer sexo* é reescriturada por expansão e, mais especificamente, por definição, pela predicação *a diversão preferida da vagina*. Por sua vez, o termo *vagina* é determinado pelo artigo definido *a*, pelo substantivo *diversão* e pelo adjetivo *preferida*. Dessa forma, a significação da palavra *vagina*, no recorte 99, diz respeito a um órgão determinado com a capacidade de ter uma *diversão preferida*, termo este que é reescriturante da expressão *fazer sexo*. Por meio da atribuição das capacidades humanas de preferir e se divertir à significação do termo *vagina*, o enunciador-genérico produz o efeito de personificação dessa parte do corpo.

Por sua vez, o enunciador-universal do corpo do texto apoia a legitimidade de suas informações a respeito da anatomia feminina na citação dos dizeres de um ginecologista. É nessa citação que o articulador *pois* se encontra, porém verifica-se que as relações de argumentatividade se iniciam já na primeira sentença do recorte, pois a enunciação do alocutor-ginecologista serve como sustentação para que o alocutor-revista defende.

Na primeira sentença do texto do recorte 99, o alocutor-revista afirma que *a estimulação sexual ajuda a deixar os músculos vaginais saudáveis e em forma* e, na sentença seguinte, reitera essa colocação por meio do advérbio de afirmação *sim*, defendendo que *como quaisquer outros do corpo, eles precisam de exercício*. Comparando os músculos vaginais aos demais músculos do corpo, esse alocutor apresenta a conclusão à qual a argumentação orienta: a de que a vagina precisa de exercício para estar saudável e em forma. Observa-se que o adjetivo *saudável* e a locução adjetiva *em forma*, que determinam o termo *vagina*, remetem a um discurso médico, que prima pelo bem-estar físico do indivíduo. Considerando que aquilo que é saudável é algo que faz bem à saúde, e que a conclusão defendida pelo alocutor-revista é a de que os músculos vaginais precisam de exercício para ficarem saudáveis, a argumentatividade do recorte sugere que a ausência desse exercício os colocaria em um estado não-saudável, que não faz bem à saúde.

Em seguida, a citação do alocutor-ginecologista, que funciona como uma paráfrase do que afirma o alocutor-revista, sustenta a conclusão de que *mulheres que passam cerca de quatro meses sem transar sentem a diferença quando retomam a atividade*. Nesse trecho o termo *exercício* é reescriturado por *transar* e *atividade*. A predicação de sentidos produzida pelo procedimento de reescrituração demonstra, assim, que o exercício essencial para a manutenção da saúde da vagina — e, portanto, do alocutário-mulher que a possui — é a relação sexual. O argumento para a necessidade dessa relação sexual encontra-se após o articulador *pois*: *a vagina perde um pouco da elasticidade*. Assim como no recorte 98, a elasticidade da vagina figura no argumento que sustenta a conclusão; no primeiro caso, a elasticidade demonstrava a sapiência da natureza em possibilitar a penetração do pênis na vagina e o parto, enquanto que, no segundo, a elasticidade está associada à saúde e à boa forma vaginais: uma vagina saudável é uma vagina que se exercita e não perde sua elasticidade.

Segundo Guimarães (2017), na análise semântica de um termo é preciso não só considerar o enunciado em que esse termo e suas reescriturações figuram, mas também o texto o qual esse enunciado integra. O processo de predicação de um termo “se dá por sobre a segmentalidade, ou seja, por sobre as fronteiras dos enunciados” (GUIMARÃES, 2017, p. 36). No recorte 98, que também pertence ao texto da Revista Cosmopolitan, o termo *elasticidade* é reescriturado por expansão pela expressão reescriturante *uma sábia artimanha*

da natureza para “abraçar” pênis de diferentes tamanhos e facilitar a saída do bebê no parto normal. Dessa forma, é possível sustentar, pela teoria de Guimarães (2017), que a significação da palavra *elasticidade* no texto como um todo carrega a predicação de que essa característica anatômica feminina tem a função de possibilitar a relação sexual de penetração vaginal.

Uma vez que o argumento de que *a vagina perde um pouco da elasticidade* após a ausência de relações sexuais por quatro meses justifica a conclusão de que é necessário manter os músculos vaginais saudáveis e em forma por meio do exercício sexual, verifica-se que, na orientação argumentativa do texto, uma vagina saudável e em forma equivale a uma vagina que possui elasticidade; utilizando o termo *elasticidade*, esse argumento atrela a significação do adjetivo *saudável* e da locução adjetiva *em forma* à capacidade de performar com sucesso o coito e a reprodução, que seriam, segundo o recorte 98, as finalidades da elasticidade vaginal.

Considerando que as relações de predicação estendem-se para além da segmentalidade dos enunciados que compõem um texto, é possível inferir, por meio da análise dos recortes 98 e 99 que, no texto da Revista Cosmopolitan, o alocutor-revista sustenta para o alocutário-mulher que uma vagina que perde sua elasticidade — e que, portanto, teria maiores dificuldades em performar o sexo penetrativo e parir — é uma vagina não-saudável. Dessa forma, seria preciso exercitar esse órgão para não perder suas propriedades elásticas e as finalidades que dela decorrem.

Enquanto que nos textos do portal M de Mulher, da Revista Capricho e da Revista Cosmopolitan os alocutores sustentam determinadas conclusões para alocutores-mulheres, na matéria do *site* da Fatos Desconhecidos o alocutor-homem argumenta ora para um alocutário-homem, ora para um alocutário-mulher. Apesar dessa distinção do alocutário, que nas matérias das revistas femininas eram restritos a alocutários-mulheres, assim como ocorre em todos os textos analisados no *corpus*, no trecho introdutório do texto do *site* Fatos Desconhecidos o alocutor justifica a redação de um texto a respeito da vagina, como se pode observar no recorte 100:

[R100] *Realmente*, falar de vagina é uma coisa muito complicada, algumas mulheres parecem ter um certo bloqueio quando o assunto é o órgão sexual

feminino e algumas *por incrível que pareça* nunca tiveram coragem de encará-la nem com um espelhinho. **Mas** vocês concordam que todo mundo deveria saber tudo sobre o próprio corpo? Conhecer o nosso próprio corpo pode ser uma ajuda e tanto na hora da relação sexual, *principalmente* para os homens. (...) Pensando nisso, que existem mulheres que sabem poucas coisas sobre a genitália feminina, nós criamos essa matéria com algumas curiosidades que toda mulher deveria saber sobre a vagina.

Assim como ocorre nos recortes iniciais das matérias do portal M de Mulher, da Revista Capricho e da Revista Galileu, a argumentatividade, nesse trecho, estrutura-se a partir do articulador *mas*. Segundo Guimarães (1987), em enunciações do tipo *X mas Y*, no qual X é argumento a favor de uma conclusão A e Y é argumento a favor de uma conclusão B, o elemento que vem após a conjunção adversativa, ou seja, Y, é predominante, isto é, tem maior força argumentativa que X.

Tendo em vista essa relação de articulação, constata-se que, no recorte, o alocutor contrapõe dois argumentos: o de que *algumas mulheres parecem ter um certo bloqueio quando o assunto é o órgão sexual feminino* e o de que *todo mundo deveria saber tudo sobre o próprio corpo*. Nesse recorte o enunciador oscila entre individual e genérico. Na primeira sentença, o enunciador-individual pode ser percebido pelo modalizador epistêmico asseverativo *realmente* e pelo modalizador afetivo *por incrível que pareça* (CASTILHO; CASTILHO, 1992). Além de apontarem para a autoria de um sujeito que modaliza o enunciado, ilustrando, assim, a presença de um enunciador-individual, essas modalizações demonstram como o alocutor-homem dialoga com enunciados outros, anteriores ao seu.

Ao enunciar que *realmente, falar de vagina é uma coisa muito complicada*, o alocutor-homem reafirma, por meio do advérbio modalizador *realmente*, o enunciado provindo do senso comum — e, portanto, de um enunciador-genérico — *falar de vagina é uma coisa muito complicada*. Concordando com a noção de que há dificuldades em se falar a respeito da vagina, o alocutor resgata como memorável um passado de repressão da sexualidade feminina, assim como ocorre nos demais textos do *corpus*, à exceção da matéria da Revista Cosmopolitan. Desse modo, o alocutor-homem reconhece a existência de uma

interdição nos discursos a respeito da anatomia da mulher, já que aponta que é complicado *falar* sobre a vagina. Por sua vez, de forma semelhante ao que acontece na orientação argumentativa do texto da Revista Capricho, em *algumas [mulheres] por incrível que pareça nunca tiveram coragem de encará-la nem com um espelhinho*, o advérbio modalizador *por incrível que pareça* implica que, apesar dessa interdição discursiva, é surpreendente que as mulheres não conheçam sua própria anatomia.

Ao argumento de que *algumas mulheres parecem ter um certo bloqueio quando o assunto é o órgão sexual feminino*, o alocutor-homem contrapõe, por meio do articulador *mas*, o argumento de que *todo mundo deveria saber tudo sobre o próprio corpo*. Por meio da afirmação de que *conhecer o nosso próprio corpo pode ser uma ajuda e tanto na hora da relação sexual, principalmente para os homens*, esse alocutor aponta um motivo para que seu alocutário conheça a anatomia humana: a melhora do desempenho sexual. Assim como na argumentatividade dos textos do portal M de Mulher e da Revista Cosmopolitan, na matéria do *site* da Fatos Desconhecidos verifica-se o implícito de que o conhecimento a respeito do corpo produz maior controle sobre ele e, dessa forma, maior poder. Com esse poder, o alocutário obteria a melhora da saúde, do autoconhecimento e da vida sexual, no caso do portal M de Mulher, do cuidado pessoal, na matéria da Revista Cosmopolitan, e da performance sexual, no texto do *site* da Fatos Desconhecidos.

Prosseguindo na orientação argumentativa, o alocutor-homem afirma que *pensando nisso, que existem mulheres que sabem poucas coisas sobre a genitália feminina, nós criamos essa matéria com algumas curiosidades que toda mulher deveria saber sobre a vagina*. Nesse trecho, a expressão *pensando nisso* funciona como articulador. Formada pelo verbo *pensar* no gerúndio, pela preposição *em* e pelo pronome demonstrativo *isso*, a expressão retoma anaforicamente os argumentos apresentados anteriormente pelo alocutor-homem, que são em seguida reescriturados por meio da expressão reescriturante *existem mulheres que sabem poucas coisas sobre a genitália feminina*. Após retomar seus argumentos, o alocutor-homem apresenta a conclusão *nós criamos essa matéria com algumas curiosidades que toda mulher deveria saber sobre a vagina*.

Seguindo com a noção de que a redação do texto se justifica porque *existem mulheres que sabem poucas coisas sobre a genitália feminina*, no recorte 101 o alocutor-homem

dirige-se a um alocutário-mulher de forma a tranquilizá-la diante de possíveis preocupações com a normalidade de sua anatomia.

[R101] A maioria das mulheres nasce com um hímen, que podem ter diferentes formas e tamanhos. Existem algumas mulheres que perdem o hímen, e se você acha que nasceu sem um, não se preocupe, **pois** isso não tem nada haver com a sua vida sexual, pode ter sido rompido em alguma situação da sua vida, o que é normal. Bom, enquanto algumas mulheres perdem o hímen sem saber, outras não o rompem perfeitamente, o que pode resultar em uma relação sexual dolorosa.

No recorte 101, a argumentatividade centra-se no articulador *pois*. Segundo Ducrot (2009), nas enunciações com *pois* a sentença anterior a essa conjunção explicativa representa a conclusão à qual o enunciado orienta, enquanto que o conteúdo posterior à conjunção constitui o argumento que sustenta essa conclusão. Desse modo, no trecho *se você acha que nasceu sem um [hímen], não se preocupe, pois isso não tem nada haver com a sua vida sexual*, verifica-se que a conclusão que o alocutor-homem sustenta para o alocutário-mulher é *se você acha que nasceu sem um [hímen], não se preocupe*. Após a conjunção explicativa *pois*, é apresentado o argumento para a defesa da conclusão de que não ter um hímen não deve ser motivo de preocupação para o alocutário-mulher: *isso não tem nada haver com a sua vida sexual*. Nessa conclusão, o pronome demonstrativo *isso* retoma anaforicamente *se você acha que nasceu sem um [hímen]*.

O argumento *isso não tem nada haver com a sua vida sexual* traz uma negação metalinguística, explicitada pela dupla negação produzida pelo advérbio de negação *não* e pelo advérbio de intensidade *nada*. Conforme Ducrot (1987), nesse tipo de negação não há somente a contraposição entre enunciadores distintos (aquele que afirma e aquele que nega uma proposição), mas também entre enunciações antagônicas: o Locutor nega a enunciação anterior de um outro Locutor. No recorte, o Locutor Mateus Graff, que se associa a um alocutor-homem, por meio de um enunciador-universal, nega a enunciação de que *a ausência*

de hímen tem a ver com a vida sexual da mulher, atribuída a outro Locutor e a um enunciador-genérico.

Embora esse outro Locutor ao qual o Locutor Mateus Graff se contrapõe não seja explicitado no enunciado, é possível associá-lo, pelo menos parcialmente, ao alocutário-mulher a quem o texto se dirige. Ainda que não seja a origem da enunciação genérica que associa o hímen à vida sexual feminina, o alocutário-mulher é representado pelo alocutor-homem como estando preocupado com a possibilidade de que essa associação seja verdadeira, aderindo, portanto, a essa enunciação.

Em seguida no recorte 101 o alocutor-homem explica o argumento de que a perda do hímen não tem relação com vida sexual da mulher, afirmando que o hímen *pode ter sido rompido em alguma situação da sua vida, o que é normal*. Nesse trecho, verifica-se que o termo *o que* reescritura por condensação a expressão *pode ter sido rompido em alguma situação da sua vida*, sendo a seguir predicado por *é normal*. Dessa forma, o adjetivo *normal* determina *pode ter sido rompido em alguma situação da sua vida*. Assim, o alocutor associa discursivamente o rompimento do hímen à normalidade.

À conclusão de que *se você acha que nasceu sem um [hímen], não se preocupe* é adicionada uma segunda conclusão no trecho *bom, enquanto algumas mulheres perdem o hímen sem saber, outras não o rompem perfeitamente, o que pode resultar em uma relação sexual dolorosa*. Nesse trecho, o alocutor-homem reescritura o argumento de que *[o hímen] pode ter sido rompido em alguma situação da sua vida* pela expressão reescriturante *algumas mulheres perdem o hímen sem saber*. Reapresentando o argumento reescriturado de que existem mulheres que não sabem que perderam o hímen, o alocutor-homem contrasta a ele um novo argumento, que, por sua vez, conduz a uma nova conclusão. Esse novo argumento é o de que *outras [mulheres] não o rompem perfeitamente*, e esse argumento sustenta, então, a conclusão *o que pode resultar em uma relação sexual dolorosa*.

É interessante notar que o argumento *outras [mulheres] não o rompem perfeitamente*, que pode ser parafraseado por *outras mulheres não rompem o hímen perfeitamente*, é uma oração que tem como sujeito *outras mulheres* e como predicado *não rompem o hímen perfeitamente*. A voz ativa dessa oração atribui a ação de romper o hímen ao sujeito *outras mulheres*. Essa construção é incomum; geralmente, ao se referir ao rompimento do hímen

utiliza-se orações na voz passiva, nas quais o sujeito é *o hímen*, o que produz orações do tipo *o hímen é rompido*. Na matéria do *site* da Fatos Desconhecidos, entretanto, a mulher é apresentada como aquela que rompe o próprio hímen, sendo também a responsável por rompê-lo *perfeitamente*.

Assim sendo, na orientação argumentativo do recorte 101 o alocutor-homem sustenta para seu alocutário-mulher que nas situações em que o rompimento do hímen não é produzido de forma perfeita pela mulher o resultado pode ser uma relação sexual dolorosa. A associação discursiva entre a relação sexual e a dor feminina aparece em outros trechos do texto do *site* da Fatos Desconhecidos, conforme pode ser observado no recorte 102:

[R102] No pênis existem 4 mil terminações nervosas, na vagina existem 8 mil
O clitóris *realmente* tem muito mais terminações nervosas sensoriais do que o órgão sexual masculino, o que torna a estimulação muito maior, e essa pode ser a explicação **porque** o estímulo diretamente no clitóris pode provocar dor em algumas mulheres. **Então, podemos concluir que** um orgasmo feminino pode ser muito mais intenso que o masculino.

No recorte 102 a argumentatividade é construída, principalmente, por meio dos articuladores *porque* e *então*. Segundo Ducrot (2009), a conjunção explicativa *porque* articula um argumento, presente nas sentenças anteriores a esse articulador, a uma conclusão, presente na oração posterior a essa conjunção. Em outras palavras, em uma argumentação do tipo *C porque A*, a Conclusão *C* antecede o Argumento *A*. Assim, o alocutor-homem inicia a orientação argumentativa com o argumento *o clitóris realmente tem muito mais terminações nervosas sensoriais do que o órgão sexual masculino*. Trata-se, como verificado na análise das reescrituras da palavra *vagina*, de uma comparação entre a sensibilidade dos órgãos sexuais feminino e masculino.

O que chama a atenção, nessa sentença, é o modalizador epistêmico asseverativo *realmente*, mobilizado pelo alocutor-homem. Conforme foi verificado na análise da cena enunciativa do texto da Fatos Desconhecidos, nessa matéria ora o alocutor direciona-se a um alocutário-homem, ora a um alocutário-mulher. Nesse recorte, o alocutário não é explicitado,

mas é possível sustentar que se trata de um alocutário-homem devido à ausência de marcas linguísticas de endereçamento do enunciado a um interlocutor do sexo feminino e à referência às mulheres na terceira pessoa do plural pela expressão *algumas mulheres*, contida na sentença *o estímulo diretamente no clitóris pode provocar dor em algumas mulheres*. Essa referência às mulheres na terceira pessoa implica que se tratam de indivíduos dos quais o alocutor-homem fala, mas com os quais não identifica a si mesmo ou ao seu alocutário.

Dessa forma, o modalizador *realmente* reafirma a sentença *o clitóris tem muito mais terminações nervosas sensoriais do que o órgão sexual masculino* como se, ao dirigir-se a seu alocutário-homem, o alocutor-homem precisasse “esforçar-se por conferir um tom de autoridade à sua fala” (CASTILHO; CASTILHO, 1992, p. 240) porque o argumento que está veiculando pode ser desacreditado pelos leitores do texto. Seria preciso, portanto, modalizar o enunciado para garantir a credibilidade da informação de que o clitóris é mais sensível que o pênis. Essa necessidade de modalização epistêmica asseverativa do enunciado pode se relacionar com o passado recortado como memorável pelo alocutor-homem, que no recorte 102 parece ser a ideia de que a mulher teria menos capacidade de experienciar prazer sexual que o homem e, portanto, seu corpo não poderia ser mais sensível ao estímulo que o corpo masculino.

Em seguida, o alocutor-homem prossegue com a oração *e essa pode ser a explicação porque o estímulo diretamente no clitóris pode provocar dor em algumas mulheres*. O argumento *o clitóris tem muito mais terminações nervosas sensoriais do que o órgão sexual masculino* é retomado anaforicamente pelo pronome demonstrativo *essa* e reescriturado por expansão por *a explicação porque o estímulo diretamente no clitóris pode provocar dor em algumas mulheres*. Nessa reescrituração, após o articulador *porque* o alocutor-homem apresenta a conclusão *o estímulo diretamente no clitóris pode provocar dor em algumas mulheres*. Dessa forma, observa-se que a orientação argumentativa do recorte direciona o alocutário-homem a uma conclusão que associa a sensibilidade da anatomia feminina à dor.

Argumento e conclusão, então, são mobilizados pelo alocutor-homem no trecho *então, podemos concluir que um orgasmo feminino pode ser muito mais intenso que o masculino* como argumentos para uma nova conclusão, *um orgasmo feminino pode ser muito mais intenso que o masculino*, introduzida pelo articulador *então*. Além da conjunção conclusiva, a locução verbal *podemos concluir que* corrobora para a interpretação dessa oração como

conclusão. É interessante notar que o termo *orgasmo feminino* é determinado pelo artigo indefinido *um*, enquanto que o termo *orgasmo masculino*, no qual a palavra *orgasmo* encontra-se em elipse, é determinado pelo artigo definido *o*. Esse contraste entre definição ao se referir ao orgasmo masculino e indefinição para o feminino retoma o passado recortado como memorável pelo alocutor-homem, que trata o corpo masculino como mais inclinado ao prazer sexual. Nesse memorável, *o* orgasmo masculino na relação sexual é uma certeza, enquanto que *um* orgasmo feminino, se existir, tem *o potencial* de ser mais intenso que o do homem, como se evidencia pelo emprego do verbo *poder* em *um orgasmo feminino pode ser muito mais intenso que o masculino*.

Nesse sentido, no recorte 102 constata-se que o alocutor-homem sustenta para seu alocutário-homem que um orgasmo feminino pode ser muito mais intenso que o masculino porque o clitóris tem mais terminações nervosas que o pênis, e a maior sensibilidade do corpo da mulher, diante de um estímulo direto, pode causar-lhe dor.

Também dirigindo-se a um alocutário-homem, a matéria da Revista Galileu inicia-se da mesma forma que os outros textos do *corpus*: tecendo uma justificativa para sua escrita, conforme indica o recorte 103:

[R103] Ela foi cientificamente ignorada por anos, teve suas características únicas minimizadas e foi tratada como um pênis que não deu certo – ou que estava de cabeça para baixo. **Mas** (*antes tarde do que nunca!*) a vagina parece estar *finalmente* ganhando a atenção que merece [...]. Hoje, *já* se sabe que o clitóris tem 8 mil terminações nervosas (4 mil a mais que o pênis), que pelo menos 50 espécies de microrganismos habitam o canal vaginal e que existe uma ligação concreta entre cérebro e vagina. **Apesar disso tudo**, grande parte das mulheres *ainda* é incapaz de nomear as estruturas que compõem seu sistema reprodutor [...] e muitas não se sentem confortáveis para conversar com os próprios médicos. **Mas** GALILEU não vê motivo nenhum para constrangimento. E, depois de ler toda essa reportagem você muito provavelmente não verá também.

No trecho inicial da matéria da Revista Galileu, observa-se a ocorrência da argumentatividade concessiva, que se dá pela utilização dos articuladores *mas* e *apesar disso*. De acordo com Guimarães (1987), em relações de argumentatividade produzidas pelo articulador *mas* o alocutor “estabelece com seu alocutário um começo (tema) e se opõe a ele em seguida. Portanto, se opõe a um lugar em que se colocara com seu alocutário” (GUIMARÃES, 1987, p. 120). No recorte, essa oposição entre perspectivas se dá em três movimentos argumentativos.

Nesse sentido, o primeiro articulador *mas* é utilizado pelo alocutor-revista para sustentar para o alocutário-homem a contraposição entre um período de ignorância científica a respeito da vagina e o período atual, no qual ela começa a ser estudada pela ciência. Esse período de ignorância é introduzido pelo trecho *ela foi cientificamente ignorada por anos, teve suas características únicas minimizadas e foi tratada como um pênis que não deu certo – ou que estava de cabeça para baixo*. Em seguida, o período no qual a vagina é estudada é introduzido por *mas (antes tarde do que nunca!) a vagina parece estar finalmente ganhando a atenção que merece*.

O articulador *mas* contrapõe não só períodos de tempo distintos, mas também argumentos que sustentam diferentes conclusões. O primeiro argumento, de que a vagina *foi cientificamente ignorada por anos*, poderia levar à conclusão de que existe um desconhecimento a respeito desse órgão. Contudo, a conjunção adversativa *mas* apresenta o argumento de que *a vagina parece estar finalmente ganhando a atenção que merece*, projetando uma possível conclusão de que está findada a ignorância a respeito da anatomia feminina. Por se encontrar após o articulador *mas*, o segundo argumento possui maior força argumentativa. Nesse argumento, o enunciador-universal que enuncia sobre a ignorância a respeito da vagina dá lugar a um enunciador-individual que, entre parênteses, exclama *antes tarde do que nunca!* e que utiliza o advérbio modalizador afetivo *finalmente* para demonstrar seu contentamento com o novo entendimento da ciência sobre o corpo da mulher.

O alocutor-revista, então, elenca uma série de descobertas científicas a respeito da vagina e, em seguida, apresenta a conclusão de que *apesar disso tudo, grande parte das mulheres ainda é incapaz de nomear as estruturas que compõem seu sistema reprodutor e muitas não se sentem confortáveis para conversar com os próprios médicos*. Além de introduzir a conclusão, o articulador *apesar disso*, formado pela locução conjuntiva *apesar de*

e pelo pronome demonstrativo *isso*, retoma anaforicamente o argumento *a vagina parece estar finalmente ganhando a atenção que merece*. Contudo, essa conclusão vai na contramão daquela proposta pelo argumento retomado pela anáfora. Trata-se, portanto, daquilo que Guimarães (2018) chama de argumentatividade concessiva, representada por *[X NO ENTANTO Y]*. Nessa orientação argumentativa, o alocutor-revista sustenta que a conclusão esperada a partir do argumento de que a vagina está ganhando atenção não se concretiza; na verdade, muitas mulheres ainda não sabem os nomes das partes de seu sistema reprodutor e se constrangem ao conversar com seus médicos.

Em seguida, o alocutor acrescenta a essa conclusão uma outra, *GALILEU não vê motivo nenhum para constrangimento*, introduzida após o segundo articulador *mas*. Possuindo maior força argumentativa que a conclusão *grande parte das mulheres ainda é incapaz de nomear as estruturas que compõem seu sistema reprodutor e muitas não se sentem confortáveis para conversar com os próprios médicos*, a conclusão *GALILEU não vê motivo nenhum para constrangimento* estabelece que, apesar do desconhecimento e das interdições existentes nos discursos sobre a vagina, a revista Galileu se propõe a trazer para seus alocutários fatos a respeito desse órgão.

Assim, o alocutor-revista sustenta para seu alocutário-homem, sob o ponto de vista de um enunciador por vezes individual, mas majoritariamente universal, que houve dois períodos de conhecimento científico a respeito da anatomia feminina: o de ignorância e o de conhecimento. O alocutor argumenta que, no entanto, apesar das novas descobertas, muitas mulheres ainda se sentem constrangidas ao falar sobre a vagina. Por fim, o alocutor-revista afirma que apesar desse constrangimento, a Revista Galileu se propõe a enunciar fatos a respeito desse órgão.

No prosseguimento da matéria, distintamente dos outros textos que constituem o *corpus*, a reportagem da Revista Galileu apresenta várias seções dedicadas à discussão da mutilação genital feminina ao redor do globo e como essa prática influencia o comportamento da mulher. Nesse sentido, a argumentação nesses trechos direciona para a conscientização do leitor a respeito da gravidade dessa violência, que ultrapassaria a repressão sexual feminina e alcançaria uma tentativa de controle da própria cognição da mulher, dominando-a pela minação de sua confiança e criatividade.

[R104] Para a autora [Naomi Wolf], os hormônios liberados durante o sexo e a masturbação contribuiriam com a autoconfiança e a criatividade das mulheres: “Dada essa enxurrada química, é possível dizer que a vagina **não é apenas** um órgão sexual, **mas** um medidor poderoso de confiança e criatividade do sexo feminino”, disse Wolf em artigo publicado no jornal britânico The Guardian. Segundo Wolf, isso explicaria **por que** durante milênios a sexualidade das mulheres foi reprimida: “A liberação de dopamina também explica **por que** algumas culturas insistem na mutilação genital, uma prática que, agora nós sabemos, altera **não apenas** o corpo e a atividade sexual, **mas também** influencia no próprio cérebro feminino”.

No recorte 104, verifica-se a ocorrência de dois articuladores que permitem a construção da argumentatividade: *não apenas... mas*, com a variação *não apenas... mas também* e *por que*. Segundo Guimarães (1987), enunciações com *não só X... mas (também) Y* articulam elementos (X e Y) que podem ser argumentos ou conclusões. Quando o *não só... mas (também)* articula argumentos, eles são “argumentos de uma mesma classe argumentativa e de igual força” (GUIMARÃES, 1987, p. 144).

Em ambos os casos, os elementos articulados são atribuídos a enunciadores distintos. Dessa forma, em enunciações do tipo *não só X... mas (também) Y* o alocutário “apresenta X da perspectiva de um E1 que a apresentaria como única, e apresenta também a enunciação de Y da perspectiva E2 como algo que para ser enunciado nega o caráter exclusivo, único, definitivo, etc., da enunciação X de E1” (Idem, p. 137).

O articulador *não só... mas (também)* tem sua primeira ocorrência no recorte 104 na citação da fala da escritora Naomi Wolf “*dada essa enxurrada química, é possível dizer que a vagina não é apenas um órgão sexual, mas um medidor poderoso de confiança e criatividade do sexo feminino*”, utilizada como argumento de autoridade pelo alocutor-revista. Na citação, esse articulador põe em relação duas conclusões, visto que a sentença *dada essa enxurrada química* é elencada pelo Locutor Naomi Wolf, citado pelo alocutor-revista, como argumento

para a conclusão *a vagina não é apenas um órgão sexual, mas um medidor poderoso de confiança e criatividade do sexo feminino*.

Essa conclusão é, por sua vez, formada por duas outras conclusões: *a vagina é um órgão sexual* e *a vagina é um medidor poderoso de confiança e criatividade do sexo feminino*, que são relacionadas pelo articulador *não só... mas (também)*. Na relação entre as duas conclusões, o enunciador-universal da segunda conclusão, que conheceria a verdadeira natureza da vagina como *medidor poderoso de confiança e criatividade do sexo feminino*, critica o caráter restrito da conclusão do enunciador-genérico que apresenta a noção amplamente sabida de que *a vagina é um órgão sexual*.

Em seguida, a orientação argumentativa do texto prossegue com o trecho *segundo Wolf, isso explicaria por que durante milênios a sexualidade das mulheres foi reprimida*. Observa-se, nesse trecho, a retomada da crítica à conclusão restritiva *a vagina é um órgão sexual*, pois o pronome demonstrativo *isso* retoma anaforicamente e reafirma a segunda conclusão, ou seja, *a vagina é um medidor poderoso de confiança e criatividade do sexo feminino*. Por meio do articulador *por que*, conjunção explicativa, essa sentença aparece agora não como conclusão, mas como argumento que sustenta a conclusão de que *durante milênios a sexualidade das mulheres foi reprimida*. Assim, a noção de que a vagina está ligada à confiança e criatividade da mulher é elencada como a causa ou explicação para a repressão da sexualidade feminina.

Mais uma vez a “hipótese repressiva” da sexualidade, explicada por Foucault (1988), é recortada como passado memorável para o acontecimento da enunciação; porém, no caso da matéria da Revista Galileu, verifica-se um recorte explícito sobre a repressão da sexualidade feminina, representada pela prática da mutilação genital feminina. Resgatando como memorável dessa prática, o alocutor-revista cita novamente o Locutor Naomi Wolf no período “*a liberação de dopamina também explica por que algumas culturas insistem na mutilação genital, uma prática que, agora nós sabemos, altera não apenas o corpo e a atividade sexual, mas também influencia no próprio cérebro feminino*”.

Nesse trecho, o pronome interrogativo *por que* introduz em forma de discurso direto a interrogação *por que algumas culturas insistem na mutilação genital?* Esse pronome também articula o argumento *a liberação de dopamina* à conclusão *algumas culturas insistem na*

mutilação genital. Desse modo, *a liberação de dopamina* no cérebro após a estimulação sexual da mulher é elencada como explicação para o fato de que *algumas culturas insistem na mutilação genital*. Ainda nesse trecho, a expressão *mutilação genital* é reescriturada por *uma prática*. Essa expressão reescriturante, por sua vez, é determinado pela oração subordinada adjetiva restritiva *que altera não apenas o corpo e a atividade sexual, mas também influencia no próprio cérebro feminino*.

Nessa oração verifica-se nova ocorrência do articulador *não só... mas (também)*, em sua variante *não apenas... mas também*. Nesse caso, o articulador relaciona duas conclusões: *a mutilação genital altera o corpo e a atividade sexual* e *a mutilação genital influencia no próprio cérebro feminino*. Novamente, observa-se a existência de um enunciador-universal que, sustentando a conclusão *a mutilação genital influencia no próprio cérebro feminino*, critica o caráter restritivo da conclusão *a mutilação genital altera o corpo e a atividade sexual*, atribuída a um enunciador-genérico que teria apenas conhecimentos superficiais a respeito das consequências da mutilação genital feminina.

4.2. Algumas considerações

Em todos os textos que constituem o *corpus*, com exceção da matéria da Revista Cosmopolitan, verifica-se que o acontecimento da enunciação rememora como seu passado o que Foucault (1988) chama de “hipótese repressiva” da sexualidade. Dessa forma, os textos do portal M de Mulher, da Revista Capricho, do *site* da Fatos Desconhecidos e da Revista Galileu iniciam-se com justificativas para a redação de uma matéria a respeito da vagina. Nessas justificativas, a existência de interdições nos discursos a respeito da anatomia feminina e o consequente desconhecimento das mulheres a respeito de seus próprios corpos são utilizados como argumentos para a sustentação da conclusão de que é necessária a redação de um manual da vagina.

Além da constatação da ignorância da mulher sobre sua própria anatomia, os diferentes alocutores apresentam benefícios que podem ser atingidos por seus alocutários a partir da obtenção dos conhecimentos a respeito da vagina que os veículos de informação têm a oferecer. Na orientação argumentativa do texto do portal M de Mulher, o saber sobre vagina propicia para o alocutário-mulher *saúde, autoconhecimento e uma vida sexual melhor*. Na

argumentação da Revista Cosmopolitan, o conhecimento a respeito da genitália feminina facilitaria o cuidado pessoal, enquanto que o alocutor-homem da Fatos Desconhecidos sustenta para seu alocutário-homem que conhecer o próprio corpo auxilia o desempenho sexual. Conforme defende Foucault (1988), observa-se nessas enunciações a respeito da sexualidade a existência “de um discurso onde o sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa de uma certa felicidade, estão ligados entre si” (FOUCAULT, 1988, p. 13).

Ao enunciar a promessa de uma felicidade futura, proveniente do saber a respeito da sexualidade feminina disponibilizado pelos manuais da vagina, os diversos alocutores também procuram sanar as preocupações femininas a respeito de seus próprios corpos. Construindo discursivamente uma “normalidade” sexual e anatômica feminina, esses alocutores, apoiados em enunciadores-universais, delimitam as fronteiras do pertencimento dos corpos dos alocutários-mulheres àquilo que é considerado “normal” e, portanto, que não deve inspirar preocupações. Nesse sentido, o alocutor-mulher da matéria da Revista Capricho defende que seu alocutário-mulher *não precisa se preocupar com os gases vaginais*, porque *elas são completamente naturais*. Da mesma forma, o alocutor-homem do texto da Fatos Desconhecidos sustenta para seu alocutário-mulher que, caso tenha nascido sem um hímen, *não se preocupe, pois isso não tem nada haver com a sua vida sexual*, afirmando em seguida que ele pode ter se rompido sem que ela percebesse, *o que é normal*.

Em ambos os casos, a orientação argumentativa defende que o alocutário-mulher não deve se preocupar porque sua anatomia pode ser determinada pelos adjetivos *natural* e *normal*. A referência ao aspecto natural da anatomia feminina também pode ser observada no texto da Revista Cosmopolitan, que sustenta a conclusão de que a elasticidade da vagina *é uma sábia artimanha da natureza para “abraçar” pênis de diferentes tamanhos e facilitar a saída do bebê no parto normal*. Pela análise semântica do termo *natureza* nessa oração, verificou-se que esse termo é determinado pelos termos *sábia* e *artimanha*. Essa determinação acrescenta ao sentido da palavra *natureza* a capacidade de, conscientemente, planejar uma estrutura anatômica para a mulher destinada a permitir a relação sexual de penetração da vagina por pênis de diferentes tamanhos e a facilitar o parto normal. Dessa forma, o coito e a reprodução são inscritos na anatomia feminina como finalidades planejadas por uma sábia

consciência, por uma força maior; nesse discurso, o corpo da mulher existe para alcançar objetivos determinados.

Tanto no texto da Revista Cosmopolitan quanto na matéria da Revista Capricho, observa-se a determinação da palavra *vagina* pelo termo *elasticidade*, bem como a sustentação, por meio das relações de argumentatividade, de que essa elasticidade que constitui o sentido da palavra *vagina* pode ser perdida, o que, do ponto de vista dos alocutores desses textos, não é desejável. Assim, na matéria da Revista Capricho o alocutor-mulher sustenta para seu alocutário-mulher que a elasticidade que permite à mulher optar pelo parto normal e manter relações sexuais vai se perdendo com o passar do tempo, *mas não é algo com o qual você precise se preocupar*. A argumentatividade concessiva produzida pelo articulador *mas* demonstra que essa conclusão não é aquela esperada pelo encadeamento de argumentos feito pelo alocutor, e a negação presente nessa oração evidencia a existência de um enunciado afirmativo no qual o alocutário precisa se preocupar com a perda da elasticidade de sua vagina.

Essa necessidade de preocupação do alocutário-mulher com a elasticidade de sua vagina evidencia-se na argumentatividade do texto da Revista Cosmopolitan, cujo alocutor-revista defende que os músculos vaginais *precisam de exercício*, ou seja, de relações sexuais, para manter-se *saudáveis e em forma*, pois a vagina perde um pouco da elasticidade após quatro meses sem sexo. Nesse sentido, ambos os textos, por meio das relações de articulação que envolvem a palavra *vagina*, prescrevem pensamentos e comportamentos que os alocutários-mulher devem ter diante de seus corpos femininos, justificando-os em enunciadores-universais e, no caso da matéria da Revista Cosmopolitan, na citação do argumento de autoridade de um médico ginecologista.

Contrastam-se, desse modo, as promessas de liberdade da repressão sexual anunciada nos trechos introdutórios dos textos do *corpus* e o caráter prescritivo das orientações argumentativas presentes nesses mesmos enunciados. Ao investigar a construção dos discursos a respeito da sexualidade ocidental em *História da sexualidade I: A vontade de saber*, Foucault (1988) afirma que não se trata de reiterar ou negar a veracidade um passado repressivo do sexo;

trata-se, em suma, de interrogar o caso de uma sociedade que desde há mais de um século se fustiga ruidosamente por sua hipocrisia, fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não diz, denuncia os

poderes que exerce e promete liberar-se das leis que a fazem funcionar (FOUCAULT, 1988, p. 14).

Diante dessa colocação, questiona-se se os conhecimentos a respeito da vagina elencados pelos textos de divulgação do conhecimento que constituem o *corpus* desta pesquisa concretizam a promessa de liberdade do passado repressivo tido como memorável pelo acontecimento da enunciação, ou se reforçam discursos cristalizados a respeito da sexualidade feminina.

5. Conclusões

Sustentando-se na Semântica do Acontecimento de Eduardo Guimarães (2017, 2018), este estudo verificou que, de um modo geral, as matérias da Revista Cosmopolitan, da Revista Capricho, do portal M de Mulher, da Revista Galileu e do *site* Fatos Desconhecidos trazem como principal passado recortado como memorável aquilo que Foucault (1988) chama de “hipótese repressiva” da sexualidade. Esse discurso defende que a Modernidade ocidental foi marcada por uma generalizada censura do sexo, que teria se tornado um tabu e objeto de interdições diversas. Nesse sentido, os textos do *corpus* representam-se como meios de divulgação do conhecimento que procuram quebrar essa repressão sexual.

Dessa forma, a análise da categoria metodológico-descritiva *cena enunciativa* revelou uma prevalência de lugares de dizer identificados como enunciadores-universais e enunciadores-genéricos, que apresentam o Locutor como fora da história e difuso no senso comum, respectivamente. Em especial, o enunciador-universal, vastamente utilizado pelo discurso científico, apresenta-se como um ponto de vista submetido ao regime do verdadeiro e do falso. Desse modo, observa-se que os textos que compõem o *corpus* se propõem a apresentar “fatos” ou “verdades” a respeito da anatomia feminina que, devido a um passado de repressão sexual, são pouco conhecidos do público leigo.

Esses saberes, pautados principalmente na citação das enunciações de autoridades como psicólogos, psicoterapeutas, sexólogos e em estudos científicos, são passados, então, de alguém que detém esses conhecimentos para alguém que os ignora. A interlocução cuja finalidade é transmitir conhecimentos ocorre, dessa forma, entre um alocutor e seu alocutário. No texto da Revista Cosmopolitan, o alocutor-revista distancia-se de seu alocutário-mulher heterossexual, enquanto que nas matérias da Revista Capricho e do portal M de Mulher observa-se a aproximação discursiva do alocutor-redator e do alocutor-mulher de seus alocutários-mulheres. Por outro lado, o *site* da Fatos Desconhecidos traz em seu texto o único alocutor-homem do *corpus*, que se dirige ora a um alocutário-homem, ora a um alocutário-mulher.

Em todas as cenas enunciativas, os alocutários são concebidos como pertencentes a um binário de sexos, representados pelo *macho* e pela *fêmea* da espécie humana, que, em nível social, são referidos por *homem* e *mulher*. Nas matérias do portal M de Mulher, da

Revista Cosmopolitan, da Revista Capricho e do *site* da Fatos Desconhecidos, em que os alocutores projetam seus enunciados para alocutários-mulheres, a presunção de uma relação unívoca entre o sexo biológico e a identidade de gênero das leitoras se explicita pela utilização frequente da expressão *sua vagina*, na qual o pronome possessivo *sua* determina o termo *vagina* e vice-versa. Assim, o alocutário-mulher é caracterizado como aquele que possui a vagina. Por outro lado, na Revista Galileu, o alocutário-homem é caracterizado como aquele que *não vai querer ficar de fora* da vagina, sugerindo que esse órgão é um objeto de desejo heterossexual do alocutário.

Esse binarismo que relaciona sexo biológico e identidade de gênero pode ser observada também nas relações de reescrituração da palavra *pênis*, que muitas vezes é contraposta à palavra *vagina*. Na matéria da Fatos Desconhecidos, no trecho intitulado *no pênis existem 4 mil terminações nervosas, na vagina existem 8 mil*, observa-se que na oração subsequente *o clitóris realmente tem muito mais terminações nervosas sensoriais do que o órgão sexual masculino*, o termo *pênis* é reescriturado pela expressão *o órgão sexual masculino*. De forma semelhante, na matéria da Revista Galileu intitulada *A vagina como ela é*, no trecho *até pouco tempo, o órgão sexual feminino permanecia relativamente desconhecido mesmo entre médicos*, termo *vagina* é reescriturado pela expressão *o órgão sexual feminino*. Reescriturações como essas, nas quais palavra *vagina* é reescriturada pela expressão *o órgão sexual feminino* e o termo *pênis* é reescriturado pela expressão *o órgão sexual masculino* demonstram essa concepção binária que estabelece a relação, por um lado, entre os termos *homem*, *masculino* e *pênis* e, por outro, entre os termos *mulher*, *feminino* e *vagina*.

Ainda a respeito das relações de reescrituração, observa-se que os alocutores procuram adicionar à significação da palavra *vagina* o sentido de integração desse órgão à totalidade da anatomia humana. Desse modo, em todos os textos do *corpus* verifica-se a reescrituração por expansão da palavra *vagina* por termos que a definem como uma parte do corpo humano, como demonstram as expressões reescriturantes *uma parte do corpo com a qual você convive diariamente*, da Revista Capricho; *uma parte do corpo tão importante quanto o rosto*, do portal M de Mulher; *o próprio corpo*, da Revista Galileu; *o corpo*, da Revista Cosmopolitan; e *seu corpo* e *nosso próprio corpo*, do *site* da Fatos Desconhecidos. Esses termos

reescriturantes predicam aos sentidos da palavra *vagina* a noção de que esse órgão faz parte da anatomia humana e que, portanto, deve ser designado sem tabus e interdições.

Entretanto, por várias vezes nos textos do *corpus* a palavra *vagina* é reescriturada por termos reescriturantes que a eufemizam. O uso de aspas nos termos reescriturantes *tudo que está ~ lá embaixo ~*, na Revista M de Mulher; “*ela*” e nossa “*amiga*”, na Revista Capricho; e “*lá dentro*”, no site da Fatos Desconhecidos, revelam a necessidade de ressaltar e ao mesmo tempo opacificar, por meio de marcas linguísticas, a significação da palavra *vagina*. Dessa forma, apesar das reescriturações que significam o termo *vagina* como apenas mais uma parte do corpo da mulher, as reescriturações dessa palavra que colocam os termos reescriturantes entre aspas demonstram que, nas matérias analisadas, ainda são precisos rodeios para se referir aos genitais femininos.

Nas revistas femininas Cosmopolitan e Capricho a eufemização do termo *vagina* se dá pela reescrituração dessa palavra por expressões reescriturantes que produzem o efeito de sentido de personificação desse órgão. Desse modo, reescritura-se o termo *vagina* por *quem te proporciona tanto prazer*, no texto da Revista Cosmopolitan, e por *nossa “amiga” e uma de suas melhores amigas*, na matéria da Revista Capricho. A ênfase à habilidade de proporcionar prazer ao alocutorário-mulher que determina o termo *vagina* na matéria da Revista Cosmopolitan dialoga com a observação de que trata-se do único texto do *corpus* que não apresenta a “hipótese repressiva” da sexualidade (FOUCAULT, 1988) como seu passado memorável; ao contrário, o texto sempre reescritura e determina a palavra *vagina* por termos positivos e relacionados a satisfação sexual.

Além da eufemização e da opacificação do sentido, as reescriturações do termo *vagina* também produzem ambiguidade de sentido e de referência. Muitas vezes a palavra *vagina* é reescriturada por substituição pelo termo reescriturante *clitóris*. Assim, no enunciado do texto, esses dois termos se tornam sinônimos, e as determinações da palavra *clitóris* passam a determinar também a palavra *vagina*. No caso da matéria da Fatos Desconhecidos, o termo *vagina* presente no título *no pênis existem 4 mil terminações nervosas, na vagina existem 8 mil* é reescriturado pelo termo *clitóris* na oração *o clitóris realmente tem muito mais terminações sensoriais que o órgão sexual masculino*. Como as duas palavras são utilizadas de maneira intercambiável no texto, muitas das características anatômicas que constituem o sentido da palavra *clitóris*, como sua grande sensibilidade e capacidade de promover prazer

sexual à mulher, são utilizadas para predicar a palavra *vagina*, gerando assim um discurso no qual o clitóris é compreendido como parte da vagina ou, ainda, no qual o canal vaginal se torna a estrutura anatômica dotada das milhares terminações sensoriais que a literatura médica indica residirem no clitóris.

Essa indistinção ou ambiguidade de referência é acentuada pela reescrituração da palavra *vagina* por termos reescriturantes ainda mais opacos, como *tudo que está ~ lá embaixo ~ e tudo*, no caso do texto do portal M de Mulher e *as coisas*, na matéria da Revista Galileu. Condensando vulva e vagina em uma massa amorfa, essas reescriturações dificultam uma percepção anatômica precisa das diferentes partes do sistema reprodutor da mulher, perpetuando a tradição ocidental descrita por Laqueur (2001) que remonta à Grécia Antiga de se referir aos genitais femininos sem grande precisão.

Enquanto que as relações de reescrituração da palavra *vagina* expõem uma tentativa inicial de significar esse termo como uma parte do corpo humano que no decorrer dos textos se dissolve em expressões reescriturantes que eufemizam, opacificam ou produzem referências ambíguas para essa palavra, as relações de articulação e, especificamente, as articulações de argumentatividade explicitam o recorte da “hipótese repressiva da sexualidade” (FOUCAULT, 1988) como passado memorável para esses acontecimentos de enunciação.

Nesse sentido, todos os textos do *corpus* iniciam-se com uma orientação argumentativa que justifica sua redação. Para a sustentação da conclusão de que a escrita da matéria é necessária, os alocutores apresentam para seus alocutários dois principais argumentos: *as mulheres não conhecem sua própria anatomia* e *o conhecimento a respeito do corpo humano melhora a saúde e a vida sexual dos indivíduos*. Estabelecidas essas motivações, os alocutores passam a explicar para seus alocutários-leigos o funcionamento do corpo da mulher. No caso do portal M de Mulher, o alocutor-mulher sustenta para seu alocutário-mulher que o fato de muitas mulheres não sangrarem na primeira relação sexual se explica pela elasticidade dos hímens e que o orgasmo feminino é resultado de uma série de eventos que incluem o estímulo sexual, a produção de hormônios pelo cérebro e a produção de uma secreção lubrificante que facilita a penetração vaginal.

Na orientação argumentativa da matéria Revista Capricho, o alocutor-mulher sustenta para seu alocutário-mulher que, apesar da elasticidade da vagina se perder com o tempo, esse fato não deve ser uma preocupação da mulher. Por sua vez, no texto da Revista Cosmopolitan o alocutário- revista defende que a elasticidade da vagina é uma sábia artimanha da natureza para permitir que a mulher tenha relações sexuais de penetração com homens de pênis de diversos tamanhos e que ela consiga parir. Nesse mesmo texto, o alocutário também argumenta que mulheres precisam manter relações sexuais com frequência pois, sem esse exercício, a vagina perde elasticidade.

No texto do *site* da Fatos Desconhecidos, o alocutor-homem sustenta para seu alocutário-mulher que o rompimento do hímen não tem a ver com a vida sexual da mulher e que, da mesma forma que algumas mulheres não sabem que romperam o hímen, outras o rompem imperfeitamente e por isso sentem dor na relação sexual. Esse alocutário também defende que, devido ao seu grande número de terminações nervosas, ao ser estimulado diretamente o clitóris pode provocar dor na mulher. Essa sensibilidade geraria a possibilidade de que um orgasmo feminino fosse mais intenso que o masculino. Por fim, na argumentatividade da matéria da Revista Galileu o alocutor- revista afirma que os efeitos cerebrais de minação da autoconfiança e da criatividade da mulher decorrentes da mutilação genital feminina são, mais do que a interdição do prazer, os reais motivos para que algumas culturas insistam nessa prática.

Observa-se similaridades entre as argumentatividades dos diferentes textos: a noção de que a relação sexual pode causar dor e sangramento na mulher é sustentada pelas matérias do portal M de Mulher e do *site* da Fatos Desconhecidos. Em ambas as orientações argumentativas, o desconforto no sexo é justificado pela própria biologia feminina: pela falta de elasticidade dos hímens, no caso do portal M de Mulher, e pela sensibilidade do clitóris e pelo rompimento imperfeito do hímen pela própria mulher, na matéria da Fatos Desconhecidos. Em nenhum momento essas dores são atribuídas a fatores culturais ou externos, como um possível parceiro sexual indelicado ou violento, à falta de desejo sexual, à insegurança com o próprio corpo, etc. Pelas relações de argumentatividade, a dor se inscreve na anatomia da mulher.

Da mesma forma, as matérias da Revista Capricho e da Revista Cosmopolitan associam discursivamente a elasticidade da vagina às funções de possibilitar o sexo e o parto

normal. No texto da Revista Capricho a possibilidade de manter a relação sexual (presumivelmente de penetração, devido à ênfase dada à expansão do canal vaginal nesse trecho) e o parto é sustentada como consequência das propriedades elásticas da anatomia feminina. Na matéria da Revista Cosmopolitan, por outro lado, a elasticidade da vagina é caracterizada como uma artimanha da natureza planejada para permitir que a vagina abrigue em seu interior pênis de diferentes tamanhos e posteriormente dê à luz.

Conforme o exposto, a análise das designações da palavra *vagina* nos cinco textos do *corpus* demonstra que, apesar das promessas de liberdade da repressão sexual feitas pelos alocutores sustentados por seus enunciadores-universais, ainda existem interdições nos discursos a respeito da anatomia e da sexualidade feminina. E, além das interdições, materializadas pelas reescrituras da palavra vagina por meio de elipses ou termos reescriturantes eufemísticos, metafóricos ou opacificantes, verifica-se a instrumentalização do discurso científico para a atribuição de veracidade a noções cristalizadas a respeito da mulher, de sua sexualidade e de seus prazeres. Assim, produz-se uma descrição da fisiologia e da biologia da mulher que justifica ou determina, com base no funcionamento anatômico, comportamentos e performances culturais de gênero e sexualidade.

Referências Bibliográficas

BARBISAN, Leci Borges; TEIXEIRA, Marlene. *Polifonia: origem e evolução do conceito em Oswald Ducrot*. Organon – Revista do Instituto de Letras Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 16, n. 32-33, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CASTILHO, Ataliba T. de; MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. *Advérbios modalizadores*. In R. Ilari, (org.) Gramática do Português Falado. Vol. II:213-260. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

DUCROT, Oswald. *Argumentação retórica e argumentação linguística*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

_____. *Princípios de Semântica Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. Edmundo Cordeiro. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault_OrdemDoDiscurso.pdf>. Acesso em 07 de dezembro de 2018.

_____. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GUIMARÃES, Eduardo. *A palavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes Editores, 2007.

_____. *Semântica do acontecimento: Um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes Editores, 2017.

_____. *Semântica: Enunciação e sentido*. Campinas: Pontes Editores, 2018.

_____. *A Linguagem e seu Funcionamento*. Campinas: Pontes Editores, 1984 apud GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica: Enunciação e sentido*. Campinas: Pontes Editores, 2018.

_____. *Texto e argumentação: um estudo das conjunções do português*. Campinas: Pontes, 1987.

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo*. São Paulo: Relume Dumara, 2001.

LEAL, Luana Aparecida Matos. *Designação e reescritura em expressões que referem os candidatos à Presidência da República, no segundo turno das eleições presidenciais de 2010*. In: XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística, 2013.

MASSMANN, Débora. *A homoafetividade no discurso jurídico*. RUA [online], no. 18, Volume 1, 2012.

Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 18 de novembro de 2019.

ORLANDI, Eni. (1984) *A Linguagem e seu Funcionamento*. Campinas: Pontes Editores, 1984
Campinas apud GUIMARÃES, E. *Semântica: Enunciação e sentido*. Campinas: Pontes Editores, 2018.

_____. *Análise de Discurso, Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

RODRIGUES, Eduardo. *Articulação e reescrituração na enunciação da imagem: uma análise semântica em A janela aberta*. Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos, nº 34, 2014.

SANTOS, Isabel Cristina Rosa dos. *A Semântica do Acontecimento e a Designação de Cidadãos nos discursos presidenciais de Prudente de Moraes e Campos Sales: o caráter personalista e os deslizes no sentido*. Monografia defendida em 2013. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=58472>>. Acesso em 10 de julho de 2018.

ZOPPI FONTANA, Mônica; PAGLIARINI BAGAGLI, Beatriz. *Os processos de designação em torno do termo cisgênero*. In: XXIII Congresso de Iniciação Científica da Unicamp, 2015.

Textos analisados

BONAFÉ, Marcela. *11 segredos e curiosidades sobre a sua vagina*. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/vida-real/11-segredos-e-curiosidades-sobre-a-sua-vagina>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

DREHMER, Raquel. *Ela é elástica e muda de cor: 15 curiosidades sobre a vagina*. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/amor-e-sexo/curiosidades-sobre-a-vagina/>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

GRAFF, Mateus. *10 COISAS QUE VOCÊ AINDA NÃO SABIA SOBRE A SUA VAGINA*. Disponível em: <<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/10-coisas-que-voce-ainda-nao-sabia-sobre-sua-vagina/>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

PATROCÍNIO, Carol. (2015). *A vagina como ela é*. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2015/12/vagina-como-ela-e.html>>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

POLO, R.; MOUHERDAUI, B. (2018). *Manual da vagina: 21 segredos que você precisa saber*. Disponível em: <<https://cosmopolitan.abril.com.br/.../manual-da-vagina-21-segredos-que-voce-precisa-saber/>>. Acesso em 13 de agosto de 2018.